

MARCUS CLÁUDIO ACQUAVIVA

lendas e tradições das américas

Arqueologia, etnologia e folclore
dos povos latino-americanos



ENIGMAS E MISTÉRIOS DO UNIVERSO

Capa:
Carlos das Neves

Revisão:
Suelly Bastos

Flora de Campos Fernandes

Composição:
Linoart

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900042343

© Copyright by Marcus Cláudio Acquaviva
© Copyright by Hemus Editora Ltda.
Mediante contrato firmado com o Autor.

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*


hemus editora limitada
01510 rua do glória 312 liberdade caixa postal 0686
fove 27999911 padix telex (011) 32005 edil br
endereco telegrafico helec são paulo sp brasil

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

ÍNDICE

BOLÍVIA

- Tiwanaku 9
- Os bruxos dos Andes 16
- Alacitas 19

BRASIL

- Brasil desconhecido 23
- Relação de aventureiros 34
- As amazonas 44
- Curare, o veneno mortal 51
- Arqueologia marajoara 57
- "Mundurucu!" 62
- Da umbanda ao candomblé 72
- Petrólio e o lobbisomem 89

CHILE

- O enigma de Hotu Matua 93
- Folclore chileno 96
- As múmias de Arica 101

COLOMBIA

- O reino do Eldorado 103

EQUADOR

- Na terra dos caçadores de cabeças 109

ESTADOS UNIDOS

- Pueblo 115

GUATEMALA

- A lenda do quetzal 119

• Vodú e magia negra 121

JAMAICA

• Religião e folclore jamaicanos 121

MÉXICO

• Deuses e sangue no México pré-colombiano 129

• O poço dos mártires 131

• Os murais de Bonampak 136

• Os murais de Bonampak 142

PARAGUAI

• Trilhando o Peabiru 142

PERU

• O fabuloso mundos dos incas 151

• No reino dos chimus 159

• Antiguidades de Kotosh 170

• As cidades perdidas dos Andes 175

• Cidades pré-históricas na Amazônia peruana 178

• Um dia em Machu Picchu 182

• Jesuítas e tesouros 185

• A rebelião de Tupac Amaru 188

• A rebelião de Tupac Amaru 192

EXXOS

LAÇÃO DE AVENTUREIROS 197

LIOGRAFIA BÁSICA 213

BOLÍVIA

TIWANAKU

“... e eu ouvia apenas o sibilar do vento eterno, vergastando as ruínas cinzentas que se espraiavam ao longe, na planície infinita e silenciosa do altiplano...”

(Diário de viagens do autor)

Tiwanaku é uma atinga e abandonada cidade de pedra, localizada no altiplano boliviano, a 90 km de La Paz e na assombrosa altitude de 3.843 m. A região é desértica, fria e quase desprovida de vegetação. Nela vivem apenas alguns índios aimarás, apascenando llamas e cultivando batatas. Na verdade, o local seria totalmente desprovido de interesse, não fosse Tiwanaku um dos mais fascinantes e misteriosos sítios arqueológicos do mundo, supondo-se ter sido capital de vasto império, quicá o mais antigo da América pré-colombiana.

ORIGENS

Os mais remotos vestígios humanos no altiplano boliviano remontam a 11 mil anos, pelo menos, deixados por caçadores provenientes da Ásia. Uma segunda corrente migratória, procedente de regiões malaio-polinésicas chega à Bolívia por volta de 2300 a.C., dando origem a várias tribos das famílias arauaque, guaraní e caraíba. Finalmente, um terceiro grupamento, originário, como o primeiro da Ásia, se estabelece no altiplano, originando os aimarás e os quíchuas. Os quíchuas seriam os fundadores do império inca, opinião contestada por vários americanistas, que começam a admitir ser tal império uma criação típica-

mente aimará. Comparados aos quíchuas, os aimarás apresentam diferenças dialetais e físicas, estas motivadas pelo meio ambiente. O tórax é excessivamente desenvolvido em relação às pernas, em razão da rarefação do ar altiplânico, e as mãos e os pés são menores que os dos demais indígenas americanos, tendendo o crânio à dolicocefalia. E sempre será válida a observação de que a palavra "quíchuá" significa "gente das terras quentes", a comprovar que os quíchuas ter-se-iam fixado, há muito tempo, nos cálidos vales andinos, tomando características culturais e físicas bem determinadas. Por outro lado, há quem afirme que os verdadeiros aimarás nada mais são que uma facção quíchuá mesclada com nativos do altiplano, surgindo, desta união, um dialeto todo próprio que passou a designar um idioma que, no fundo, não passa de um componente do "stok" lingüístico quíchuá. Ainda quanto às origens da cultura de Tiwanaku, seria esta, no dizer de alguns americanistas de escol, proveniente das florestas amazônicas, a leste dos Andes, havendo, no entanto, quem afirme ser tal cultura o legado sul-americano de povos da América Central.

EVOLUÇÃO SOCIAL

Restringimo-nos, por ora, a afirmar que o grupamento que teria dado origem a aimarás e quíchuas era formado por caçadores em estágio de transição para a agricultura, os quais teriam se estabelecido nas localidades de Chiripa e Sora-Sora, sendo Tiwanaku fundada por nativos de Chiripa.

O homem primitivo que depende da caça de grandes animais costuma se manter integrado a grandes grupos para sobreviver. Tais grupos posteriormente permanecerão unidos na coleta de alimentos e na agricultura, caso esta apresente dificuldades em razão do solo agreste. No altiplano boliviano tais grupamentos não se cindiram tampouco, perdurando através dos séculos, já que os mencionados caçadores asiáticos tiveram problemas em adaptar, às tremendas altitudes andinas, as plantas comestíveis que haviam trazido, quais sejam, o milho e a cevada. Conseguiriam, não obstante, desenvolver o cultivo da batata (*papa*), sulcando a terra com uma ferramenta bastante primitiva, denominada *taclla*.

O aperfeiçoamento da cultura da batata vai dar origem ao

chamado período dos grandes cultivos, que vai de 700 a.C. até o primeiro século da era cristã, caracterizado pelo definitivo assentamento do homem à terra. E bem sabemos que a fixação do homem ao solo (*homo manens*, em oposição ao *homo vagus*) vem a ser um dos pressupostos do surgimento do Estado.

Com o refinamento da agricultura, a população se desenvolve com maior facilidade; surgem canais de irrigação e domesticam-se a lhama e a alpaca. A árdua conservação do solo e a importância do trabalho extrativo asseguram o fortalecimento das comunidades, o que vai definindo a propriedade coletiva da terra. A figura do Estado vai tomando contornos mais nítidos e representará uma instituição imprescindível na florescente sociedade andina. Aliás, é de se frisar que as dimensões exatas do fenômeno estatal no México, Peru e Bolívia dos tempos pré-colombianos somente agora começam a ser rigorosamente tomadas pelos especialistas.

Supõe-se que o império aimará-tiwanacota era dirigido por monarca semi-absoluto, cujo poder era refreado pela tradição e pela religião. O Estado era denominado *suvi*, e seu máximo mandatário era o *Chari* ou *Sapalla*. As cidades mais importantes eram chamadas *marca*, e seus governantes *malicu*.

A célula do império era o *ayllu*, dirigido por um conselho de anciões e por um cacique, e, em caso de guerra, elegia-se um chefe transitório com plenos poderes, denominado *sinchi*. Terminadas as operações bélicas, o *sinchi* era obrigado a renunciar ao exercício do poder discricionário, a exemplo dos antigos ditadores romanos.

Ressalte-se, a esta altura, a grande influência exercida pelo clero na vida política de Tiwanaku. Sabemos que o agricultor primitivo teme os mistérios da terra, embora não consiga elucidá-los; a primeira tentativa neste sentido parte do sacerdote, do feiticeiro, votado empiricamente à descoberta de causas dos fenômenos telúricos. A partir de uma orientação meramente religiosa, o sacerdote passa a ter ascendência política sobre a comunidade, surgindo, assim, o próprio poder político. Por volta de 500 a.C., a descoberta do bronze vai assinalar profunda alteração nas lideranças políticas de Tiwanaku. Sabemos que a produção de uma liga metálica como o bronze requer alto grau de organização social, pois é preciso regulamentar e fiscalizar, em

lugares os mais distantes, a exploração e industrialização do cobre e do estanho. E se o bronze permite a confecção de ferramentas agrícolas mais eficientes, é verdade também que ensija a fabricação de armamento mais sofisticado. Isto vai inflamar uma nascente ideológica expansionista e a guerra de conquista. Os militares passam a ter influência cada vez maior na política, a então dominada pelo clero, e passam a controlar — prudentemente, diga-se de passagem — toda a produção do bronze. Tiwanaku acelera sua expansão territorial, criando um vasto império.

Do exposto, já se presume a conformação de três classes sociais bem determinadas: uma classe dirigente que, embora improdutiva, mantém a ordem e aplica a lei; uma classe de artesãos e intelectuais, que desenvolve a técnica industrial e artística; e uma grande massa trabalhadora destinada à mera produção de alimentos para todos.

Estabilizando seu organismo social, Tiwanaku consolida o primeiro império andino pré-colombiano, abrangendo os atuais territórios da Bolívia, Peru, parte do Chile e da Argentina. Os tiwanacotas já alcançam, em tal diapasão, o chamado estágio superior de barbárie, na escala cultural preconizada por Lewis H. Morgan, o estágio mais alto alcançado na América pré-colombiana.

O DIREITO AIMARA-TIWANACOTA

Supõe-se que os tiwanacotas já possuíam uma intuição do direito natural, e sua legislação apresentava curiosas peculiaridades.

Havia um código fundamental (diríamos constitucional) denominado "Mandamentos do Rei Sol", estruturado em preceitos ditados por um legendário sacerdote chamado. Nogue, personagem análoga a Hamurábi ou Moisés...

A sedição, o furto e o roubo, o estupro e a vadiagem eram delitos passíveis de pena de morte. Cinco hétrmas aconselhavam a boa conduta, a sabedoria, a bondade, a verdade e a justiça. Outras cinco deviam ser rigorosamente seguidas pelos magistrados incumbidos de congregar o *ayllu* semanalmente, instituindo a comunidade nos deveres sociais e nas vantagens da harmonia social, embasada na cooperação mútua. Mais cinco mandamen-

tos proibiam a gula e a ebridade, a apropriação egoísta da terra e mais falcatruas...

Como se vê, o número cinco parece ter sido dotado de um significado místico vinculado ao próprio direito.

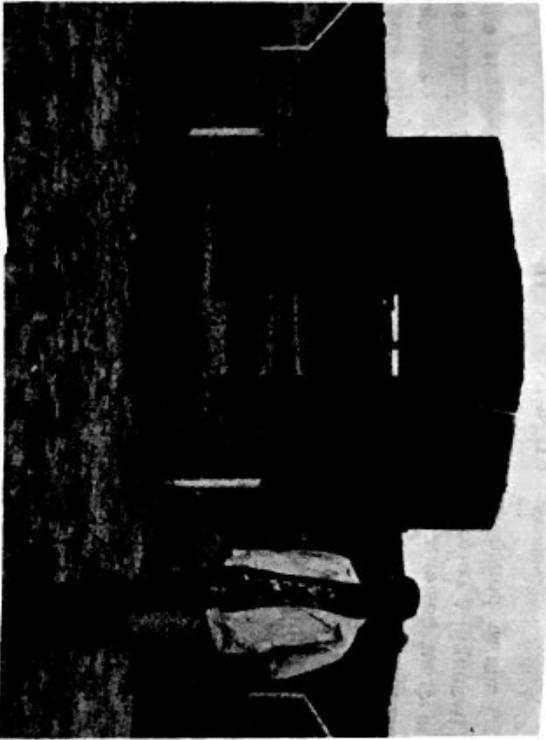
CIÊNCIA E ARTE

Embora pouco se saiba a respeito da vida quotidiana em Tiwanaku, é certo que a astronomia, a arquitetura e a engenharia eram bastante adiantadas. Os engenheiros sabiam construir terraços nas encostas das montanhas, realizavam perfetos serviços de drenagem e abriam grandes estradas. As edificações de Tiwanaku diferem das estruturas incaicas no sentido de que apresentam paredes lindamente decoradas, com portas retangulares e não trapezoidais, sendo a estatuária abundante. A esta altura vale lembrar a teoria que afirma ter sido Tiwanaku mais um centro cerimonial religioso que uma cidade habitada como qualquer outra. A este centro acorria a população dos arredores, em peregrinações religiosas, durante as quais edificavam imensos edifícios sob a direção de especialistas.

Também a medicina gozava de grande adiantamento; nas cercanias de Tiwanaku foram descobertos esqueletos humanos que apresentavam na cabeça, orifícios que, à primeira vista, fariam pensar em ferimentos de guerra, e que, analisados acuradamente, comprovou-se serem resultantes de intervenções cirúrgicas. E estas parecem ter sido bem-sucedidas, pois há formações visíveis de reconstrução pós-operatória de fragmentos de osso eliminados.

A melhoria das condições da agricultura, trazida pelo bronze, refletir-se-ia na vida espiritual, pois o tiwanacota disporia de mais tempo para dedicar-se à filosofia e ao desenvolvimento de seus dotes artísticos. Com a revolução política, intelectuais e artesãos vão conformando uma nova categoria social, privilegiada como governante, e também mantida pelos excedentes de produção dos camponeses. Manejando cinzeis de bronze, os artistas têm oportunidade de trabalhar, a endesita cinzenta, muito mais sólida e durável que a vermelha. Surgem, então, as mais belas criações de Tiwanaku, famosas em todo o mundo: as chamadas Portas do Sol e da Lua e o imponente conjunto arquitetônico de Puma Puncu. A Porta do Sol retrata as conquistas

militares de Tiwanaku pois, mais que um calendário ou manifestação religiosa, representa a comunidade tiwanacota cultuada por seus vassallos, simbolizados nas figuras esculpidas ao lado da figura principal do friso superior do monumento.



Porta do Sol, Tiwanaku, e o autor.

Quanto à estatutária, sabemos que esta, em qualquer cultura, passa normalmente por três fases: a dos petróglifos, a das estelas e a dos antropólitos. Em Tiwanaku, entretanto, não há petróglifos, havendo estelas e antropólitos, classificados estes em naturalistas e idealizados. Esta distinção reflete a evolução artístico-religiosa de Tiwanaku, pois as divindades tradicionais vão, paulatinamente, se tornando cada vez menos humanas, passando de um estágio naturalista para outro, estilizado, tudo à medida que o tempo e a crescente complexidade da vida social os vão separando de seus adoradores.

A QUEDA DO IMPÉRIO

Vimos que o império tiwanacota necessitava, para subsistir, da apropriação, pelos governantes, dos alimentos produzidos pelo

povo bem como da manufatura de artigos de consumo. Precário equilíbrio este, passível de rompimento a qualquer instante, por qualquer eventualidade, como um levantamento popular ou uma seca prolongada. Parece ter sido esta, aliás, a causa do abandono de Tiwanaku por volta de 1200 da era cristã.

A investigação arqueológica vem confirmando que os edifícios denotam a intenção dos Tiwanacotas de conservá-los por um período mais ou menos longo, pois foram recobertos com lama por mãos humanas. À seca prolongada, entretanto, veio juntar-se a má vontade e a rebelião das colônias, acarretando a fragmentação definitiva do império, que nunca mais recuperou o antigo esplendor. Sua influência, porém, perduraria séculos afora, configurada na tradição, na agricultura, nas formas políticas e na arte das culturas subseqüentes.

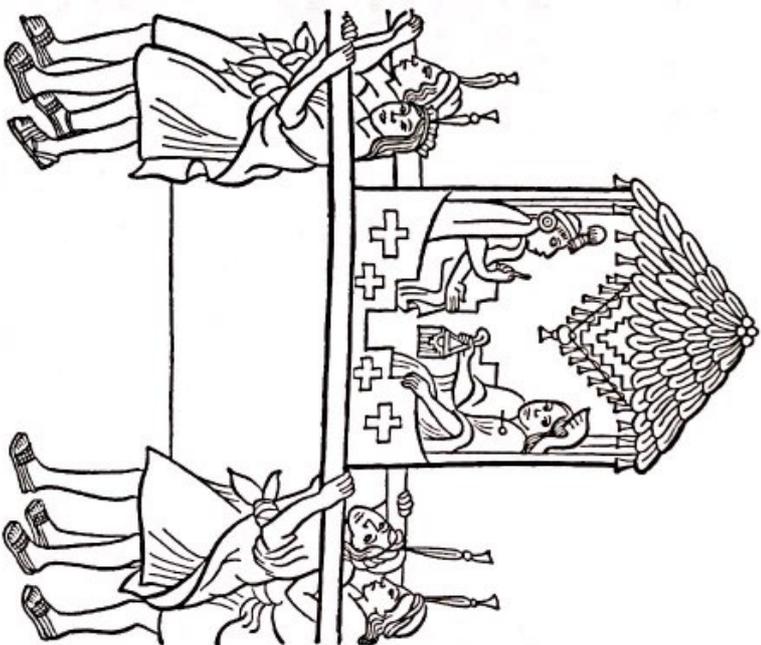
OS BRUXOS DOS ANDES

(Misterios da medicina callawayas)

Na Bolívia, Departamento de La Paz, vivem os callawayas, cuja origem até hoje não foi determinada. Mais adiantados os aimarás e os quíchuas — as duas principais etnias andinas, ao lado de inúmeras tradições milenares, os callawayas preservam entre si um idioma supostamente secreto e sofisticado, onde muitos deles perambulam indefinidamente.

O IDIOMA SECRETO DOS INCAS

A palavra *inca* não designava os 10 milhões de habitantes que compunham o império incaico, mas apenas, o monarca e a casta dominante. O povo propriamente dito autonominau-se quíchua (*Keisua*). O vocábulo "inca", desta forma, tinha o mesmo significado que a expressão "faraó", empregada pelos antigos egípcios na designação de seu rei. Pois bem, uma corrente moderna de historiadores vem defendendo a tese de que a classe dominante do império inca teria desenvolvido um linguajar peculiar, fundado no idioma quíchua. Embora os imperadores se comunicassem em quíchua com o povo — língua oficial que era — na corte seria utilizado um idioma secreto, do qual se perderia o segredo com a conquista espanhola. Bem antes desta, entre tanto, quando os incas conquistaram o território que hoje forma as terras altas da Bolívia, chamado *Kollasuyo*, ficaram muitíssimo



O inca é levado a passear por seus súditos callawayas.

impressionados com o elevado grau de conhecimentos médicos dos nativos da região. Imediatamente convocaram um grande número deles para atuar como médicos do rei e de sua corte, bem como para ensinar medicina em Cusco. Foi assim que os callawayas passaram a desempenhar um papel importantíssimo no império, atuando até como sacerdotes e magos. Privando da intimidade da casta dominante, logo assimilaram o idioma secreto, denominado *machchaj juyai*. Quando o império ruíu sob as botas espanholas, os ártivos callawayas perceberam que chegara o momento de "mudar de ares", retornando a seus pagos e aperfeiçoando ainda mais seus dotes. Passariam a falar entre si ape-

nas o *machchaj juyai*, e hoje os 2 mil callawayas que remanesce-ram de um passado magnífico seriam os últimos conhecedores da verdadeira história de um período da evolução da América pré-colombiana ainda cheio de mistérios para os arqueólogos e etnólogos.

MEDICINA CALLAWAYA

A ciência e o prestígio dos callawayas não ficaram abalados com a conquista do Peru pelos espanhóis; prosseguindo na orientação firmada pelos reis incas de viajarem por todo o império, atendendo os funcionários deste, passaram a atender todos os escalões sociais, pelo que hoje é comum encontrá-los, com suas típicas mochilas às costas, pelas ruas de Cochabamba, La Paz, Lima e Quito.

Muitas curas promovidas pelos callawayas até hoje não foram contestadas, algumas tornaram-se famosas, como a de uma filha do ex-presidente do Peru, Augusto Leguía.

Seria herético afirmar que, se na Europa medieval imperavam a peste e a falta de higiene, a medicina callawaya de então já conhecia a penicilina e a terramicina? Aquela era extraída do fermento da banana verde ou do milho, esta era ministrada em forma de emplastos de barro negro fermentado. Os médicos europeus que viam os nativos aplicarem barro às feridas de seus pacientes punham as mãos na cabeça; mas os ladinos callawayas sorriam zombeteiramente e, logo depois, os enfermos começavam a apresentar inequívocos sinais de convalescença. Já se percebe que a medicina callawaya era muito superior à do Velho Mundo. Pouca gente sabe que devemos aos indígenas nativos as propriedades farmacológicas da quina, da gengiana, do bálsamo do Peru, da malva (*malva sylvestris L.*), da *makiña* (*artemisia vulgaris L.*), da *rachaca* (*aracacha sculenta D.D.*) e de inúmeras outras substâncias de origem vegetal ou animal.

Consta que a poliomielite, a pneumonia e o próprio câncer não foram adversários para a praxe médica dos callawayas, e se hoje devemos aos astutos indígenas do *Kollasuyo* que, a rigor, bem mereciam algumas linhas a mais neste modesto rascunhar...

ALACITAS

(*Verbetes do folclore boliviano*)

Alacitas — Uma das mais antigas tradições bolivianas é o culto a Ecaco, deus da fortuna e da prosperidade. Os antigos aimarás já o veneravam, principalmente quando alguma desgraça ameaçava a felicidade de seus lares. Sua imagem era confeccionada em ouro, prata, estanho, pedra e até mesmo barro, mas, de qualquer forma, nunca faltava na casa do rico e do pobre. Ecaco era um homenzinho barrigudo e simpático, sempre sorridente, trazendo nos braços benesses a serem distribuídas entre seus fiéis. No período colonial a catequese cristã tudo fez para extrair par as idolatrias dos indígenas; também Ecaco foi ridicularizado e vilipendiado por ardorosos missionários, mas conseguiu sobreviver dentro das curiosas circunstâncias que ora passamos a narrar...

Certa vez, um grupo de espanhóis resolveu realizar uma grande festa, convidando os aborígenes para a confraternização. Estes accorrem, prazenteiros, ao singular convite. A festa penetrou noite adentro, com fantasias, fogueiras e gritaria que de longe se faziam notar. Lá pelas tantas, alguns fogosos rapazes emparraram o brilho da noite ao raptarem as jovens com quem simpatizaram. Ora, não se sabe como e por que, a tal festa foi institucionalizada por vontade popular, a ponto de, todo ano, ocorrer o tradicional "raptio" de moçoilas, agora, certamente, com aquiescência destas... A alegria acabou quando um severo bispo proibiu, terminantemente, a realização de novos festivais. Os anos se passaram. Em 1781, Don Sebastian de Seguróla, governador intendente de La Paz, após libertar a cidade de terrível

assédio de índios em rebelião, conseguiu celebrar a paz com os nativos sublevados. Para comemorar o evento, resolveu restabelecer as antigas festividades, impondo, no entanto, severas restrições quanto ao comportamento do pessoal, modificando a data da realização das comemorações de 20 de outubro para 20 de janeiro e ordenando que o comércio de miniaturas e objetos fosse realizado apenas nesta última data.

A festa foi realizada com entusiasmo, ainda maior que o de antigamente. Como de hábito os nativos haviam trazido pequenos objetos para comerciar durante as festividades, consoante determinava a tradição e o deus Ecaco. Os agricultores ofereciam a esta divindade seus melhores frutos e os industriais suas obras-primas. Quem nada podia oferecer, em razão de extrema pobreza, adquiria o que quisesse com pedrinhas que se distinguissem por alguma particularidade qualquer. Ninguém podia se recusar a recebê-las em pagamento, sob pena de incorrer na ira de Ecaco, motivo pelo qual os seixos se transformavam, na ocasião, em moeda corrente. E, na reabertura de uma festa pagã, nada mais propício que divulgar o prestígio abalado de uma tradicional divindade já meio esquecida, como Ecaco. Nunca a efígie do simpático duendezinho foi tão distribuída como na festa de Don Sebastian de Seguro. Este exultava com o sucesso de sua empreitada, ao ver inúmeras famílias participarem alegremente da música e das danças na praça principal de La Paz. Inesperadamente, entretanto, começaram a surgir, de todos os lados do logradouro, inúmeros rapazes fantasiados, em tremendo alarido, trazendo pequenas efígies de Ecaco que simulavam procurar vender, aos gritos: "Alactas, alactas!", vale dizer, "Compra, compra!"

O alvoroço e confusão provocados pela molecada foram tamanhos que, ao ser estabelecida a ordem, muitos pais começaram a dar pela falta de suas filhas, certamente raptadas como outrora! As jovens somente voltaram — e felizes da vida no dia seguinte, acompanhadas por seus sorridentes "raptadores", com os quais, diz a tradição, acabaram se casando...

O velho Ecaco reforçou sua posição de divindade casamenteira, pelo que, ainda hoje, muita moçoila costuma ter sua imagem bem guardada em seus aposentos privados, não perdendo oportunidade de, a todo momento, lhe render homenagem, beijando-a ardorosamente ao pedir-lhe marido...

BOLIVIANISMOS

"Hasta verte, Cristo mio!" — Frase que os bebedores costumam enunciar antes de emborcar, de uma só vez, o conteúdo do copo. A origem da expressão se acha vinculada a um conto popular, segundo o qual um travesso monge mandara gravar no fundo de sua caneca uma imagem de Cristo. Cheia a caneca, e pretendendo amar tanto ao Salvador a ponto de desejar ver sua imagem o quanto antes, bebia de uma só vez o conteúdo do recipiente...

"*Buscar tres pies al gato sabiendo que tiene cuatro*" — Referência a pessoa exigente, impertinente mesmo.

"*Comidita, madre!*" — Expressão utilizada por jovens estudantes para se fazerem convidar a participar do lanche de um colega.

"*Dar garronzos de ciego*" — Discutir acaloradamente sobre assunto sobre o qual não paire a menor dúvida.

"*La buena vida y la poca verguenza*" — Palavras com que devemos responder a quem pergunta a que devemos nossa boa saúde e prosperidade.

Outras expressões:

"*A gata vieja gusta raton tierno*"; "*A mujer loca y coqueta, ni el diablo sujeita*"; "*Civilización... sivilización*"; "*Cigarro que se apaga, no lo vuelvas a encender*"; "*Dar esperanza a los enfermos, es un modo de curarlos*"; "*El vivo vive del sonso, y el sonso, de su trabajo*"; "*En cojera de perro y en lagrimas de mujer, no has de creer*"; "*La vista del amo engorda al caballo*"; "*Quien da pan a perro ajeno, pierde el pan y pierde el perro*"; "*Suerte y mortaja, del cielo baja*"; "*Una buena palmada, vale más que una misa cantada*".

CARNAVAL EM ORURO

Durante o carnaval boliviano, festa móvel realizada em fevereiro ou março, a cidade de Oruro se transforma com a chegada de turistas de todas as partes da Bolívia e de outros países. Nesta localidade, as festividades carnavalescas se fizeram mais refinadas e sofisticadas que aquelas das demais cidades, como ocorreu em nosso país, com o carnaval carioca. Tal fato se deve, certamente, à famosa *diablada*, o mais belo espetáculo do folclore

boliviano. Dança originária de antigas crenças em espíritos e duendes povoadores das profundezas das minas de estanho, a *diablada* é executada por figurantes que exercem, realmente, o duro ofício de operário de minas. Dezenas de grupos, realmente, o dos quais com mais de cem figurantes, realizam exóticas evoluções que duram todo o carnaval. A coreografia é verdadeiramente majestosa, e os trajes multicoloridos dos dançarinos encontram nas estupendas máscaras diabólicas seu principal pólo de atração.



Máscara da diablada.

A *diablada* pode ser resumida em três episódios: saudação à Virgem; rebelião dos demônios; e vitória dos anjos sobre os espíritos malignos. Na tarde do sábado, despojados de suas terríveis máscaras, todos os "diabos" vão à igreja, para cantar sua chegada e orar à Virgem: "*Venimos desde el Infierno / a pedir tu bendición / todos sus hijos los diablos / Mamita del Sovacon*". No último dia do carnaval, voltam novamente ao templo e, ao se retirarem, tomados da mais viva emoção, os figurantes da *diablada*, sem voltar as costas à Virgem, vão entoando: "*Como corazonas / derrama tu bendición. / No nos niegues, pues, tu amparo / Divina Madre de Dios / Hasta el año Madrecita / Hasta el año! / Adiós! / Adiós!*". Termina o carnaval. Voltam os mineiros ao seu triste e monótono labor...

BRASIL

BRASIL DESCONHECIDO

"...atrás da cordilheira. Alguma coisa perdida por detrás dela. Perdida e à vossa espera. Iade!"

Rudyard Kipling

Há milhares de anos, um povo de origem desconhecida estabeleceu-se no México, onde criou notável civilização. Eram os toltecas, cujo nome significa "talentoso". Construíram imensas cidades, belíssimos templos em honra ao Sol, conheciam uma espécie de papiro e fabricavam finíssimos instrumentos de metal. Pois bem: muita gente defende a tese de que este misterioso povo não teria ficado restrito ao México, espalhando-se pela América Central e América do Sul, fundando, no Peru e no Brasil, inúmeras colônias. Viviam muito bem, até o dia em que tremendo cataclisma se abateu sobre esta parte do mundo; horríveis terremotos destruíram completamente as cidades do nosso continente, matando milhares de pessoas. A tese em questão encontra opositor: estes afirmam que terremotos e erupções vulcânicas jamais poderiam causar uma destruição de proporções continentais. Para que um continente desapareça, ou mesmo mude sua forma, são necessários milhões de anos. Isto não impedia que aparecesse gente dizendo que o causador da tragédia teria sido um cometa errante, que, ao passar muito perto da Terra, teria provocado perturbações em sua órbita, inclinação e rotação.

INDIOS BRANCOS NO BRASIL

Hoje está provado que povos civilizados, como os incas e os astecas, basearam sua cultura em civilizações preexistentes. As

misteriosas ruínas pré-colombianas de Tiwanaku e Chavin de Huántar já existiam antes mesmo da civilização inca. Na época da conquista espanhola, os índios peruanos afirmavam que Tiwanaku havia sido edificada por uma raça branca, de olhos azuis. Quando as missões jesuítas dos séculos XVI e XVII estiveram em contato com os tupis, estes contaram uma história semelhante à dos índios do Peru: teriam sido, outrora, dominados por uma raça branca, de homens loiros, barbados e mulheres de pés e mãos delicados. Ora, os toltecas, que teriam dominado as Américas, também eram quase brancos; muitos deles tinham cabelos loiros e olhos azuis.

Os conquistadores espanhóis que dominaram o Peru afirmavam que a nobreza dos incas era composta por homens e mulheres de raça branca, alourados, que evitavam uma mistura de sangue com os *yanacoras*, isto é, os índios propriamente ditos. Os índios molopagues, descobertos em Minas Gerais, no século XVII, tinham a tez clara e os olhos azuis. Diga-se o mesmo dos índios maxubis, que, embora jamais tivessem entrado em contato com o branco, tinham a pele clara e cabelos dourados. Na América do Norte, temos o caso dos índios tuscadoras, observados, pela primeira vez, por Alexandre von Humboldt. Apresentam caracteres físicos que parecem resultar de uma mistura antiquíssima com um povo de raça branca. Seria este o povo tolteca? E, no caso de resposta afirmativa, restaria uma dúvida: qual a origem dos toltecas? Seriam de origem européia ou não? Mistério...

AS COLONIAS TOLTECAS BRASILEIRAS

Que teria acontecido às cidades toltecas do Brasil na época da grande catástrofe? Os próprios defensores da tese do metiventes se dispersaram divergem entre si. Uns afirmam que os sobreviventes se dispersaram pelo Brasil, fugindo para o Leste e para o Norte. Outros afirmam que os toltecas remanescentes permaneceram nas cidades destruídas. Pelo menos uma delas teria se desenvolvido novamente. De fato, os índios da Bolívia contam que os toltecas do Brasil fundaram, após os terremotos, uma nova cidade, completamente isolada do resto do mundo pelas impenetráveis florestas brasileiras.

O MISTERIOSO IMPÉRIO DOS MUSUS

Esta metrópole, riquíssima e bem traçada, seria a capital do império dos musus, isto é, os toltecas brasileiros. Conforme relatos de missionários franciscanos, os musus se tornaram tão famosos por sua avançada civilização e suas imensas riquezas, que os índios de todo o continente sul-americano iam, periodicamente, prestar homenagem ao seu imperador, o *Grande Paítiti*. De regresso, os peregrinos traziam finíssimos objetos de ouro, prata e pedras preciosas, que deixavam os conquistadores espanhóis boquiabertos. Os nativos que visitavam o poderoso reino dos musus afirmam que estes contavam com um exército tão forte, que chegara a derrotar os incas, quando o império destes se encontrava no apogeu.

MA-NOA, A CIDADE DOURADA

O prestígio dos musus cresceu tanto que deu origem à lenda da cidade perdida de Ma-Noa, também chamada Candiré. Emin ou Ambaia, situada a leste do rio Xingu, ou na serra do Tumaou cumaque. Para os espanhóis, ávidos de ouro, Ma-Noa viria, com o tempo, a se transformar no lendário Eldorado. Em 1535, Francisco Pizarro, entusiasmado com as histórias contadas sobre Ma-Noa, mandou Pedro de Candia procurar a fabulosa metrópole. Sem êxito. Em 1539, o conquistador mandou Pedro Auzures. Idem. No ano de 1654, um cidadão chamado Tomás Chaves afirmava, entusiasmadamente, ter visitado Ma-Noa, a convite do Grande Paítiti.

Contava, com olhos sonhadores, que a viagem até o reino dos musus havia durado um mês, através de florestas virgens, tendo sido transportado durante a mesma numa luxuosa liteira, carregada por educadíssimos nativos. Afirmava que a região de Ambaia era mais densamente povoada e mais rica em ouro e prata que o império dos incas. Em 1950, um famoso explorador francês, Raymond Maufrais, veio ao Brasil em busca de Ma-Noa.

Ao invés da cidade aparecer, ele desapareceu, para espanto dos que conheciam sua experiência em expedições semelhantes...

O DESAPARECIMENTO DO CORONEL FAWCETT

O mais famoso explorador estrangeiro dos sertões do Brasil foi o coronel Percy Harrison Fawcett. Oficial britânico, formado em engenharia, foi designado para delimitar as fronteiras entre o Peru, a Bolívia e o Brasil. Apaixonou-se de tal forma entre mistérios do continente sul-americano que, tão logo terminou seu trabalho, dedicou-se até o fim de sua vida à exploração sistemática dos sertões peruanos, bolivianos e brasileiros. Fawcett afirmava que as ruínas das cidades dos toltecas colonizadores seriam encontradas no Brasil. Procurando tais fabulosas cidades desapareceu, misteriosamente, nas selvas do Xingu, no ano de 1925.

O IDOLO DE PEDRA NEGRA

Quando desapareceu nos sertões brasileiros, Fawcett levava consigo uma estatueta de basalto negro, com 25 cm de altura, território brasileiro, talvez o Mato Grosso. Se fosse encontrada, seria uma das maiores provas da existência de uma civilização antiquíssima no Brasil. Ao que consta, ela teria 24 estranhos caracteres gravados, não decifrados. Sabe-se que 14 destes misteriosos símbolos foram encontrados em peças de cerâmicas pré-cabralinas provenientes das mais diferentes partes do Brasil. Por odisséia do Coronel Fawcett. Há mais, entretanto, pois a imagem teria uma particularidade notável: toda pessoa que a tocasse sofreria forte corrente elétrica. Algumas, mais sensíveis, mal conseguiriam tocá-la. Peritos do Museu Britânico não souberam explicar o fenômeno. Certa ocasião, o filho do coronel Fawcett, Brian, apelou para a psicomетria para resolver o mistério. A psicomетria baseia-se na teoria de que todo material conserva em si o registro de suas vicissitudes físicas, registro este acessível a uma pessoa bastante sensível para captar as vibrações particulares nele registradas. Brian conta que era desconhecido do psicometrista que, tendo a imagem numa das mãos, com a outra ia escrevendo, em completa escuridão: "Vejo um grande continente de forma irregular, estendendo-se da costa da África para a América do Sul". "Vejo aldeias e cidades de uma civili-



Estatueta que pertenceu ao coronel Fawcett, e que seria proveniente de uma civilização pré-colombiana situada no Brasil.

zação bastante adiantada... "Existem templos bem trabalhados... "O interior destes é escuro, mas nos altares há a representação de um grande olho... "Colocadas em várias partes do templo estão algumas imagens como a que eu tenho na mão, e esta era, evidentemente, o retrato de um sacerdote de alta categoria... "A grande população das cidades ocidentais parece consistir de três classes... "Há um monarca hereditário, uma classe média, os nobres e os escravos". "Então vi vulcões em violenta erupção... "Não posso obter a data certa da catástrofe, mas parece que foi muito antes do Egito nascer... "

Brian afirma que outros psicometristas tiveram nas mãos a imagem, confirmando tais impressões. Diz ainda que não é de se desdenhar uma possível relação entre a Atlântida e o Brasil. Que conclusão tiramos disso tudo? Será que a estatueta do Coronel Fawcett seria a chave para a descoberta da Pré-História

brasileira? Não seria ela, por outro lado, uma ingênua falsificação injustificadamente valorizada? Entretanto, quem iria falsificar um objeto para obter algum proveito econômico, sem ter a certeza de que ele seria considerado autêntico? Seria muito mais vantajoso produzir "legítimas" estatuetas incas, maias, e até egípcias...

MÓMIAS ANTEDILUVIANAS EM MINAS GERAIS E MATO GROSSO

Conta-nos Estrellita Júnior que em Minas Gerais, na região de Uberlândia, um camponês de nome José Gomes da Fonseca teria descoberto fortuitamente, conforme notícia publicada no jornal Diário da Manhã, do Estado do Espírito Santo, em 15-12-1916, uma impressionante gruta escavada por mãos humanas e oculta pela vegetação. Tangido pela curiosidade, penetrou na escuridão da caverna e, à luz do archote, percorreu diversas câmaras lavradas na rocha viva, todas elas revestidas de mobília confeccionada em arceira e pintada com apuro. Das paredes pendiam cabeças humanas e de felinos, também lavradas em pedra e guarnecidas com chapas de ouro. O achado mais impressionante, entretanto, foi o de cadáveres humanos mumificados, de excepcional estatura, muito diferentes dos índios conhecidos. O improvisado explorador não pôde ir adiante porque foi atacado por um enxame de marimbondos, que defenderam, furiosamente, aquelas antighalhas. Não se tem notícia de uma exploração mais racional deste enigma arqueológico...

TEMPLOS PRÉ-HISTÓRICOS EM MATO GROSSO

No contraforte da Serra da Canastra, a 145 km de Cuiabá, encontra-se a cidade de Rosário-Oeste. A 66 km desta, na rota da Barra do Rio dos Bugres, na estrada que comunica o Alto Cuiabá com o Alto Paraguai, existe o monte Ararinhas, com cerca de 500 m de altura. Em seu topo, conta-nos Estrellita Júnior, foi descoberta uma gruta onde há uma vasta galeria mobiliada com peças de pedra e um altar primitivo. A seguir, a escuridão. Ninguém, jamais, ousou ir além...

CIDADES PERDIDAS NA BAHIA E NO MATO GROSSO

No ano de 1753, um nativo de Minas Gerais e vários indígenas embrenharam-se nos sertões do Brasil, em busca de ouro e prata. Teriam descoberto uma imensa cidade de pedra, abandonada e antiquíssima. Voltaram ao litoral, pensando num posterior regresso, para uma exploração mais detalhada. Não se sabe se voltaram ou não à misteriosa cidade. Quando o coronel Fawcett explorava os sertões do Mato Grosso, foi informado por indígenas da região, que ao norte daquele estado existia uma misteriosa cidade; tinha edifícios de pedra e ruas bem traçadas, sendo habitada por um estranho povo. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existe um documento que, ao que se supõe, descreve uma cidade de pedra, abandonada há séculos, nos sertões do Brasil Central. Tratamos desta descoberta em outro capítulo deste livro. As ruínas desta metrópole pré-histórica ou de outra, congênera, teriam sido encontradas, certa ocasião, por um velho boiadeiro, em condições pitorescas: regressava o mencionado ancião de uma feira de gado, quando um animal do rebanho que conduzia escapuliu durante a noite. O velho, furioso, pôs-se no encalço do fujão. Tão absorto estava na busca que, quando deu por si, se encontrava numa vasta praça, pavimentada com enormes lajes, onde vicejava o mato. O velho, surpreso, voltou-se e percebeu que havia passado sob pesados arcos de pedra que pareciam ser a entrada de uma cidade desconhecida e antiquíssima. Já com o coração aos pulos, o boiadeiro viu, à luz prateada do luar, casas feitas de pedra e largas ruas pavimentadas. Não bastasse isso, deu de cara com uma estátua de pedra que parecia encará-lo fixamente. Isso foi demais para o pobre homem, que fugiu apavorado... São inúmeras as narrativas a respeito de cidades perdidas no Brasil. Todas parecem ter um fundo de verdade, pois, além de coincidirem em muitos pontos, são originárias das mais diversas partes do Brasil. De um Brasil desconhecido...

A ANACONDA GIGANTE

Os mistérios do Brasil desconhecido não se restringem a tolcas e cidades perdidas na selva. Entre os índios e caçadores que

exploram os imensos serções brasileiros, nunca faltam histórias a respeito de monstros gigantescos que habitariam as florestas da Amazônia. A maior serpente capturada até hoje mede 12 m de comprimento. Imagine o leitor uma cobra com o dobro desse tamanho. Pois ela existe. Pelo menos, é o que afirmam os índios do Alto Amazonas. Esta monstruosa serpente seria a anaconda gigante, também conhecida por sucuriçu, boiúna ou cobra grande. Ela, segundo contam, vai derrubando até mesmo árvores de tamanho médio, com seu enorme peso, abrindo vastas trilhas nas florestas onde habita.

No ano de 1947, uma guarnição do Exército sediada no rio Oiapoque teria matado uma sucuri com quase 20 m de comprimento. Como não houvesse meios de embalsamar o réptil ou mesmo retirar seu couro, o corpanzil foi atirado nas águas do rio. Antes, porém, foi tirada uma fotografia da serpente, publicada pelo sertanista Willy Aureli, no jornal *A Época*, do qual era diretor. A fotografia saiu um tanto tremida e escura, e o próprio sertanista afirmou, numa de suas obras: "... publiquei a notícia conforme a recebi, embora, intimamente, duvidasse do real tamanho da anaconda".

Em contrapartida, o fato teria sido confirmado por oficiais da guarnição e nativos que se achavam no quartel e que participaram da empreitada.

A anaconda gigante ou sucuriçu seria uma espécie raríssima de boa, ainda não capturada, que viveria somente nos imensos e inexplorados lagos do Alto Amazonas, e que desceria os rios apenas em setembro e outubro. Em obra magnífica, pelo conteúdo e qualidade editorial, o doutor Antonio de Pádua Bertelli faz curiosas e abundantes referências à sucuriçu e outros mitos da Amazônia e do Pantanal matogrossense, citando um trecho do general Couto de Magalhães, que vem bem a calhar, *in verbis*:

"Há aqui, pelo Araguaia, outra serpente muito grande, que inspira aos viajantes mais terror que a sucuri, mas cuja existência não se deve admitir sem maior exame, apesar de muitos deles afirmarem que a viram. Dão-lhe o nome de cobra dormideira, porque o sinal pelo qual a distinguem é o resfolegar estrepitoso que tem ela durante o sono, o qual, dizem, se ouve muito ao longe. Segundo eles, essa cobra é toda negra e tem a cabeça pela mesma forma de um cão de fila, mas muito maior. Dizem eles que é maior do que a

sucuri mas menor do que o minhocão. Pode ser alguma espécie da família da boa, ainda desconhecida. A avançada hora da noite, depois de já acomodados, ouvimos urrar uma sucuri; os urros partiam de um pequeno lago, cuja boca avistamos do outro lado do rio, coberto de matão alto, negro e muito denso. Os urros dessa cobra são verdadeiramente medonhos no meio destes desertos, sobretudo nessas horas da noite".¹

Na verdade, o maior exemplar de sucuri (*Leuctes murinus*) até hoje capturado mede 8,70 m, e se acha no Museu de Londres. Entretanto, não são desdenháveis as afirmações do naturalista Rudolf Von Ihering, sobre sucuris de 11 m, e do sertanista Couto de Magalhães, a respeito de exemplares capturados no Mato Grosso, Amazonas e Pará, com 12 m de comprimento e quase 30 cm de diâmetro!

Numa das mais significativas páginas da poesia modernista, Raul Bopp descreveu a cobra grande ou sucuriçu como uma lenda; mas há quem continue a jurar que o monstro é real...

AS MISTERIOSAS INSCRIÇÕES RUPESTRES DE CANTAGALO

Na região do rio Tapajós existe uma pequena colina, conhecida por Cantagalo. Nesse local existem estranhas inscrições rupestres, executadas na superfície lisa de um rochedo na vertical, a 8 m acima do nível máximo que podem atingir as enchentes do rio. Teria sido impossível traçá-las naquela altura, mesmo com o auxílio de andaimés, porque a correnteza é muito forte. Os caracteres denotam uma superioridade intelectual de seus executores em relação aos índios da região. O barão de Humboldt encontrou inscrições semelhantes no Orenoco, nas mesmas circunstâncias. Na Colômbia já foram vistas inscrições semelhantes às de Cantagalo. Quem teria executado tão estranhos símbolos? Mistério de um Brasil desconhecido...

UM ENIGMA CERÂMICO

No ano de 1976, pescadores encontraram fragmentos de vasos

1. Antonio de Pádua Bertelli, *O Paraíso das Espécies Vivas, Pantanal de Mato Grosso*, São Paulo, CERIFA Editora, 1984, p. 126.

de cerâmica em águas vizinhas à Ilha do Governador. Um gulhador anônimo, que viu as peças, logo percebeu que eram muito antigas, e por isso resolveu fazer uma exploração detalhada, por conta própria. Resultado: extraiu do fundo do mar, naquela área, duas ânforas que, segundo a professora Maisa Beth Will, da Universidade de Massachusetts, seriam do século III antes de Cristo, produzidas numa colônia romana da costa atlântica do Marrocos. Ao que consta, especialistas brasileiros mostraram-se céticos a respeito, e as ânforas teriam ido para um depósito da Marinha brasileira. Pois bem, um escritor norte-americano chamado Robert Marx, atraído pela descoberta, começou a fazer explorações no litoral fluminense, devidamente autorizado a tanto. Em 1982, mergulhando a quase 30 m de profundidade, ele teria encontrado cacos de mais duzentas ânforas quebradas e umas poucas inteiras. Entusiasmado, Marx passou a examinar o local com material de pesquisa moderníssimo, chegando à conclusão de que, abaixo dos destroços cerâmicos, haveria, sob uma grossa camada de lama, uma autêntica embarcação de madeira de origem romana, que estaria transportando as ânforas! Desviado de seu curso pelas correntes marítimas, o navio teria aportado no Brasil muitos séculos antes de Cabral! Neste ponto, começaram a surgir desentendimentos entre o norte-americano e a Marinha brasileira: aquele acusava esta de ter, intencionalmente, recoberto o navio "romano" com lodo, para não despertar a atenção de novos exploradores do local e para não retirar do nosso Cabral a primazia do descobrimento; esta, por sua vez, defendeu-se energeticamente, acusando o norte-americano de ser contrabandista de objetos que ele teria recuperado de outras embarcações, portuguesas, francesas e inglesas, naufradas em nosso litoral. Para comprovar suas afirmações, a Marinha exibiu o catálogo de um leilão realizado em 1983, na Holanda, no qual foram vendidas moedas de ouro e outros preciosos objetos, todos em nome de Robert Marx. Para demonstrar que não estava para brincadeiras, a Marinha resolveu cancelar todas as licenças de exploração arqueológica no litoral, e a entrada de Robert Marx no Brasil foi expressamente proibida. Com isso, ficaram suspensos vários projetos de pesquisa submarina promovidos por estrangeiros, que já haviam descoberto muita coisa em ouro e prata. Para complicar ainda mais a história,

um milionário chamado Américo Santarelli entrou em cena, afirmando que as duas ânforas eram de sua propriedade. Elas não seriam antigas, mas contemporâneas, feitas sob encomenda para o seu proprietário, e lançadas ao mar, em 1961, para "envelhecer"...

A propósito, por onde andam, afinal, as tais ânforas?

FENÍCIOS NO BRASIL?

Segundo o estudioso Ludwig Schwennhagen, os fenícios estiveram no Brasil, utilizando-se de nosso país como base comercial por um período de quase mil anos. Aquele pesquisador descobriu, na Amazônia, inscrições rupestres que seriam de origem fenícia, referindo-se as mesmas a reis das cidades púnicas de Sidon e Tiro. Os fenícios teriam conseguido chegar ao continente sul-americano utilizando-se de sua avançada técnica de navegação, orientando-se pelos astros, pelas correntes marítimas e pela direção do vento. Teriam fundado inúmeras colônias do Nordeste brasileiro, deixando vestígios de sua passagem pela região.

Entretanto, muita gente discorda da hipótese dos fenícios terem estado em nosso país, em épocas remotas. Afirma-se que, para uma viagem através do Atlântico, seriam necessárias enormes quantidades de víveres e água, o que sobrecarregaria demasiadamente as estreitas embarcações dos fenícios. Além disso, o marinho púnico nada conhecia dos ventos e correntes do Oceano Atlântico. O típico navio fenício, dotado de um só mastro, não poderia navegar contra o vento. Apesar de todos os seus conhecimentos a respeito da arte de navegar, os fenícios só poderiam chegar à América se contassem com um tempo excepcionalmente propício, perfeito conhecimento da rota a seguir e, mais que tudo isso, uma grande proteção do destino... Mesmo assim, os prós e contras se chocam continuamente, pois sempre aparecem novas provas e hipóteses para a solução do problema. Enquanto isso, a enigmática inscrição da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, muda testemunha da hipotética passagem de um povo destemido pelo Brasil, em priscas eras, vai martelando nossa mente: "Aqui Badezir, rei de Tiro, primogênito de Jetbaal..."

RELAÇÃO DE AVENTUREIROS

"A resposta ao enigma da antiga América do Sul — e talvez do mundo pré-histórico — será encontrada quando aquelas antigas cidades forem localizadas e abertas às pesquisas científicas. Sei que essas cidades existem..."

P. H. Fawcett

Por volta de 1610, quando governava Portugal o rei Filipe II (Filipe III, de Espanha), apareceu na corte uma estranha personagem, dizendo chamar-se Robério Dias e ser filho de Melchior Dias Moreira, homem que ficara riquíssimo ao descobrir fabulosas minas de ouro e prata em local desconhecido dos sertões brasileiros. Robério Dias afirmava que seu pai, alcunhado Muri-beca pelos nativos, fora casado com uma irmã de Paraguaçu, a companheira de Diogo Álvares, nosso popular Caramuru. Trazia um curioso pedido ao monarca: pretendia o título de marquês em troca das minas e da imensa fortuna que lhe deixara seu pai. Filipe II concordou de imediato; depois, refletindo melhor, resolveu não conceder o marquesado a um simples mestiço, sem perder, com isso, as tais minas, que bem poderiam existir. Entretanto, o filho de Muribeca mostrou-se tão esperto quanto o rei, e acabou não revelando o local das supostas riquezas, morrendo logo depois.

Muitos anos se passaram. Em 1753, um nativo de Minas Gerais, cujo nome se ignora, ouviu falar do tesouro de Muribeca e, com a imaginação assanhada, resolveu descobri-lo. Naquela época, as desconhecidas florestas brasileiras, infestadas de

animais peçonhentos, doenças e selvagens ferozes, não causavam medo a tais aventureiros. Ouro é sempre ouro, e ninguém fica rico esperando que caiam do céu pepitas ou diamantes...

NA TRILHA DE MURIBECA

Se assim pensou, melhor o fez. Arregramento alguns portugueses, uma dúzia de negros, meia de índios, algum material de exploração, e lá se foi rumo ao misterioso interior do Brasil, à procura do ouro de Muribeca...

O grupo vagou durante anos, pensosamente, sem nada encontrar. O desânimo já começava a se transformar em revolta e desespero naqueles espíritos rudes. As coisas estavam assim quando certo dia avistaram, em algum lugar do sertão baiano, uma vasta planície que terminava numa cadeia de montanhas. Alguma coisa estranha, talvez a intuição, encaminhou os expedicionários na direção daqueles montes; à medida que se aproximavam, aqueles píncaros começaram a tomar uma linda cor dourada, produzida pelos raios do sol poente. Alucinados pela esperança, os desbravadores viram ouro puro naquele fenômeno da natureza. "É um sinal!", gritaram. "Descobrimos as minas de Muribeca!"

O acontecimento retemperou as forças do pessoal e trouxe renovadas esperanças para a busca. Resolveram acampar, pois já era quase noite. Iniciariam a exploração das montanhas no dia seguinte.

Foi assim que, pela manhã, dois homens saíram à procura de lenha; estavam os outros a dormir, quando gritos e ruídos confusos cortaram o silêncio do alvorecer! Os dois que haviam saído apareceram gritando, esbaforidos: "Encontramos uma trilha de pedra aberta por mãos humanas!" Imediatamente, todos se puseram em marcha, e realmente, lá estava uma estrada de pedra de aparência antiquíssima e em precário estado, mas ainda capaz de levar os aventureiros ao cume das montanhas douradas.

A CIDADE PERDIDA

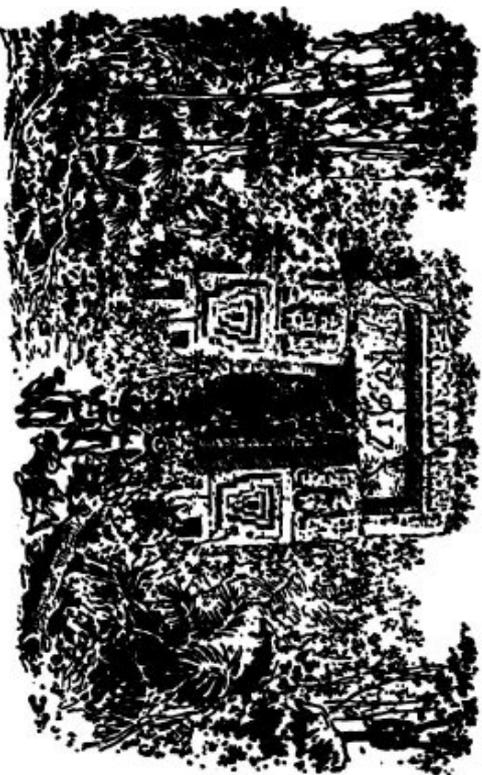
Após árdua subida apareceram, arquejantes e afogueados de esperança, num tabuleiro de pedra do qual se descortinava uma

verde planície. Estranho e soberbo espetáculo! Nela, lá embaixo, avistaram uma grande cidade! Ao espanto seguiu-se o medo. Esconderam-se atrás de algumas rochas, para que suas silhuetas, ao contraste do céu azul, não fossem percebidas pelos habitantes da estranha povoação. Quem seriam estes? entreolharam-se curiosos. Seriam espanhóis ou portugueses? Quem se recolhesse dali Muribeca obtivera seu ouro? Ao medo seguiu-se a curiosidade e o desejo insopitável de voltar ao contato da civilização, após tanto tempo de vida selvagem. A um sinal do chefe da expedição, todos puseram-se em marcha rumo à cidade, procurando aproximar-se desta o mais possível, a fim de conseguir maiores informações. Desde logo, quatro batedores foram enviados à vanguarda do grupo, os quais logo retornaram, afirmando, para surpresa geral, que o lugar estava desabitado. Resolveu-se, então, que todos entrariam e explorariam a misteriosa metrópole.

A entrada da cidade era formada por majestosos blocos de pedra: no arco central viam-se numerosas inscrições, já meio apagadas pelo tempo. Embora fossem homens rudes, todos perceberam que elas pertenciam a alguma escrita já desaparecida há séculos. Ultrapassando a entrada, depararam com uma avenida, calçada com enormes lajes de pedra, muitas já gastas pela erosão e um tanto desniveladas, entre as quais vicejava a erva daninha. Avançaram cuidadosamente. O silêncio era absoluto e inquietante. Com que, então, uma cidade tão grande estaria despoçada? Colunas tombadas e restos de estranhos monumentos dificultavam a marcha. Nos dois lados da imensa rua havia casas de dois andares, construídas com enormes blocos de pedra, talhados com perfeição. Não havia sinal de mobiliário ou de alfaias. A cidade devia ser tão antiga que tais coisas já estariam transformadas em pó. Boquiabertos, chegaram ao fim da avenida, desembocando em vasta praça, na qual ainda se erguiam lindos obeliscos e a estátua de um homem a apontar para o norte. Ocupando por inteiro um dos lados da praça, levantava-se majestoso edifício, artisticamente talhado. Compentradados, nossos heróis resolveram adentrar as escuras dependências do prédio. Logo perceberam que nestas havia vestígios de pinturas policromáticas. Morcegos esvoaçavam no interior daquele refúgio milenar, assustados com a súbita intrusão dos aventureiros, cujas vozes

ressoavam, lugubrememente, no estranho lugar. Saindo à luz do sol, perceberam que em outro lado da praça havia outro edifício, aparentando ser um templo, no interior do qual as paredes estavam recobertas de estranhos caracteres, que foram copiados pelo organizador da expedição.

A exceção da avenida e da praça, a cidade estava em ruínas. Não poderia haver dúvida; ela fora destruída por medonho terremoto que fizera desaparecer em segundos o fruto do trabalho de, quem sabe, milênios!



A entrada da cidade era formada por majestosos blocos de pedra...

Havia, nas proximidades, um rio de largura razoável, e numa de suas margens ainda havia vestígios de uma velha pavimentação. Na margem oposta, os aventureiros exploraram outro edifício, arruinado, com quinze salas que se abriam para um vestibulo dotado de mais pinturas e originais esculturas em pedra. Rio abaixo, descobriram cavernas artificiais, seladas com grandes lajes, possivelmente túmulos de governantes ou sacerdotes da misteriosa civilização.

Graças à fertilidade do solo e à abundância de caça, o grupo pôde permanecer no local por vários dias, num dos quais teriam avistado dois homens de cor branca, numa embarcação, vestindo

longos trajés, e que logo desapareceram, quando perceberam a presença de estranhos.

Embora procurassem exaustivamente, nossos heróis não encontraram nada que evocasse as minas de Muribeca, a não ser uma debastada moedinha que trazia a efigie de um guerreiro com arco e flecha.

Tudo leva a crer, contudo, que era plano dos aventureiros voltar à cidade misteriosa para prosseguir as buscas, pois trouxeram, além de uma descrição minuciosa do lugar e um mapa razoável da região, uma cópia tão exata quanto possível das inscrições descobertas na entrada e no templo da povoação da pedra. O fato é que dos aventureiros nunca mais se ouviu falar: os manuscritos e a moeda foram parar nas mãos das autoridades, que, após um interesse inicial, não deram maior importância à descoberta. Em 1838, um funcionário do Instituto Histórico do Rio de Janeiro redescobriu a relação dos aventureiros, que foi catalogada com a denominação *Relação histórica de uma oculta e grande povoação antiqüíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753*, sob o n.º 512, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, onde permanece até hoje.

A narrativa que o prezado leitor acompanhou — assim espero — até aqui está calcada fielmente no texto original do manuscrito; e é exatamente aqui que começa a segunda parte da história. As ruínas da cidade misteriosa do sertão baiano teriam sido visitadas, depois, mais precisamente em 1839 ou 1842, pelo padre Benigno José de Carvalho e Cunha, que afirmou ter visto grandes construções de pedra nas quais estariam inscritos o signo do rei Salomão (!) e figuras de guerreiros hebreus. Reatado de 1725, que também descrevia a tal cidade da pré-história baiana como sendo formada por "... ruas largas, arcos de pedra, casas com tetos abobadados, obeliscos, praças, jardins e um grande templo".

Mais um pesquisador, de nome Manuel Rodrigues de Oliveira, teria descoberto, nas proximidades do local onde o manuscrito de 1753 localizava a cidade perdida — ao que se supõe a região dos rios Paraguaçu e Una —, cacos de cerâmica, alieceres de edifícios e até fragmentos de mobiliário.

Volta e meia a lenda (?) da cidade perdida reacende a curiosidade.

KVΦI}

t=VZUos

⊕⊕t:~NδIKt

AVVEMεOΔΔ...

Inscrições encontradas no portal de entrada da cidade pré-histórica supostamente situada nos sertões da Bahia.

sidade da imprensa, para, a seguir, voltar ao esquecimento. No momento, dois pesquisadores brasileiros estão empenhados em tentar solucionar o enigma. Sérgio Veronesi e João Carlos Castilho afirmam que a cidade se encontra na região da serra do Sincorá e sua origem deve ser fenícia ou grega. Desacomodados de pedir ajuda ao governo, eles próprios resolveram realizar pesquisas e pesquisas na região. Segundo o noticiário jornalístico, os dois estudiosos reforçaram sua opinião quando tomaram conhecimento do livro *Civilizações Perdidas das Américas*, do professor Aurélio M. G. de Abreu, profundo conhecedor da ciência arqueológica e de seus mistérios. As conclusões de ambos coincidem com as do livro.

O ilustre professor chileno Roberto Levillier escreveu um livro curioso e apaixonante, intitulado *O Patiti, o Eldorado e as Amazonas*, e nele o referido pesquisador faz colocações originais e bem fundamentadas, no sentido de que a cidade perdida, tão procurada por todos, seria uma colônia de refugiados do império inca que se estabeleceu na serra dos Parecis, conforme a

seguinte descrição, feita pelo próprio Levillier, a título de conclusão de sua obra:

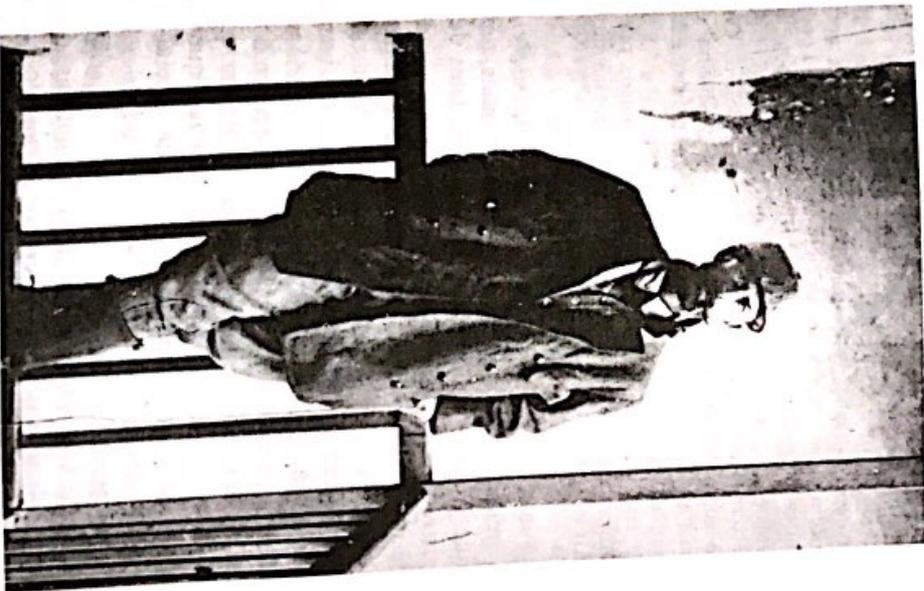
"Dos dados convergentes torna-se claro que os incas ocuparam a serra de Parecis na vertente que dava para o Brasil e esta se estendia dos 10.º de latitude, na proximidade do Madeira e a SE até o norte do rio Paraguai em 14.º, entre os meridianos 64 e 57. Como o leitor poderá julgar, a superfície do feudo era de aproximadamente 70 léguas de norte a sul e 125 de oeste a leste. A Terra Rica, Paítiti ou Eldorado, que mantava as quimeras dos conquistadores e iam até a confluência de grandes rios, onde milhares de incas tinham se refugiado. Todas as expedições fracassaram, desanimadas pelas águas transbordadas dos rios, pela falta de alimentos, ou pela perseguição de indígenas tão indômitos como as selvas, erigidas de anacondas monstruosas, dificuldades e pestes. Estes intrépidos e custosos esforços duraram quase quatro séculos, pois a última tentativa foi a do britânico Fawcett, desaparecido na serra do Roncador. A terra do Grande Paítiti, que os espanhóis procuraram durante mais de dois séculos, sem conseguir conquistá-la, é hoje o Território de Rondônia, no Mato Grosso. O levantamento feito sob a direção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Rio de Janeiro, em 1959, mostra uma região quase inteiramente montanhosa, em grande parte da qual se chama *chapada*, o que equivale a *lomas pedadas* em castelhano. Estes acidentes e a cordilheira que corre por todo o território correspondem muito bem à forma que dão ao que se chamava a província dos Mojos e o Grande Paítiti, terra situada entre o Guaporé, o Mamoré e o Madeira. Este território termina no último rio, um pouco ao norte de Porto Velho. O Paítiti era inexpugnável e não há dúvida, com os testemunhos dados, que os incas viveram em suas terras e vales. Provavelmente seus descendentes se dispersaram entre as tribos vizinhas, mais sossegadas para eles que os invasores espanhóis e portugueses".¹

O ENIGMA FAWCETT

Muitas foram, entretanto, as expedições que saíram em busca de civilizações pré-cabralinas. Algumas nunca mais voltaram, outras conseguiram fazê-lo no desconso do fracasso. Francisco de

1. Roberto Levillier, *El Paítiti, El Dorado y las Amazonas*. Buenos Aires, EMECE, 1976, p. 282-3.

Orellana, Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, no século XVI e, na atualidade, Raymond Maufrais e Marcel Homet, tentaram, sem resultado plausível, encontrar a cidade perdida, que para alguns não seria apenas uma, mas várias, situadas no Mato Grosso, em Goiás ou no Amazonas. A idéia de uma civilização adiantadíssima na pré-história brasileira, contudo, tornou-se indissolúvelmente ligada ao inglês Percy Harrison Fawcett.



O coronel P. H. Fawcett.

Oficial engenheiro, membro da Real Sociedade Geográfica Inglesa, Fawcett sempre se sentiu atraído pelos mistérios da América pré-colombiana. Tendo concluído o curso de delimitação de fronteiras da Real Sociedade, com louvor, foi convidado a marcar a linha de limites entre o Brasil e a Bolívia. Assim o próprio Fawcett descreve o convite que lhe foi feito pelo presidente da Real Sociedade:

“As nações envolvidas na disputa acerca das fronteiras não estão preparadas para aceitar uma demarcação feita pelas partes interessadas. Tornou-se necessário solicitar os serviços de outro país no qual se pudesse confiar para os termos de imparcialidade. Por isso, o governo da Bolívia, por intermédio de seu representante diplomático aqui em Londres, pediu à Sociedade Geográfica Real para agir como juiz, recomendando, ao mesmo tempo, um oficial experimentado do Exército para executar essa tarefa para a Bolívia. Como você completou o curso de delimitação de fronteiras com grande sucesso, pensei de imediato em sua pessoa. Estaria interessado?”

Se estava interessado! Ali estava a oportunidade que eu esperava, a oportunidade de fugir à vida monótona de um oficial de artilharia nas guarnições do país...”

Assim Fawcett veio para a América do Sul. Não era apenas mais um místico sonhador. Era tudo isso e mais um homem prático, que já havia construído, sozinho, dois iates de corrida, e que registrada a patente da *curva Ichoid*, que aumentava a velocidade dos barcos. Por isso, foi convidado a ocupar o cargo de consultor de uma importantíssima fábrica de iates, mas ele recusou, preferindo vir para a América do Sul, em busca de saber e de aventura...

Com o tempo, tornou-se um profundo conhecedor dos sertões bolivianos, peruanos e brasileiros e, no momento em que tomou conhecimento da célebre *Relação de Aventureros*, que serve de tema para este capítulo, ficou definitivamente enfeitado pela Pré-História da América. Na primeira oportunidade, lançou-se em apaixonada busca da cidade perdida, que ele carinhosamente chamava de “Z”. Pertrou florestas e bibliotecas, desbravou os sertões da Bolívia e do Brasil, sempre afirmando que o verdadeiro explorador não é aquele que se limita a trafegar pelos rios, e sim aquele que realmente desafia a mata virgem interior.

Sua última expedição foi realizada em 1925, e partiu de Cuibá. Era integrada por Fawcett, seu filho Jack e o fotógrafo Raleigh Rimel. Fawcett apresentava um otimismo incomum, muito maior do que a esperança revelada nas incursões anteriores. Seu plano era descobrir “Z”, que, agora, ele estava convicto de situar-se no Xingu, e trazer da região um fragmento de pedra com inscrições, para primeira comprovação de seu achado. Na sua última carta enviada à mulher, informava, com ansiedade, que um nativo lhe fizera uma descrição da cidade perdida na floresta, na qual ainda existiam diversos edifícios de pedra, um dos quais repositório de um espelho talhado em cristal que, refletindo a luz do sol, iluminava majestosamente o interior da construção.

Infelizmente, depois dessa missiva, rompeu-se todo contato entre a pequena expedição e o mundo civilizado. Nunca mais se soube do paradeiro de Fawcett e de seus auxiliares. E fez-se a lenda. Para alguns sonhadores, o grande explorador teria descoberto “Z” e aí permanecido para sempre, cativo de uma tribo perdida, de cultura avançadíssima e zelosa de sua privacidade. Para outros, por não ter encontrado “Z”, Fawcett preferiu nunca mais voltar, para não ter que enfrentar o gosto amargo do fracasso. Alguém mais realista, porém, sentenciou: Fawcett foi trucidado por indígenas que teriam sido maltratados pelo explorador.

Foram realizadas várias buscas na região do Xingu onde o coronel desapareceu, sem maior sucesso, porém. Brian Fawcett, seu filho, conseguiu reconstituir a odisséia paterna, colocando em ordem suas anotações, numerosos apontamentos e a própria correspondência, estruturando o material num livro de imediato sucesso: *Exploração Fawcett*. Ncle prevalecem, é claro, o espírito espontâneo de aventura, o fascínio das civilizações misteriosas, a descrição de pessoas e lugares exóticos, mas, reparando bem, o livro é um verdadeiro tratado informal de sociologia e antropologia, com descrições vivas e cativantes.

Faça-se, aqui, portanto, um preito de justiça a Fawcett: sem demérito dos grandes exploradores dos sertões sul-americanos, sejam ou não brasileiros, a verdade é que o inglês notável deve ter seu trabalho especialmente reestudado e reavaliado!

AS AMAZONAS

"Estas mulheres são muito avas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São vigorosas e andam nuas, fazendo com seus arcos e flechas tanta guerra como dez índios."

(Frei Gaspar de Carvajal, *Descobrimiento do Rio Amazonas*.)

Por volta de 1537, quando o conquistador Francisco Pizarro e seus soldados dominavam o Peru, alguns indígenas, vindos de regiões longínquas, informaram os espanhóis de que nas misteriosas florestas situadas a leste dos Andes existia um país riquíssimo, cujo rei, em certas festividades religiosas, cobria-se com ouro em pó e banhava-se num lago sagrado, enquanto seus súditos atravavam enormes quantidades de ouro, esmeraldas e diamantes nas águas do mesmo. Os espanhóis ouviam tudo isso com olhar sonhador e cheio de cobiça... Tão assanhados ficaram que, em 1539, organizaram uma expedição de 4 mil homens, comandados por Gonzalo Pizarro, irmão do conquistador, com o fim de descobrir o decantado reino do *hombre dorado*... As dificuldades começaram nas geladas passagens dos Andes, quando metade da expedição sucumbiu aos terremotos e furacões da região. Depois de inenarráveis sofrimentos chegaram, maltrapilhos e famintos, às margens do rio Napo, afluente do Amazonas. Vendo que seria impossível fazer com que seus homens construíssem a marcha sem alimentos, Gonzalo ordenou que fosse construída uma embarcação que seria tripulada por uma parte do grupo, enquanto os outros seguiriam por terra, acompanhando-

do a marcha do barco e procurando caça. Foi nomeado comandante da embarcação o oficial Francisco Orellana. Acontece que o barco, impellido pela correnteza, começou a desenvolver uma velocidade maior que a do pessoal em terra. Não demorou muito e seus tripulantes perderam de vista o grupo de Gonzalo. Desesperado, Orellana resolveu abandonar Pizarro e tentar o impossível: alcançar o oceano Atlântico através do rio Amazonas! Deixemo-lo entretido em sua tentativa...

AS AMAZONAS

As lendárias amazonas eram terríveis mulheres guerreiras, já famosas na Antiguidade. Os gregos diziam que elas habitavam a Capadócia, na Ásia Menor, às margens do rio Termódonte, sendo sua capital denominada Themiskyra. Entre suas rainhas mais famosas contavam-se Hipólita, Talestris e Pentésileia. Esta, durante a Guerra de Tróia, socorreu os troianos, combatendo os gregos, sendo afinal derrotada por Aquiles. O vencedor, ao vê-la morta, chorou perante sua beleza e valor incomuns. Cristóvão Colombo mencionou, certa vez, a existência de uma tribo de mulheres guerreiras nas Antilhas. Walter Raleigh, favorito da rainha Isabel da Inglaterra, poeta, estadista e explorador, afirmava que existiam amazonas nas Guianas. Hernando Ribeiro situava uma poderosa tribo de amazonas no Paraguai. Muitos historiadores negam, peremptoriamente, a existência dessas estranhas mulheres que atacaram a expedição de Francisco Orellana, como veremos adiante, nada mais eram que corajosas índias pertencentes a alguma belicosa tribo do Amazonas, que ajudaram os homens da mesma a expulsar os espanhóis de seus domínios. A palavra amazonas significa, em grego, "que não tem seio". De fato, a tradição afirma que as amazonas asiáticas mutilavam o seio direito para melhor se utilizarem do arco no arremesso de flechas. Qual seria a origem das amazonas sul-americanas? Alguns pesquisadores afirmam serem elas as descendentes de um grupo de mulheres incas, que, ao verem o Peru ser invadido pelos espanhóis, desceram os Andes e se estabeleceram na Amazônia, desenvolvendo uma rígida e organizadíssima ginecocracia (governo de mulheres). Depois do tremendo fiasco que seus maridos haviam feito, ao serem derrotados por um diminuto número

ro de espanhóis, tomaram um ódio feroz aos homens. Para a perpetuação da tribo, permitiam que seus vizinhos, os índios guacaris, visitassem-nas periodicamente. Os filhos varões eram dados aos pais ou trucidados; apenas as filhas permaneciam na tribo.

A TRADIÇÃO DOS MUIRAQUITAS

As mulheres guerreiras ou amazonas sempre estiveram associadas à idéia do muiraquitã ou baraquitã, pequenos objetos talhados em pedra verde,¹ cujo tamanho varia de 4 a 6cm. O conde Ernano Stradelli escreve *myrakytan*, nó de madeira, sendo *kytã*, *kytan*, nó, e *myrá*, *myrã*, *mbyrã*, árvore, pau, madeira. Ainda segundo Stradelli, o muiraquitã é um artefato de jade encontrado no Baixo Amazonas, perto de Obidos e nas praias, entre a foz dos rios Nhamundá e a do Tapajós, ao qual se atribui as qualidades de amuleto. Segundo a tradição, o muiraquitã seria o presente que as amazonas davam aos índios que, visitando-as anualmente, ensinavam a perpetuação desta comunidade feminina. A tradição reza que, nas noites de lua cheia, elas extraíam do fundo de um lago, as pedras ainda moles, dando a estas as formas que queriam, antes que ficassem rijas com a exposição ao ar livre. Para Stradelli, é certo que até hoje, tanto no Amazonas como no resto do continente sul-americano, não se têm encontrado jazidas de jade ou mesmo jade que não tenha sido trabalhado, e que os artefatos, encontrados tanto na América do Sul como na do Norte, parecem pertencer todos a uma mesma indústria e civilização.

O notável naturalista e arqueólogo Barboza Rodrigues via, no muiraquitã, uma prova evidente de antigas migrações asiáticas no território brasileiro, pois, ao tempo em que viveu, não se sabia da existência de jazidas de nefrita no Brasil. Como a nefrita é uma das duas variedades de jade até hoje conhecidas, concluir-se-ia que o muiraquitã seria oriundo da China ou de qual-quer outra região do Extremo Oriente. Entretanto, descobriram-

se, na serra da Preguiça, situada no Território do Rio Branco e, ainda, no Mato Grosso, jazidas deste mineral, caindo por terra a tese de Barboza Rodrigues.

Em sua monografia, Henry Wassen² ressaltava a importância do muiraquitã em forma de batráquio na arqueologia amazônica, asseverando que exemplares semelhantes são encontrados na Venezuela e na América Central.

Maurício de Henriarte referindo-se aos índios maranhenses, descreve que eles "... têm infinitas superstições, e agoiros em os animais: quando se casam compram as mulheres por pedras verdes, a quem chamam baraquitãs (e as estimam muito)".³ E que no conceito de muitos povos do mundo e, especialmente, dos índios, de ser a rã não somente a portadora de chuva, mas também, em sentido geral, da fertilidade, esta a melhor explicação do uso dos muiraquitãs em forma de rã, para pagar a noiva. Ora, a tradição de as amazonas darem muiraquitãs aos seus companheiros, está ligada a esse costume, tendo o folclore invertido o papel do pagador.⁴

Quanto à proveniência do muiraquitã, sua principal fonte seria o rio Tapajós, segundo Maurício de Henriarte: "... comumente se diz que estas pedras se lavram, neste rio dos Tapajós, de um barro verde que se cria debaixo da água... e, tirando-o feito debaixo da água ao ar, se endurece o tal barro de maneira que fica convertido em mui duríssima pedra verde; e é o melhor contracto destes índios e deles mui estimado".⁵ Henry Wassen cita o resumo francês da obra *Oudheden uit Suriname*, no qual seu autor, De Goeje, assinala que "... combinando todas as informações, parece bem certo que os Karaiib (Galibi), os Aruan e, talvez, índios de outras tribos fizessem viagens ao rio Amazonas subindo-o até chegar a um povo, provavelmente uma tribo tupi, onde obtinham os muiraquitãs. É ainda questão aber-

1. Ernano Stradelli, "Vocabulários da Língua Geral Português-Nheêngatu e Nheêngatu-Português", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 104, v. 158, Rio de Janeiro, 1929.

2. Henry Wassen, "The frog motive among the South American Indians", *Anthropos*, XXIX. St. Gabriel-Mödling, 1934.
3. Maurício de Henriarte, *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Ceará e Rio das Amazonas* (1662). Viena, Varnhagen, 1874.
4. Henry Wassen, *op. cit.*: Herbert Baldus e Emilio Willemms, *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1939, p. 160.
5. Cf. Herbert Baldus e Emilio Willemms, *op. cit.*, p. 160.

ta si este povo fabricava estes objetos (talvez tenha recebido material de outra região), ou si os encontrava em túmulos em antigos lugares de sacrifício. As tribus do interior tinham vez, contato direto com as do Amazonas. É bem possível que não todos os muiraquitãs tenham a mesma origem. Mas parece bastante seguro que na região do Amazonas, entre o rio Yambudá e o rio Tapajós, havia um centro de distribuição desses objetos".⁶

Para Aurélio M. G. de Abreu, as amazonas extraíam a pedra bruta com que confeccionavam o muiraquitã do lago sagrado Jaraguá (Espelho da Lua), talvez no vale do Jamundá, Estado do Pará. Os pequenos amuletos seriam talhados em noites de lua cheia, para aumentar seu poder mágico, e também de lua Curiosamente, ainda hoje se crê que a nefrita auxilia a curar doenças dos rins, entre as quais uma das piores se chama, sugestivamente, nefrite...

Lembra, oportunamente, o professor Aurélio que nem sempre o muiraquitã representa um batráquio, referindo-se a um exemplar de sua propriedade, que representa a cabeça de um felino, o que demonstraria uma influência andina, pois que o jaguar foi um animal cultuado por significativas culturas do Peru e da Colômbia.

O INCA MANCO CAPAC

Na época da conquista espanhola, não apenas as valorosas muíheres incas ancestrais das amazonas teriam vindo para a América em 1536, teria buscado refúgio no vale amazônico, acompanhadas por alguns súditos. Num local desconhecido, oculto por densas florestas, os incas de Manco Capac teriam criado notável civilização. Sua capital, uma belíssima cidade de ruas pavimentadas e largas, recenderia a baunilha; o ouro e as pedras preciosas seriam muito mais abundantes que no Peru anterior à conquista de Pizarro. Para muitos pesquisadores a capital do reino de Manco Capac seria a lendária cidade de Ma-Noa, cujas casas eram feitas de ouro e prata. Ainda hoje, tais lendas continuam

6. Cf. Herbert Baldus e Emilio Willems, *op. cit.*, p. 161.

a despertar a curiosidade de exploradores românticos, que buscam, incessantemente, os vestígios dessa misteriosa civilização, principalmente no Amazonas e no Mato Grosso...

A BATALHA DAS AMAZONAS

Voltemos às peripécias do nosso pobre Orellana, metido numa perigosíssima aventura, numa região infestada de indígenas feroces e totalmente desconhecida dos espanhóis. Orellana sabia que se encontrava numa área que não era das mais salutaras. Meses atrás havia sido informado, por alguns índios, que a região onde agora se encontrava era o reino das *coniuapuraras*, feroces muíheres guerreiras, cuja rainha chamava-se Conori. Orellana trouxera consigo um frade dominicano, Gaspar de Carvajal, encarregado do relatório da expedição. O nosso bom frade mal suspeitava quão longo seria seu relato... No dia 24 de junho de 1541, a embarcação navegava, vagarosamente, nas proximidades do rio Nhamundá. O silêncio absoluto que imperava na mata virgem aumentava ainda mais a tensão nervosa do pessoal. Subitamente, começou a cair sobre o barco uma verdadeira chuva de flechas, enquanto terríveis aborígenes, saídos não se sabe de onde invadiram a embarcação como demônios. Surpresos e desorientados, os homens de Orellana, notaram que mulheres de tez quase branca, de longos cabelos entrançados, também tomavam parte no ataque. Quando algum índio procurava fugir ao embate, as incríveis mulheres matavam-no a cacetadas. Quem seriam aquelas estranhas mulheres guerreiras? Seriam algumas *coniuapuraras* enviadas por Conori para evitar que os espanhóis descobrissem a localização do reino das descendentes dos incas, ou apenas algumas índias valorosas a ajudar os homens de sua tribo a expulsar Orellana e seus soldados para longe de seus domínios?

Os espanhóis combateram tenazmente; afinal, a qualidade superou o número, e aquele pequeno grupo de valorosos aventureiros conseguiu safar-se da incômoda situação. No dia 24 de agosto de 1542, após inacreditáveis peripécias nas selvas amazônicas, os espanhóis conseguiram o impossível: chegavam maltrapilhos, chorando de alegria, à imensidão do oceano Atlântico! Nessa mesma época, Gonzalo Pizarro concluía dramático retorno ao império de seu irmão, chegando ao Equador. Seus homens, esfarrapados e doentes, haviam devorado os cavalos da

expedição e, em seguida, mascado o couro das selas, para sobreviver... Por incrível que pareça, Francisco Orellana resolveu voltar mais uma vez à Amazônia, em busca do Eldorado. Em 1545, comandando quinhentos homens, penetrou novamente nas misteriosas florestas da América do Sul. Desta feita, o terrível inferno verde não perdeu a ousadia do homem branco; o temerário explorador desapareceu sem deixar vestígios, vítima da loucura fascinante do Eldorado, que já começava a chamar as atenções de todos os aventureiros do mundo...



Trecho da sombria floresta onde Orellana enfrentou as amazonas.

CURARE, O VENENO MORTAL

Quando Francisco Orellana e seus companheiros conseguiram safar-se da perigosa situação ao enfrentarem as amazonas, como vimos no capítulo anterior, sentiram imenso alívio que, porém, logo se transformou em pânico e angústia! O tombadilho do barco em que viajavam, estava repleto de cadáveres, muitos dos quais já se putrefazendo sob o intenso calor tropical. Mais: os remanescentes da aventura gemiam dolorosamente, atíngidos que haviam sido por flechas.

Apenas Alcântara, o piloto, permanecera ileso! Tudo isto seria suportado pelos bravos conquistadores, habituados às maiores provações; mas o que sucederia com os soldados Garcia Soria e Antônio de Carranza seria infinitamente mais cruel que o mais rude dos homens de Orellana poderia imaginar. Estes dois infelizes haviam sido como os demais, atingidos por setas, não aparentando, a princípio, sofrimento maior que seus companheiros; entretanto, súbita e estranha rigidez foi se apoderando de seus membros, entremeadada por bruscas contrações; queriam gritar por socorro e não podiam; queriam mover-se, fugir à morte que já pressentiam, mas seus membros não obedeciam à sua vontade. O pavoroso espetáculo duraria ainda muitas horas, sob o olhar maravilhado e impotente dos demais. Era o primeiro contato do homem branco com um veneno mortal, verdadeiro desencadeador das forças malignas da natureza contra quem se atrevia a violar os segredos do inferno verde. Era o curare...

As mais horripilantes formas que pode assumir a morte são piedosas, quando comparadas à que o curare impõe às suas vítimas. Ele não envenena o sangue, músculos e vísceras de imediato; apenas infiltra-se nos centros periféricos do organismo, e são estes que encarregam-se de levar, através de sua finíssima rede, o malévolu elemento para todo o corpo. A vítima vai morrendo aos poucos, sem que haja nenhum abalo nos centros sensoriais. Quer gritar, mover-se, agitar-se, implorar auxílio e não consegue fazê-lo; o sutil veneno saboreia, lentamente, a vitória da natureza sobre a curiosidade humana. Segundo a carga e a qualidade do curare, a vítima permanece 24 horas neste padecer.

Desde Francisco de Orellana, que denominou o curare "erva venenosa", e Walter Raleigh, que estudou com grande interesse a droga maldita, o prestígio do insólito veneno só aumentou. Cientistas de renome, como Humboldt, Von Martius e Castelnau observaram detidamente os índios ticunas, os mais famosos paradadores de curare da região amazônica, em sua faina odiosa, buscando uma solução para o enigma. Estes selvagens, porém, astutamente, cercavam de tanto mistério e misticismo a obtenção do tóxico que não foi possível a obtenção da fórmula pelos obcecados homens brancos.

O célebre explorador La Condamine foi o primeiro a levar algumas doses de curare para o Velho Mundo, em busca da determinação exata de sua composição. Os estudos a respeito prosseguiriam intensamente, com os trabalhos de Claude Bernard e do brasileiro Paulo Cordeiro.

ETIMOLOGIA E NATUREZA DO CURARE

Bartolomé de las Casas (1474-1566), religioso espanhol, realizou profundos estudos sobre o indígena americano, não deixando de mencionar o curare numa de suas crônicas, chamando-o *curari*, *kurari*, *kurali*, *urare*, *urari*, *urary*, *uyrari*, *wurari*, *uirari*, *uirary*. Os jivatos denominavam-no *iguanche*, e os canelas ou quixos do rio Napo, *supai*. Em quechua, se diz *pucuna* e, em aruaque, *mauri*. Quanto ao significado, também ocorrem divergências. Para Von Martius, o vocábulo significa "aquele a quem

tocar, morrerá", pois, com efeito, seria de origem tupi: a raiz *ur* é do verbo *ir*, e *ar* significa "cair morto"; finalmente, *y*, pro nome relativo. Literalmente, portanto: "aquele a quem tocar, morrerá". Para o notável naturalista brasileiro Barboza Rodrigues, contudo, a palavra significaria "líquido para matar pássaros": *uirá*, pássaro, e *ear*, morrer ou matar, e *y*, água ou líquido, embora os nativos empreguem o veneno para caçar também mamíferos de relativo porte. Em sua *Toponímia brasileira*, Armando Levy Cardoso considera o vocábulo de origem caribe (*galibi*), *uirari*, curare. O ilustre filólogo Silveira Bueno considera equivocada a grafia *urare*, porque os antigos estudiosos e missionários sempre escreveram *urary* com acento na última: *urari*.¹

Indígenas brasileiros, principalmente, utilizaram largamente um veneno similar ao curare, o chamado *timbó* ou *tinguy*, extraído do suco amargo da cortiça de uma planta com o mesmo nome. Embora não encontrado nas regiões andinas, os nativos das regiões tropicais e subtropicais da América do Sul empregaram-no, com grande êxito, na pesca predatória. Dele fizeram uso tupis-guaranis, aruaques, gês, carajás. Os carajás e os caiapós do Araguaia chamam-no *acindé* ou *akruré*. Usam-no também os parecis e os nhambiquaras do Mato Grosso, bem como mestiços e brancos. Os espanhóis denominaram *barbasco* ao *timbó*.

Já é hora, aliás, de lembrar que os indígenas sul-americanos da Amazônia sempre foram conhecedores incomparáveis dos segredos da flora, especialmente na confecção de alucinógenos e venenos de caça. Não foi por acaso que Imbelloni chamou o Alto Amazonas de "provincia dos venenos...".

Como se disse, os nativos amazônicos obtêm, da flora, drogas alucinógenas, consumidas em orgias primitivas de guerra ou de iniciação, bem como peçonhas utilizadas na caça. As principais plantas fornecedoras de estimulantes pertencem ao grupo das banisérias e das piptadêneas, ao passo que a elaboração de venenos mortais inclui, também, produtos animais, como a substância extraída da rã *Phyllobates chocoensis*, por indígenas da Colômbia.

1. Silveira Bueno, *Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. S. Paulo, Ed. Saraiva, 1967, v. 8, p. 4.149.

Já se resumiram os curares da Amazônia a quatro grupos: curare do Alto Amazonas, curare do Alto Orinoco, curare da Guiana Inglesa e curare da Guiana Francesa, cada qual estribado em plantas diversas do ramo *Strychnos*. Por isso, conforme adverte Gastão Cruis, em sua obra magnífica intitulada *Hiléia Amazônica*, não se pode falar de um curare apenas, mas de curares, no plural, pois existem dezenas de espécies. Não há uma fórmula única, fixa, pois a receita varia de região para região.

Não se pode dizer nada sobre o curare ou curares, contudo, sem se mencionar a zarabatana, longo caníço de dois ou três metros, através do qual o índio lança o dardo envenenado. Este, com 20 a 30 cm, é obtido da taquara ou da fibra de palmeira. Vivendo numa floresta exuberante, intrincada, de difícil locomoção, o nativo teria dificuldades insanáveis na caça, se não desenvolvesse a utilização do curare lançado à distância. Com tal processo, poderia alcançar com precisão a peça, paralisando-a quase que instantaneamente e sem, o que é melhor ainda, fazer qualquer espécie de ruído que pudesse afugentar os companheiros da vítima. Assim, o nativo, astutamente, poderia obter caça com fartura, e um deles chegou a dizer, certa vez, a um branco, algo que bem define o curare: "É um veneno que mata baixinho..."

Embora os viajantes que se aventuraram pela Amazônia nos séculos XVI e XVII já fizessem referências ao violento veneno utilizado na guerra pelos índios, somente a partir do século XIX, quando nos visitaram La Condamine, Alexandre Humboldt, Von Martius e Felix Castelnau, os curares passaram a ser analisados cientificamente.

Com Claude Bernard, por volta de 1844, os estudos sobre os efeitos do curare tiveram um grande impulso. Segundo este cientista, o curare age sobre a intersecção do nervo e do músculo, impedindo a passagem da corrente nervosa. Atuando também sobre o músculo, o curare reduz a excitabilidade deste, causando a progressiva paralisia do organismo. Esta começa pelos membros inferiores, até chegar ao tronco e ao cérebro, quando tudo se consuma, por asfixia. Lacerda Filho, cientista do Laboratório de Fisiologia do Rio de Janeiro, revelou que o principal agente paralisante do curare é uma planta do ramo das *menispermáceas*, sendo as contrações causadas no organismo pela ação de uma

strychnea. A morte causada pelo curare é especialmente dolorosa porque as percepções sensoriais não são suprimidas pelo veneno; imediatamente após a morte da vítima ainda se percebem movimentos peristálticos ou vermiculares no seu ventre. A morte, como já foi dito, é produzida por asfixia, sem que a peçonha ataque as faculdades mentais!

Um professor de Turim, Masso, escreveu um livro sugestivamente intitulado *O Medo*, no qual descreve a morte de um cão pelos efeitos do curare:

"Quando se pica a pele de um cão com uma seta envenenada por curare, o animal morre em menos de quinze minutos. O terrível veneno mata os nervos motores e deixa permittir intacto os nervos da sensibilidade e da inteligência. O cão, apenas ferido, faz alguns movimentos. Dentro em pouco, os membros posteriores caem, não obedecendo mais à vontade. Logo, fica paralisada a parte anterior. Quando se chama o animal ou se o acaricia, é por um movimento de olhos e orelhas que se percebe que ele ainda vive. O cão, assim envenenado, respira como se nada de mal estivesse ocorrendo, mas daí a pouco a morte o levará".

O escritor Júlio Ribeiro, em seu conhecido livro *A Carne*, descreveu, com felicidade incomparável, a morte de um ser humano produzida pelo curare. Trata-se da morte da personagem de nome Barbosa, que injetou em si próprio o veneno. A partir daí, a descrição comove o leitor, que vai ficando angustiado com a crescente paralisia dos membros de Barbosa, que, sem sentir dor alguma, vai sentindo em seus membros a apavorante e crescente paralisia do curare, até que, embora sentindo a fragrância das flores, o zumbido e o contato com a pele, de uma mosca, não consegue sequer enrugar a pele do rosto para afugentar o inseto, até que o veneno chega ao coração e ao cérebro, quando tudo termina para sempre...

Paradoxalmente, o curare não causa mal algum se ingerido sem penetrar na corrente sanguínea; os nativos dizem até que a carne da caça envenenada fica mais saborosa. Entretanto, se uma pequenina quantidade penetrar no sangue, nada mais poderá salvar a vítima! Os índios costumam dizer que o sangue tem tamanho pavor do curare, que este só poderá ter sua confecção concluída quando, colocando-se nas proximidades um pouco de

sangue, este reflua para trás, como que fugindo da droga maldita...

Embora se afirme que o sal, quando ministrado antes do início do estado comatoso, é eficiente para neutralizar o açúcar para o terrível tóxico nativo, e nem os nativos conseguem escapar à morte pelo envenenamento em caso de acidentes, a umidade, conservará suas propriedades malévolas por mais de um século, fato já comprovado. Entretanto, é um veneno que se mantiver a vítima viva, logo os efeitos do tóxico estarão prontos.

Nada mais se sabe sobre a droga maldita, um dos maiores enigmas propostos ao homem pela natureza. "Decifra-me ou desim que o curare impõe a morte às suas vítimas, e foi assim que no dia 24 de junho de 1542 os soldados Garcia de So. e Antônio de Carranza tiveram estranha morte, sob o olhar maravilhado de seus companheiros de aventura...

ARQUEOLOGIA MARAJOARA

Marajó é a denominação conferida a um grupo de ilhas que integra o arquipélago amazônico, na foz do rio Amazonas. A maior delas alcança quase 50 mil km² de área, sendo a mais extensa ilha flúvio-martima do globo. O vocábulo marajó provém do tupi *mbará yó*, que significa anteparo, defesa, obstáculo contra o mar e, realmente, como anota Leandro Tocantins, o arquipélago dá a idéia de uma atalaia colossal postada na porta do anfiteatro amazônico. Habitada há séculos, as comunidades indígenas ali constatadas deixaram marcas indeléveis de seus traços culturais, permitindo estudos arqueológicos relativamente pormentados na área. E já podemos ir dizendo que a cerâmica marajoara, famosa em todo o mundo, indica, em termos arqueológicos, apenas uma fase na evolução cultural da ilha, pois, na verdade, Marajó apresenta nada menos que cinco fases de ocupação, assim dispostas, partindo da mais antiga para a mais recente: 1) fase Ananatuba; 2) fase Mangueiras; 3) fase Formiga; 4) fase Marajoara propriamente dita; 5) fase Aruã.

Marajoara é a fase mais evoluída, e dela nos ocuparemos dentro em pouco. Por enquanto analisaremos, resumidamente, as três primeiras fases arqueológicas mencionadas.

Fase Ananatuba — Supõe-se que esta cultura surgiu por volta de 1.000 a.C., durando cerca de oitocentos anos. É a mais antiga cultura ceramista da bacia amazônica que se conhece no momento. Ubicada na costa norte da ilha, irradiando-se posteriormente para sudeste, Ananatuba apresenta, desde seus primórdios, uma cerâmica de boa qualidade, do tipo inciso.

Fase Mangueiras — Mangueiras abarca um período de dura-

ção estimado em novecentos anos, iniciado, como a fase anterior, por volta de 1000 a.C.. Localizada a oeste de Ananatuba, esta cultura se espraiou para o norte, rumo à ilha Caviana, bem como para a área ocupada pela própria fase Ananatuba, com a qual coexistiu a partir de 980 a.C., absorvendo-a posteriormente. A cerâmica peculiar a esta fase é de boa qualidade e sugere alguns traços da cultura anterior.

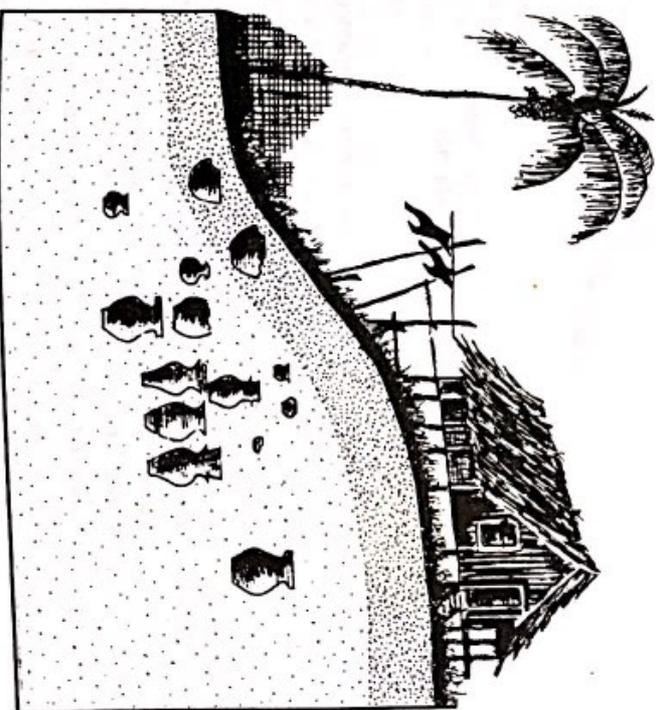
Fase Formiga — Esta etapa cultural abrange o território entre a atual cidade de Chaves, na costa norte, estendendo-se na direção do lago Arari e cabeceiras dos rios Goiapi e Camará. Sua datação assinala o período compreendido entre 100 a.C. e 400 da era cristã. A cerâmica desta fase é "mole e de ornamentação tosca, e um tipo escovado", segundo os arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans.

Fase Marajoara — A cultura marajoara no sentido estrito parece ter origem numa área situada entre a Colômbia e o Equador. Localizando-se na margem ocidental do lago Arari, irradiou-se em todos os sentidos. Datação efetuada pelo método do carbono 14 lhe atribui uma antiguidade estimada em mais de 1.500 anos (400 depois de Cristo a 1350). O naturalista paraense Ferreira Penna afirmava que o povo que originou a fase marajoara seria bastante adiantado, involuindo culturalmente em razão da natureza agreste da região, em integral apoio, portanto, à teoria de Steward, que pressupõe o inevitável declínio das culturas que se põem em contato com as condições mesológicas da floresta tropical. Esta tese seria comprovada mais tarde por Betty Meggers e Clifford Evans, que demonstraram, através de escavações estratégicas, que a cultura marajoara aportou a Marajó no ápice de seu desenvolvimento, passando, a partir de então, a ingressar em irreversível decadência.

Os locais de habitação e os cemitérios da fase Marajoara sempre eram edificadas em aterros artificiais que chegavam a alcançar 200 m de comprimento e 30 m ou mais de largura, com altura variável de 3 a 10 m. Tais aterros, chamados "tesos" ou "ilhas", constituem sítios arqueológicos inesgotáveis, sendo o "teso" do Pacoval o mais rico de todos, há um século explorado sem se esgotar. Pelo simples fato da inexistência de animais de carga ou de meios mecânicos para a ereção destes aterros, se

pode bem imaginar o esforço dispendido pelos marajoaras!

Em Pacoval se acha o mais rico sítio arqueológico da fase Marajoara: vasos policrômicos ou ricamente adornados com incisões ou excisões, banquetas, pequenas efígies e as famosas tangas. Estas, laboradas em barro, identificam a fase Marajoara mais que quaisquer outras peças arqueológicas, seja pela exclusividade, pela originalidade ou pela apurada decoração. Apresentam forma triangular e são ligeiramente abauladas, contando com furos de suspensão. Existem dois tipos de tangas marajoaras: um bastante simples, com engobo encarnado, e outro muito mais bem cuidado, com pintura de traços vermelhos sobre fundo branco, desenhos em preto ou combinação de preto e vermelho sobre fundo claro. As tangas marajoaras estariam ligadas a um culto fálico, em razão do grande número de ídolos e outros objetos falomorfos constatados na fase Marajoara. No dizer de Angyone Costa, que escreveu uma excelente *Introdução à Ar-*



Corte transversal de um "teso" funerário de Marajó.



Cerâmica funerária de origem marajoara. Notar a riqueza da ornamentação, laborada nas cores preta, branca e vermelha.

queologia Brasileira, as tangas marajoaras seriam paramentos usados pelas mulheres apenas em determinadas festividades religiosas, considerando-se o quanto seriam incômodas num possível atavio cotidiano... Segundo Mordini, algumas tangas, excessivamente delgadas e de curvatura insuficiente deveriam, realmente, acompanhar urnas funerárias femininas em inumações. Aliás, as mencionadas tangas do primeiro tipo, isto é, aquelas mais rutilantes, vêm sendo encontradas em cemitérios numa rutilância que permite deduzir serem objetos cerimoniais.

Outro significativo elemento da arte marajoara são as urnas funerárias. Utilizadas em sepultamentos secundários, isto é, aqueles em que apenas os ossos são inumados, aparecem como vasos de forma globular, com gargalo estreito e borda para fora. Me-

recem lembrança, também, pequenas efígies votivas bastante encontradas em tesos funerários. Nunca chegando aos 20 cm, caracterizam-se pela cabeça alongada ou triangular, ausência de braços, pernas em forma de U para apoiar a figura e pela indicação do sexo feminino. São ocas geralmente, e contém seixos que as transformam em chocalhos.

Fase Aruã — Do tupi *aruã*, manso, quieto, pacífico, esta fase apresenta ocupação do Amapá, das ilhas Caviana e Mexiana, e da costa norte-oriental de Marajó. Aldeias pequenas, restritas a uma maloca que abriga cinco ou seis famílias, sempre localizada nas proximidades de algum curso d'água, numa permanência já mais superior a vinte anos, bem como uma cerâmica primitiva, mais tonalidade exata desta fase. Aruã subsistiu até 1820, quando os indígenas foram dispersados pelos portugueses.

A requintada cerâmica da área marajoara nos leva, de imediato, à seguinte indagação: conheceram os nativos amazônicos a arquitetura? Povos bem mais atrasados têm erguido monumentos. Onde, porém, localizar vestígios de edificações? Estranhamente, até agora, pelo menos, estes não foram localizados, com exceção dos aterros fluviais da região de Cuiabá, no Mato Grosso, e dos Paraguai. Existe, entretanto, uma referência no mínimo curiosa a respeito de uma edificação indígena em Marajó. Em sua obra clássica, *O Selvagem*, o general Couto de Magalhães a ela se refere, assim: "Nem um viajante que eu saiba mencionou até agora uma só construção indígena antiga. Creio que sou o primeiro a dar notícia de uma, e vem a ser uma espécie de forte circular de terra que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros, propriedade do dr. Joaquim José de Assis. Esse monumento, porém, é evidentemente contemporâneo ou posterior aos aterros da mesma ilha".

“MUNDURUCU!”

(Ferozes cortadores de cabeças nas selvas do Tapajós)

“Silêncio na mata. O horizonte, rubro como sangue, recorrido pelas negras silhuetas das árvores, anuncia o alvorecer. Na aldeola indígena todos dormem, após árdua jornada de trabalho e de andanças pela selva. Subitamente, uma bola de fogo corta o ar e vai se encerrar numa das choças! Dos arbustos vizinhos começam a surgir demônios, horrivelmente tatuados, em tremendo alarido! Após breve luta, o silêncio volta a imperar no local; espalhados pelo chão, inúmeros cadáveres mutilados, quase todos sem a cabeça...”

M. C. Acquaiviva, *Caçadores de Cabeças*, 1976, R. Janeiro, Ed. Novo Brasil, p. 45.

Origem e localização dos mundurucus. Os mundurucus pertencem à família linguística tupi. Numa sinopse retrospectiva sempre útil, convém lembrar que os tupis se estenderam, antes do descobrimento do Novo Mundo, desde o Amazonas até o rio da Prata, dividindo-se em dois grupos, o primeiro se assentando na Amazônia e penetrando pelo interior brasileiro, enquanto o segundo, constituindo os guaranis, ocupou os estados brasileiros do Sul e formou a principal etnia do Paraguai.

Na região dos rios Tapajós, Madeira, Juruena e Amazonas se assentaram, entre outras tribos, os mundurucus, os parintintins, os muras, os apocas, todas em feroz e perpétua guerra mútua. Na sua célebre *Corografia Brasileira*, Aires de Casal conferia,

já em 1817, a denominação de Mundurucânia à região compreendida entre o Tapajós, o Madeira, o Amazonas e o Juruena, em razão da supremacia militar dos mundurucus. Hoje, estes índios habitam o Tapajós e o Xingu.

Alguns antropólogos colocam a origem dos mundurucus nos longínquos Andes; descendentes seriam dos antís, pois estes, cansados das freqüentes escaramuças travadas com os poderosos quichuas, ter-se-iam trasladado para a bacia amazônica, instalando-se na região do Guaporé.

Gonçalves Tocantins estudou a fundo a vida quotidiana dos mundurucus; citado por Henri Coudreau, ele nos fornece valiosos subsídios para este tópico. Os mundurucus, constatada, fornecem comunidades agrícolas e caçadoras. A agricultura não proporciona recursos suficientes para a manutenção da comunidade, podendo se dizer o mesmo da raça, que, escasseando, impõe vida nômade a estes índios. E prossegue: “Eis o que induz as famílias mundurucus a se dispersarem durante o verão. Pois, apesar de tudo, a tribo conserva-se estreitamente unida, ainda que repartida em vinte aldeias”.

Tipo físico: Os mundurucus têm peito largo e forte envergadura, sendo extremamente musculosos. Sua cútis é clara, mas o cabelo é preto e luzido, raspado à volta da cabeça, como o tratam os monges beneditinos ou os recrutas modernos, com seu corte “à escovinha”. Na verdade, o que mais impressionava na aparência física destes índios era o minucioso trabalho de tatuagem que realizavam no corpo, como o leitor poderá constatar na ilustração a seguir. Spix e Martius vêem, nesta usança, a intenção, destes selvagens, de se fazerem mais assustadores na guerra, pois esta era elemento integrante de sua própria vida espiritual. A isto se agregue que, assim tatuados, reconhecer-se-iam de imediato nas matas ou no calor das batalhas.

As tatuagens de um mundurucu constituíam, realmente, um trabalho artístico, sendo peculiares a ambos os sexos. No rosto e no peito losangos bem regulares, nas costas linhas paralelas, da cabeça aos pés. A aplicação começava quando o indivíduo a ser tatuado completava cinco anos de idade. A operação era bastante dolorosa, e os petizes eram impedidos de realizar qualquer movimento, enquanto o tatuador ia riscando a pele com um aguçadíssimo dente de cotia. Terminadas as incisões, enquanto a

criança berrava de dor e de medo, era passado suco de genipapo nas feridas, pelo que os desenhos tomavam uma cor azul-escuro indelével. As feridas inflamavam, sobrevinha febre, pelo que a criança era tatuada no inverno, quando a ação do calor é menos intensa. A "operação tatuagem" só terminava quando o mundurucu completava vinte anos; seu corpo estava, então, literalmente coberto de exóticos motivos...

Os mundurucus sabem, como nenhuma outra tribo, confeccionar enfeites de plumas, apreciados por ambos os sexos. Pintam-se todos com o *será*, colocando na cabeça o *aquiri* (tocado em palha trançada e penas); furam os lóbulos das orelhas, onde inserem um estilete adornado com uma borla. Carregam, a tiracolo, o *ichu*, estranho adorno de plumas onde são colocados amaisinhos vivos.

Na festa da guerra traziam, à cintura, o *tempeá*, espécie de leque confeccionado com penas de araras; no antebraço, o *haman*, arremedo das modernas dragonas e, nos punhos, o *ipeá*. Não faltavam, evidentemente, o arco (*iraré*), o bastão de comando (*putá*) e a tradicional cabeça humana mumificada (*pariná*), espetada, em sinistra advertência, a uma lança apropriada (*pariná-renape*).

A organização social: Cada aldeamento mundurucu se achafraicionado em três divisões ou famílias, que se distinguem, visualmente, pela cor dos ornamentos e pelo respeito mútuo: a família *apapacate* ou vermelha, a *arrichá* ou branca, e a *iasumpaguate* ou negra. Tais adornos são confeccionados com plumas de araras, especialmente criadas para esta finalidade.

A comunidade é dirigida por um cacique (*tuchaua*), que compartilha sua orientação política com a diretriz do pajé, por sua vez sacerdote e médico. Este feiticeiro atua como oráculo e exorcista, adotando, invariavelmente, em sua coreografia medicinal, as mais cômicas atitudes. Conta-nos o naturalista Henry Walter Bates que, em suas andanças pela Amazônia, conviveu com os mundurucus, a respeito das pueris charlatãnicas destes bruxos:

"Qualquer doença cuja origem não é muito aparente, é atribuída a um verme na parte afetada. É esse verme que o pajé finge extrair; sopra no ponto da dor o fumo de grande charuto, feito com grande mistério, enrolando o tabaco em lâminas de tauari e depois suga o lugar, tirando da boca o

que ele pretende ser o verme. É cena de esconjuro muito grosseiro. Um destes pajés foi chamado por um menino que família de João Malagueira, para tratar de ser executado o sofria muito de dores de cabeça, depois de ser longa raiz ficar na posse do suposto verme, e verificou-se que era longa raiz embuste em nossa planta aérea. Dificilmente consentiu o branco, de alguma planta João e eu estávamos presentes. Não posso deixar de pensar que ele, como todos os outros da mesma profissão, são impostores conscientes, artimanhando os segredos em geração".

Os homens não moram com as mulheres, passando a maior parte do tempo no *ekjá*, enorme vivenda de quase cem metros de comprimento, aberta para o levante. Esta habitação dispõe de ventilação perfeita e o sol penetra livremente em seu interior. Na grande casa podem residir apenas os guerreiros e seus filhos varões com mais de oito anos. Dormem em redes de algodão, habilmente confeccionadas pelas mulheres, que, por sua vez, têm que se resignar a viver em pequenas choças que circundam o *ekjá*, acompanhadas, apenas, dos anciãos, dos enfermos e das crianças de colo. Não podem, em hipótese alguma, adentrar a casa dos guerreiros, embora possam, estes, entrar nas choças de suas companheiras quando bem o entenderem...

O casamento: Entre os mundurucus, o casamento é desprovido de qualquer conotação religiosa, constituindo mero acordo entre os futuros nubentes e suas famílias. Pode ocorrer que um mancebo escolha alguma garota ainda muito jovem e franzina sob o ponto de vista da família desta; neste caso, o apaixonado varão poderá, quando muito, sustentar a futura consorte, abstendo-se de qualquer insinuação de vida marital, até que sua amada atinja a puberdade e o direito de ser esposa e mãe. Eleita, a moçoila passa a ser considerada uma mulher casada, e nenhum outro homem se atreverá a disputá-la ao expectante marido. Ao contrário dos jívaros, os mundurucus não praticam a poligamia, mas são tremendamente ciumentos... As mulheres não têm, absolutamente, os mesmos direitos dos homens, a não ser o excessivo trabalho que estes lhes impõem.

A *vida espiritual Carú-Sacabê* é o sumo criador de todos os seres. Das entranhas da terra fez surgir as raças humanas, sen-

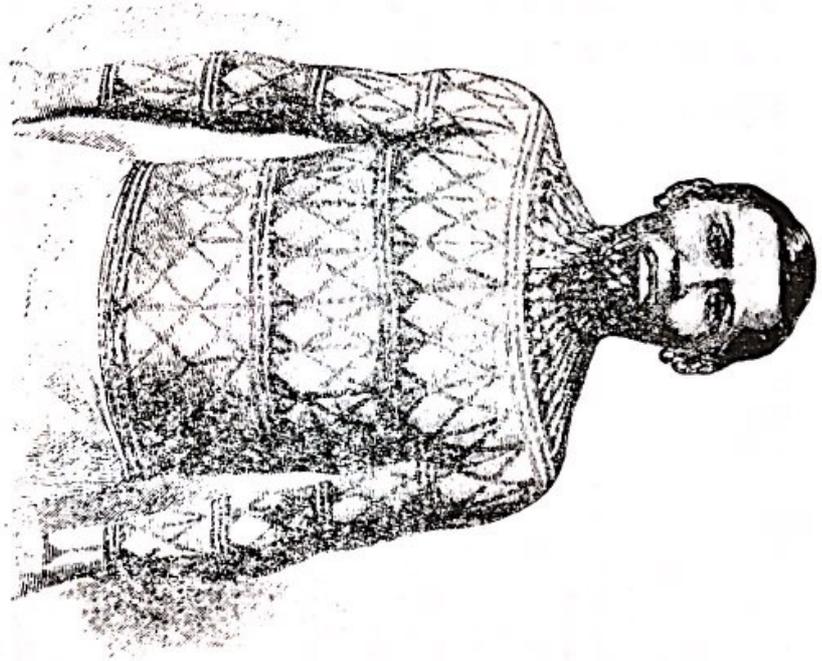
do os mundurucus uma comunidade superior a todas as outras, brancos, negros ou índios comuns. Quando todos os homens, espalharam pelo mundo, os mundurucus, sob o amparo da divindade, não tardaram a sobrepujá-los na agricultura e na guerra. Os mundurucus jamais demonstraram medo de morrer, em razão de sua crença que homem ou mulher, velho ou criança, em ra-

do e qualquer mundurucu vai para o paraíso, espécie de criança, toda bela e infinita, onde se levanta um edifício tão grande que pode abrigar todos os mundurucus de hoje e de sempre. Não há sofrimento no além e inexistente o inferno, sendo, este paraíso, infinitamente melhor que as delícias da vida terrena. É verdade que existem maus espíritos que perambulam pelas florestas, sob a forma de um lúgubre pássaro noturno, o matintaperera, mas, no paraíso, nenhum demônio está autorizado a perturbar o repouso dos falecidos...

Quando morre um membro da comunidade, seus parentes cavam a sepultura sob a rede de dormir do extinto. A cova é feita em forma de poço, sendo o corpo colocado de cócoras, devidamente acompanhado dos bens de uso pessoal do extinto.

A guerra: Nos seus tempos de fastígio, os mundurucus bem justificariam a denominação de "espartanos entre os índios do Brasil", que lhes atribuíram Spix e Martius. Tremendamente belicosos, exterminaram várias comunidades vizinhas, e nunca admitiram que outra tribo viesse lhes disputar a supremacia política e militar. Consta que houve casos de expedições bélicas de mundurucus viajarem cerca de 2000 km para atacar remotas povoações, cuja única culpa era não gozarem da simpatia dos terríveis cortadores de cabeças...

Seus prais aguerridos adversários eram os índios parintintins e os araras. Votavam ódio mortal aos primeiros, e a recíproca, por sinal, era inteiramente válida. Acreditavam que os parintintins, ao pilharem um mundurucu a sós, na floresta, devoravam-no vivo, como o faria uma onça... Com os araras, os mundurucus jamais levaram vantagem; a rivalidade entre estas duas tribos fez com que a técnica de guerra de ambas se aprimorasse bastante; o "estado de sítio" era uma constante, e os quartéis, em perene prontidão, a qualquer momento poderiam começar a despejar guerreiros dispostos a tudo, despertados, na calada da noite, pelo silvo agudo e providencial dos *turés* (sirenes) de aten-



Índio mundurucu.

tas sentinelas... Os araras costumavam dar trabalho para os mundurucus durante a noite, pois sabiam que eles tinham por hábito lutar apenas durante o dia.

Conta-se que, para manter seu prodigioso vigor físico, necessário às suas freqüentes razias, os mundurucus não comiam pão de mandioca nem gozavam das delícias do paricá. Na guerra, as mulheres eram obrigadas a acompanhar os maridos, carregando todo o equipamento. Uma tática militar muito empregada pelos mundurucus consistia em formar um cerco à aldeola visada, esperando, pacientemente, a primeira carga de flechas do ini-

migo. Quando, finalmente, isto ocorria, as setas eram apanhadas em pleno ar, com indescritíveis habilidade e coragem, pelas mulheres, e as que passavam pelas abnegadas amazonas nada obtinham de prático, pois delas os guerreiros se desviavam com precisão diabólica. Esgotado o primeiro canhoneio inimigo, imediatamente desferiam sua primeira carga de flechas, sempre municiados pelas companheiras. Durante a refrega, o *tuchaua* transmittia suas ordens através do *turé*, soprado por seu imediato.

Podia ocorrer, também, uma investida de surpresa, no que os mundurucus eram mestres. Descobrimo rastros de seres humanos, estudavam, com feroz aguçado e muita prudência, qualquer vestígio das vítimas, até localizarem seu acampamento. Faziam o cerco e aguardavam, silenciosos e pacientes, o alvorecer. Quando a madrugada se fazia anunciar, trazendo as primeiras luzes do dia, um dos atacantes atirava uma seta impregnada de breu inflamado contra um dos tetos da aldeola. Era o sinal convencional; todos os mundurucus saíam do mato em desabalada carreira, lançando horribéis gritos de guerra. Os ocupantes das choças, ainda atordoados de sono e de surpresa, apareciam, cambaleantes, sendo, imediatamente, traspassados por aguçadas lanças de taquara. Os homens eram liquidados, as mulheres e crianças trazidas em cativoiro.

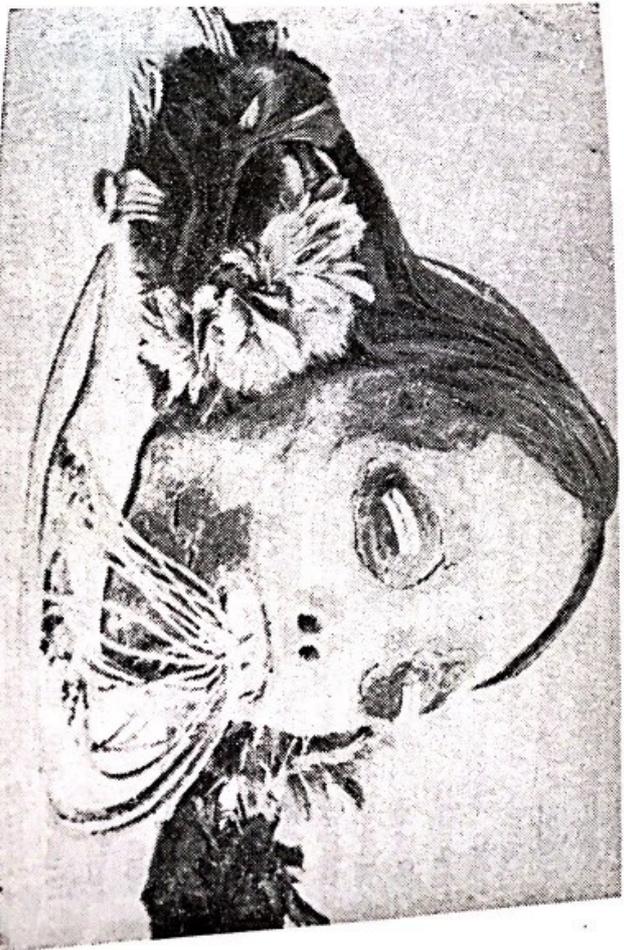
O horroroso costume de mumificar cabeças humanas conferiu, aos mundurucus, a denominação *pai-quické*, que lhes atribuíram outras tribos, expressão cujo sentido literal é "pai-facão", mas que, figurativamente, expressa, de fato, a idéia de "cortadores de cabeças". Quanto ao rapto de mulheres e crianças levados a efeito por estes índios, nem sempre era objeto de satisfação de um apetite sexual, pois o fenômeno, comum em quase todas as sociedades primitivas, revela a intenção de obter escravos. A seguirmos a orientação de Sumner, veremos que, nas comunidades atrasadas, as mulheres nada mais são que "um ativo econômico, por via do trabalho que realizam e das crianças que dão à luz".

"No triunfo — disseram Spix e Martius — não poupa o mundurucu nenhum inimigo do sexo forte. Logo que ele o prostra no chão, com a flecha ou com o dardo, que nunca são envenenados, toma-o pelo cabelo e, com uma faca curta de bambu, talha-lhe os músculos do pescoço e as vértebras, com tal habilidade, que a cabeça é separada num instante. Segun-

do Cazal, por causa desse bárbaro costume os mundurucus pelos outros silvícolas são denominados de pai-quickés, isto é, decepadores de cabeças. A cabeça, assim conseguida, é então objeto do máximo cuidado por parte do vencedor. Assim que este se reúne aos companheiros, acendem fogueiras, e o crânio, depois de retirados os miolos, músculos, olhos e língua, é chamuscado sobre uma estaca; dias seguidos é lavado com água, depois de molhado em azeite de urucu, e, finalmente, posto ao sol, para secar. Depois de completo endurecimento, enchem-no, então, com algodão de cor, colocam-lhe os olhos feitos de resina, põem-lhe dentes, enfeitando-o, por fim, com um gorro de penas. Assim preparado, o hebdiondo troféu torna-se inseparável ornato do vencedor, que o leva consigo à caça e à guerra, pendurado por um fio e, quando dorme à noite, no rancho comum, ou está de dia ao sol, ou quando fuma, coloca-o perto de sua rede, como vigia".

Abordaremos, mais adiante, este processo de mumificação empregado pelos mundurucus.

O pariná: Assim era denominada a cabeça humana capturada na guerra e mumificada com perfeição. Desde já, frisamos que



Pariná ou cabeça mumificada pelos mundurucus da Amazônia brasileira.

não apenas as cabeças inimigas eram conservadas; também o mundurucus tombados em campanha tinham a cabeça, ou quer membro, seccionado pelos próprios companheiros, que ziam o despojo para a aldeia e, com o maior carinho e veneração, mumificavam-no e colocavam-no em lugar reservado às mas e troféus do defunto.

O *pariná* era o mais cobiçado troféu que um jovem mundurucu podia ambicionar. Quais eram, afinal, os detalhes que caracterizavam o seu preparo? A parte a valiosa dissecação de Spix e Martius, há pouco transcrita, sempre se pode acrescentar algo mais a respeito.

Tão logo posto em sossego, o mundurucu voltava a sua atenção para a feitura do *pariná*. Começava por arrancar os dentes à cabeça recém-capturada, guardando-os zelosamente, pois seriam empregados cinco anos depois na festa denominada *pariná-terran*, da qual falaremos adiante. Com uma faca de bambu extraía os olhos e toda parte óssea ou carnosa. Como uma bolsa vazia, a cabeça era untada, interna e externamente, com óleo de *capara* (planta cujas folhas fazem de copos para beber água) e recheada com estopa, raízes aromáticas e penas. O artífice procurava evitar que o troféu ficasse desfigurado durante a operação, refugiando à peculiar conformação facial da vítima. Em seguida, a cabeça era posta num funeíro, onde ficava a secar. Ao ser absorvido, o óleo fazia com que o troféu diminuísse de tamanho, sendo a bucha retirada paulatinamente, até o ponto em que a pele não se contraísse mais. Então, furavam-se os lábios, que era munidos por fios de algodão, de onde pendia um ornamento.

A parte inferior do *pariná* era perfeitamente lisa, tendo, ao centro, uma abertura circular ou oval. O troféu era dependurado por uma corda que passava pelo alto do crânio, sendo conservado num funeíro para se evitar a ação de insetos. Adquirida, com o passar do tempo, um negrume permanente. Nas grandes festividades, era exibido, orgulhosamente, por seu proprietário. Frise-se que, embora ricamente adornado e conservando, como a *tsantsa* equatoriana, os rasgos faciais da vítima, o *pariná* não tinha, absolutamente, a mesma durabilidade.

O *pariná-terran*: O guerreiro que chegasse a possuir dez cabeças inimigas, por ele próprio conquistadas nos campos de bata-

lha, estaria cotadíssimo para se tornar um novo *tuchaua*. Apenas uma cabeça, entretanto, já era o bastante para que seu proprietário tivesse o privilégio de ser sustentado, durante cinco anos, pelo resto da tribo, espécie de tributo ao valor de quem zelava pelas tradições guerreiras e pela segurança da comunidade. Ao cabo deste período, era realizado o *pariná-terran*, quando a cabeça-troféu, paradoxalmente, perdia todo o valor, pela extinção dos privilégios que, anteriormente, conferia a seu proprietário.

A parte sua crueldade e costumes brutais, os mundurucus sobrepunham, em senso comunitário, inúmeras tribos. Assim, quando por motivo de ferimento na guerra, o mundurucu se via impedido de trabalhar, a tribo era obrigada a sustentá-lo por toda a vida, como retribuição à sua coragem e desprendimento; com maior razão, quando o guerreiro morria em combate, sua família passava a receber uma pensão. Era curiosa a forma pela qual a comunidade reconhecia tal direito: o combatente ou sua viúva recebia uma mantilha de algodão ornada com os dentes extraídos de uma cabeça inimiga. Fosse o ferido ou a viúva o detentor da mantilha, deixava de trabalhar e passava a ser sustentado pela tribo.

Atualmente, engolfados pela cultura do branco e reduzidos a pouco mais de mil indivíduos, quase nada mais resta dos antigos mundurucus. Praticamente inexistem suas mais características tradições: a tatuagem que lhes desfigurava o corpo e a caça às cabeças. No dizer de Henri Coudreau, estes selvagens "não são mais os terríveis mundurucus. Para a população civilizada do Tapajós constituem apenas os *campineiros*, os *cara-pretas*, os *cabeças-peladas*. No seu declínio a horda não é mais para ninguém, mesmo para as pequenas tribos vizinhas, motivo de susto". E sentenciava: "Daí a cair no desprezo não vai mais que um passo, que os últimos mundurucus não tardarão a dar".

DA UMBANDA AO CANDOMBLE

Antes de mais nada, vamos situar a umbanda e o candomblé ao lado de outras religiões afro-brasileiras, em suas respectivas áreas de distribuição: babacuê (Amazonas e Pará); batuque (Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul); candomblé (Bahia); caboclo (do Piauí ao Rio Grande do Norte); pajelança, batuque e babacuê (Amazonas e Pará, sendo o batuque, como vimos, praticado também no Rio Grande do Sul); casa de mina (Maranhão); umbanda, macumba e quimbanda (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo); xangô ou changô (Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Sergipe).

Qual a natureza da umbanda? Etimologicamente, o vocábulo parece significar *sacerdote*, como ocorre com a palavra *quimbanda*. Oscar Ribas, citado por Cavalcanti Bandeira, afirma que as expressões *umbanda* e *uanga* representam pólos opostos na liturgia dos quimbundos; aquela designa a "ciência de quimbanda" ou "tratamento médico"; esta denomina a "arte do feiticeiro" ou "malefício". Frisamos, aqui, a semelhança entre o vocábulo *uanga* e as expressões *uganga* (feitico, entre os ganga cubanos) e *ouanga* (feitico, no *créole patois* haitiano).

Segundo alguns autores, a palavra teria origem no sânscrito ou no hebraico, para outros, teria origem banto. E, segundo o mestre Yokannam, em *Linguagem simplificada oriental, umbanda* significa "legião de Deus", de um = "Deus" e banda = "legião". O vocábulo poderia significar, também, o poder de percrutar o futuro.

A umbanda é fenômeno tipicamente urbano, ao contrário, por exemplo, do vodu haitiano, assentado na área rural. Trata-se de

uma tentativa consciente de reorganização das antigas religiões africanas, estioladas desde o século passado nas grandes cidades, onde subsistiam sob a denominação de *macumba*. Esta se apresentava como resultante da urbanização e da industrialização do país, fenômenos que reduziram o elemento negro à condição de subproletariado. Para resistir à influência desagregadora destes irreversíveis processos, as etnias negras sediadas no Rio de Janeiro se mesclaram, o que deu origem à macumba, sincretismo de fundamento jeje, nagô, musulmi, banto, caboclo, católico e kardecista. O espiritismo, introduzido no Brasil em 1865, oferecia a mais ampla receptividade junto às camadas urbanas mais pobres, logo se fundindo com a macumba, pois nesta, afinal, também se podia receber as almas.

Fundamentalmente, da união espiritismo-macumba teria surgido a umbanda. Na feliz assertiva de Cavalcanti Bandeira, toda umbandista é espírita, por aceitar a manifestação dos espíritos, mas, nem todo espírita é umbandista, pois nem todo espírita aceita as práticas de umbanda.

Fundada, ao que se presume, na década de 1930 por um militante de Niterói chamado José Pessoa, espírita kardecista, a nova crença logo saiu do Rio de Janeiro rumo a outros estados da União, detando raízes em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Delineada a ideologia umbandista, logo surgiu a tendência de se menosprezar a macumba, já considerada como um corpo de crenças atrasadas e malévolas que se confundia com a quimbanda ou magia negra. Para bem assinalar a enorme distância existente entre a umbanda e a macumba, os doutrinadores umbandistas passaram a ligar as origens primeiras de sua crença às mais remotas tradições orientais, quicá do Egito, de Israel ou da Índia, tradições estas que, posteriormente deturpadas pelos africanos, teriam dado origem à macumba.

Desta forma, na umbanda vão tomando ascendência cada vez maior os elementos espíritas e africanos mais compatíveis com os padrões de cultura e da moral ocidentais. Os sacrifícios de animais (que ainda existem no candomblé) passam a ser considerados manifestações de crenças atrasadas, e os próprios orixás começam a perder suas características originais, passando do plano das forças da natureza para o plano do poder moral. Assim,

Ogum abandona seus atributos de guerreiro para administrar justiça, e Oxosse não é mais a divindade que favorece a caça, e sim aquele que aconselha a superação das tentações do corpo físico.

As crenças africanas mais puras que integravam a receita do sincretismo umbandista vão se desagregando a cada dia que passa, em razão do predomínio do elemento branco, embora haja reações isoladas em contrário. Enquanto isto, através da pomba, celebrada no morro e na favela, o negro vai conseguindo captar ao controle das federações umbandistas, mantendo o espírito africano e a pureza religiosa tradicional.

Seja como for, indistarcáveis como os pés de um pavão, os liames originários da umbanda e da macumba...

Já se distinguiram dois tipos de religiões afro-americanas: as preservadas e as vivas. Uma religião preservada é conservadora, evita modificar-se, remanescendo fiel às tradições primevas, o que não significa que não seja vivida e, portanto, autêntica. Por outro lado, uma religião é considerada viva quando, em vez de se cristalizar, se transforma incessantemente, seguindo as mutações da sociedade onde viceja. Nesta linha de pensamento, a umbanda é uma religião viva. A ideologia umbandista não é estática, porquanto admite adeptos de todas as raças e de todas as crenças, principalmente brancos da pequena classe média. Visto, com isto, ser a religião de maior prestígio em âmbito nacional. As principais federações umbandistas acham-se sediadas no Rio de Janeiro, e pode-se dizer que a simpatia pela umbanda vem crescendo muito em Minas Gerais, Goiás e São Paulo, especialmente na cidade de Santos.

Indagado a respeito do crescimento da umbanda e do protestantismo pentecostalista, em detrimento do catolicismo, Dom Ivo Lorscheider, secretário-geral da CNBB, apontou, em entrevista formulada no livro *As Muitas Religiões do Brasileiro*, de Fausto Cupertino, quatro fatores principais motivadores do fenômeno: 1) todo homem, em especial o brasileiro, sente um particular fascínio pelo misterioso mundo dos espíritos; 2) em face do fenômeno da secularização e do tecnicismo empírico ou pragmático, o espírito humano parece proclamar mais alto sua irresistível tendência para o transcendente, o imponderável, o sobrenatural ou o preternatural; 3) atualmente, numerosos brasileiros, inquiridos sobre sua religião, já se declaram abertamente espíritas, ao contrário de outros tempos, quando muitos conseguem tamanha inciência devido à precariedade da convicção religiosa de muitos católicos; 4) os fatores mencionados da convicção religiosa de muitos católicos, que o são mais por tradição que por opção profunda.

É preciso notar, também, que o chamado catolicismo popular brasileiro integra-se, perfeitamente, aos mistérios da umbanda e do candomblé, além do que a heterogeneidade de conceitos e constantes mutações e adaptações ao meio por que passa a umbanda conseguem captar toda sorte de idiosincrasias religiosas. Entre as quais a dos católicos de insegura e débil catequese. Frequentemente, foi uma herança histórica que muitos receberam entre os quais a dos católicos, regra geral, mais que uma opção consciente, foi uma herança histórica que muitos receberam com indiferença e apatia.

Correria o catolicismo brasileiro o risco da mesma demoralização ocorrida no Haiti, onde, conta-nos Boaventura Kloppenburg, a Igreja, ao exigir de seus indecisos fiéis uma opção definitiva entre o cristianismo e o vodun, viu todo mundo optar pela umbanda, sendo que somente depois de muito tempo voltou a reinar o equilíbrio de sempre entre as duas religiões?

Alguns umbandistas mais entusiasmadas chegam a afirmar que a umbanda ainda será a principal religião do Brasil, quando o papa *sob a atoci* for proclamado o papa desta crença. Enquanto isto, sob a preocupação expectativa da Igreja, a umbanda e o protestantismo pentecostalista vão disputando, acirradamente, o palmo a palmo, o suposto controle da religiosidade popular no Brasil, ambos refutando as estatísticas promovidas pelo culto rival...

Em oposição à euforia umbandista, acha-se o fato de que muitas estatísticas que confirmariam, sem restrições, o assombroso progresso catequético da umbanda, estão viciadas por enguadratamentos, como umbandistas, milhares de seguidores de outros sincretismos. Por outro lado, muita gente que não mais encontra solução ou consolo para suas desventuras em sua religião original, vai procurá-los, momentaneamente, na umbanda. E não seria temerário afirmar que considerável percentual de supostos seguidores da umbanda vêm, neste sincretismo, apenas o fascínio do folclórico e da novidade, para ele se voltando apenas como um

atrativo da moda, impermeável, no entanto, ao consciente apra-
fundamento em sua ideologia.

Apesar de seu inegável crescimento, a umbanda ainda não conseguiu, entretanto, consolidar sua doutrina em âmbito nacional. Os rituais variam freqüentemente, de região para região, com predominância de elementos católicos, ora de elementos do budismo. Aliás, no primeiro Congresso de Espiritismo e Umbanda, celebrado no Rio de Janeiro em 1941, foi aprovada a tese de que a umbanda seria um rebento do hinduísmo, pelo qual logo depois foi criada a *gira do Oriente*, passando a imagem do Buda a integrar os altares da nova crença.

As divindades da umbanda compreendem sete linhas, dividas em legiões e falanges. As linhas são as seguintes: de Oxalá, de Iemanjá, de Oxosse, do Oriente, de Xangô (ou Changô, terminologia que seria a mais correta), de Ogum e Africana. Digase de passagem que a quimbanda também tem lá suas linhas, igualmente sete: a das Almas, dos Esqueletos, Nagô, Muçulmana, Mussuruby, Caboclos Quimbandeiros e Mista.

O panteão umbandista apresenta três categorias de entidades: orixás e exus, caboclos (espíritos de índios) e pretos-velhos (espíritos de africanos). Os orixás da umbanda vão corresponder aos *loas (loi, lwa)* do vodú haitiano, e aos *orichas* da *santeria* cubana, sendo de se pronunciar a palavra *orixá* (do nagô *orisa*), *ori'áxa*, consoante ensinamento de Waldemar Valente.

Pretos-velhos eram aqueles escravos que, em vida, adquiriam uma sabedoria muito grande, que lhes permitia o livre trânsito entre a casa grande e a senzala. Nos seus pontos (*cantigas*) pedem licença aos orixás para entrar no terreiro, dedicando suas *mandingas* (feições) à extinção dos sofrimentos alheios. Praticam a caridade e consolam os aflitos, sob orientação dos orixás, que os recompensam por suas benemerências. Existem, entretanto, pretos-velhos quimbandeiros que se voltam, no mais das vezes, para a magia negra, sendo representados de peito nu e de pé, ao contrário dos pretos-velhos de umbanda, convenientemente trajados e sempre de cócoras.

As entidades da umbanda caracterizam-se pela pureza e pela tendência ao bem. São impermeáveis àqueles espíritos cultuados no chamado baixo espiritismo, patentecendo a ideologia da afir-

mação do espiritismo científico da umbanda em oposição ao baixo espiritismo da macumba ou da quimbanda. A umbanda, entretanto, não renega a teoria do *continuum* kardecista, pela qual os espíritos, em praticando a caridade e cumprindo as obrigações através de seus médiums, sempre podem evoluir rumo à perfeição. No final dos tempos, a reintegração dos espíritos será universal e o princípio do mal será extinto. Disto se infere que a umbanda *tolera* os espíritos imperfeitos e suas variantes feéricas (pombas-giras). A influência católica é, aqui, patente, sendo a pureza, a espiritualidade e a verdade representadas por imagens do catolicismo.

A mediunidade é característica precípua da umbanda, como no vodú, no candomblé, na macumba e em outros sincretismos. Além de receberem as homenagens a que fazem jus, os orixás podem *baixar* sobre os fiéis, denominados *cavalos*, *incorporando-os* sob o efeito da sugestão proporcionada pelo misticismo ambiente, pelos atabaques e pelos chamados *pontos cantados* (*curimba* ou *culimba*) e *pontos riscados* feitos com giz branco (*peмба* ou *peμβe*). Estes pontos riscados denotam sugestiva semelhança com os *vévés* ou brasões dos *loas* (orixás) do vodú haitiano; e a *peмба* é muito utilizada por negros do Suriname que, em seus rituais, pintam o rosto com os signos peculiares a seus deuses.

A liturgia umbandista é desenvolvida em templos cujo interior se assemelha, regra geral, às igrejas católicas ou protestantes. Bancos separados por corredores acham-se rodeados por altares laterais subordinados a um altar principal. Cada centro umbandista conta com uma diretoria, secretaria e tesouraria, onde atuam um presidente, um vice-presidente, secretários, um tesoureiro e o conselho fiscal, que orientam a comunidade mediante *atos administrativos* afixados no mural do templo.

As *giras* ou *sessões* de umbanda são realizadas uma vez por semana em cada reunião, cultuam-se espíritos de uma determinada falange, havendo, portanto, quatro sessões mensais. As *ve-tancias* da ideologia da macumba.

A sessão começa com a defumação do templo; os médiums colocam-se de frente ao altar principal, de um lado os homens, do

outro as mulheres. Abaixo das imagens, entre as quais a de Cristo, a da Virgem Maria e a de São Jorge, se postam o *babalorixá* (pai-de-santo) e a *ialorixá* ou *babá* (mãe-de-santo), sempre em local que lhes permita manter o controle absoluto sobre o desenrolar da sessão. Efetuado o sermão introdutório, começa a cerimônia denominada *bater cabeça*. Sempre cantando pontos em louvor dos orixás, os médiuns tocam a cabeça nos pés do *babalorixá* e da *ialorixá*; estes, por sua vez, tocam, com a cabeça, os pés das imagens. A seguir, ao som dos atabaques, os médiuns começam a ficar montados. Trazem, sobre suas vestes alvíssimas, (obrigatórias durante o ritual), as guias ou colares característicos de seus orixás. Em caso de baixar um caboclo, o médium trará um cocar de penas e um charuto nos lábios; se descer um preto-velho, o fiel usará chapéu de palha, cachimbo e bengala. Se a entidade for Exu ou Pomba-gira, cigarro ou charuto, capa preta e vermelha e uma garrafa de aguardente.

Começam, a seguir, as consultas às entidades. Versam, no mais das vezes, questões de saúde, de dinheiro e de amor. A informação desejada sempre é complementada com a recomendação do uso de um banho de ervas, e da colocação de copos com água em vários lugares da casa do consulente, com o fito de ser afastado o mau-olhado. É preciso, também, cumprir uma determinação da obrigação para que seja afastada a carga espiritual negativa atuante sobre o consulente.

Quanto à hierarquia litúrgica da umbanda, temos inicialmente o *babalorixá* ou *babalão* (*babalawo* em Cuba e na República Dominicana) e a *ialorixá* ou *babá*. Entre suas atribuições, a identificação dos orixás que se manifestam, a preparação e a iniciação dos filhos-de-santo (*kanzo*, no *vodu* haitiano e *vodunsi* no *candomblé jeje*), *riscar o ponto* ao início das sessões, explicar a doutrina, dar passes, praticar a clarividência.

Depois vêm os *ogãs*, que entoam os pontos cantados e dirigem o trabalho de incorporação dos médiuns. A seguir, os *cambonos* e *sambas*, filhos ou filhas-de-santo, que protegem os médiuns enquanto tais e colaboram na realização das danças. Finalmente, os médiuns ou *carvalos-de-santo* (*burros*, quando incorporados por Exu).

Isto posto, já é tempo de dizermos algo também a respeito do *candomblé*, outro sincretismo de suma importância na realidade

religiosa do Brasil contemporâneo. Antes, porém, umas poucas palavras sobre a macumba, a terrível adversária da umbanda... A palavra *macumba* derivaria, segundo Georges Lapassade e Marco Aurélio Luz, da expressão *muambo*, isto é, "casa de quimbolas", negros refugiados em florestas, como em Palmares, que cultivavam os espíritos de seus antepassados e sonhavam com sua volta à África, pátria ancestral. Já para Renato Almeida, citado por Edison Carneiro, o vocábulo talvez tenha origem no *jongo*, dança semi-religiosa executada por dançarinos chamados *cumbas*. Ao realizarem os passos mais difíceis do bailado, os negros pediam a proteção dos *cumbas* velhos ou *jongueiros* experientes. De acordo com a explicação de um negro centenário, o *cumba* seria um *jongueiro* perverso, pactuado com o demônio e mestre na feitiçaria, *macumba* ou reunião de *cumbas*. Por outro lado, não é de se desdenhar o fato de que no *candomblé* exista um instrumento musical, semelhante ao *reco-reco*, denominado *macumba*...

A *macumba* teve seu apogeu com o aparecimento do espiritismo no Brasil, pois a recepção dos mortos ou dos deuses africanos pelos vivos apresentava similitude patente. Isto propiciaria ao negro a conclusão de que suas tradições estavam plenamente justificadas por uma religião elaborada pelos brancos muito posteriormente...

Mais tarde, entretanto, como já dissemos, a umbanda passou a reduzir a *macumba* a um simples conjunto de artes mágicas malféticas, oriundo da deformação da tradição oral dos mais puros conceitos espirituais de antigas civilizações do Oriente.

Se nem é preciso insistir mais nas flagrantes diferenças ideológicas entre a umbanda e a *macumba*, também a liturgia de ambos os cultos apresenta notáveis divergências. Começemos pela arquitetura: os templos da umbanda, extremamente sofisticados, estão em nível bastante superior ao barracão ou terreiro da *macumba*, sempre ubicados no morro e na favela. O comportamento dos fiéis durante as sessões também não coincide; os crentes da umbanda mostram-se passivos e submissos, respeitosos, durante a liturgia, ao passo que os fiéis da *macumba*, postados em círculo, podem receber, a qualquer momento, as entidades, e enquanto isto não ocorre, manifestam-se ativa e ruidosamente, dançando, às vezes, trabalho à polfícia...

Quanto à *quimbanda* designa este termo, inicialmente, um sacerdote, em oposição ao feiticeiro vulgar. No Brasil, entretanto, a expressão *quimbanda* tomou o significado de "magia negra", inimiga *figadal*, portanto, da umbanda. Curiosamente, constam-se casos de prática de macumba em certos templos umbandistas, após as sessões convencionais. Seriam as *giras de Exu*, que pressupõem o fechamento dos altares onde se encontram os chamados orixás *brancos*, passando Exu a ser o dono da reunião, assumindo até foros de androginia, ao tomar características femininas, sob o apelativo *Pomba-gira*, *Pombojira* ou *Bombongira*. Dominam, então, a sexualidade e os instintos e pululam consultas a respeito dos mais convenientes caminhos a trilhar na realização sexual dos fiéis. Tais *giras*, é forçoso reconhecer, são as mais concorridas pelo pessoal, apesar dos esforços dos dirigentes umbandistas no sentido de suprimi-las de vez. São, evidentemente, as que mais se aproximam das tradições da macumba, mas, é preciso alentar, por outro lado, para o fato de que sempre é o Exu *baizado* que baixa na umbanda, isto é, aquela entidade que se regenera combatendo o mal e purificando-se cada vez mais mediante a teoria do *continuum* kardecista.

Passemos, agora, ao candomblé. Este vem a ser uma festa anual obrigatória dos negros iorubas (nagô) da Bahia, exemplarmente mantida em vigor pelos descendentes dos escravos lá radicados. O culto, freqüentemente perseguido pela polícia, em razão de suas manifestações ruidosas, somente foi reconhecido pelas autoridades em 1976. No dizer de Arthur Ramos, a palavra *candomblé* designava, originalmente, uma dança, passando, depois, a nominar as próprias cerimônias religiosas afro-baianas. Há quem diga, porém, que *candomblé* era a designação conferida aos atabaques utilizados nos rituais, sendo o sufixo *blé* estranho à língua ioruba, podendo ter surgido apenas por corruptela ou por imposição vocabular de outra etnia. As danças que teriam dado origem ao atual candomblé constituem uma invocação aos orixás. São levadas a efeito principalmente por mulheres, cujo potencial chamativo seria maior que o do elemento masculino.

O candomblé sugere ingredientes das mais diversas procedências: africanas, indígenas, católicas e espíritas, com predomínio das influências negras. O candomblé de caboclo, manifestação

vizinhos, apresenta típica do povo de Salvador e municípios vizinhos, apresentamentos de origem jeje, ioruba, indígenas e mestiços, com destaques para as crenças denominam-se *encantados*, que para as crenças denominam-se *encantados*, caboclo, os orixás religioso peculiar ao candomblé se faz patente ainda hoje: em todos os barracões constatam-se altares católicos e os orixás sempre têm uma segunda natureza, encontrada nos santos do cristianismo. O candomblé adota, também, como símbolos, a cruz de Cristo, a hóstia e inúmeros episódios bíblicos são revividos nos pontos cantados. Seus adeptos freqüentam a missa católica, confessam, comungam e uma das mais fortes doções do candomblé obriga as iniciandas a assistir à missa do Bonfim, numa sexta-feira previamente marcada, para que possam se considerar aptas ao exercício de suas funções religiosas.

O sincretismo candomblé-catolicismo tem ensajado casos curiosos e até engraçados. Recentemente, por exemplo, um pai-de-santo sediado na capital paulista encomendou uma missa na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, no Largo Paissandu, destinada a assinalar, condignamente, a inauguração do maior barracão de candomblé do Brasil. Durante a cerimônia, entrariam na igreja inúmeros seguidores do candomblé, trajados a caráter e transportando uma colossal estátua de Xangô (São Jerônimo), que pesaria mais de duzentos quilos. Com tudo isso não concordou, em absoluto, o bispo auxiliar, que mal sabia da história. Permitted, quando muito, esta autoridade eclesiástica, a realização da missa, mas, sem Xangô e sem "gente fantasiada" na igreja. Na verdade, tudo não teria passado de um mal-entendido do capelão, que até já recebera o pagamento da taxa de celebração da missa, pensando, ao que se presume, que esta seria realizada em louvor de São Jerônimo. Do santo propriamente dito, evidentemente...

Olorum é o supremo criador dos deuses e dos homens; abaixo dele estão os orixás, dos quais o dirigente maior é Oxalá, identificado a Cristo (Senhor do Bonfim, na Bahia). É vastíssimo o panteão do candomblé, mas, entre os orixás não existe hierarquia. Destacam-se, no entanto, Oxalá, Xangô (ou Changô), Ogum, Oxosse, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Iansã, Oxumaré, Ifá. Oxalá é a manifestação cósmica do céu, da terra e da luz, da paz e do amor; Xangô é a manifestação da justiça, da força e

do poder, sendo representado pelo trovão, tendo, portanto, sésias haitianos em Heviossos e Zaka Tonnerre. Ogum, por sua vez, é manifestação da luta, sendo orixá das guerras e das demandas, enquanto que Xapanã é o médico dos pobres, assumindo duas personalidades: Abaluaie, quando jovem, e Omulu, quando velho.

Exu (Papa Legba, no Haiti; Echu, Elégua ou Elebará, em Cuba), não é *loa* nem *orixá* e sim *intermediário* entre homens e deuses e *criado* destes. Pretenda alguém obter favores desta ou daquela divindade e terá, antes de mais nada, que despachar Exu, a fim de que, com a influência que este exerce junto aos deuses, possa conseguir o almejado.

Exu só fará o que lhe pedem se lhe derem as coisas de que gosta, como azeite-de-dendê, cachaça e fumo. Se for desprezado ou traído preparará as maiores travessuras, prejudicando as cerimônias. Eis por que, como no Haiti, os primeiros momentos dos rituais do candomblé lhe são dedicados inteiramente, começando toda cerimônia com seu inevitável despacho.

Exu não é, entretanto, uma entidade malévola propriamente dita, como poderia fazer crer seu sincretismo com o diabo dos cristãos, devidamente elaborado por missionários católicos. É, quando muito, um espírito travesso e interessado, que pode ser invocado para produzir o bem ou o mal. Aliás, consoante ensinamento de Roger Bastide, o africano não atingiu o estado do chamado dualismo religioso. Seus deuses apresentavam, em geral, caráter ambivalente e podem ser, a um só tempo, perigosos e benévolos. Exu se enquadra, como nenhuma outra entidade afro-americana, nesta linha de pensamento, e há quem o considere uma espécie de anjo da guarda, em que pese o fato de que, em certos terreiros do xangô pernambucano, ele seja tido como um espírito maléfico por excelência, sempre invocado por gente mal-intencionada. Já na macumba carioca, Exu é o maior protetor desta seita, ao impedir as possíveis *vistas* da polícia, soprando a poeira dos caminhos nos olhos dos soldados, fazendo-os perder o rumo e a exata localização do centro de macumba visado...

A assimilação de Exu ao diabo desnaturaria seu primitivo caráter, e, como a influência do branco foi maior no Rio de Janeiro,

de elaborar a existência de dois tipos de Exus, os maus ou *pagãos* e os bons ou *batizados*.

Dissemos que nenhuma cerimônia do candomblé pode se efetuar sem o *despacho* de Exu. Tal despacho, também chamado *padê*, consiste, no mais das vezes, em oferecer ao *homem das encruzilhadas* uma galinha preta aberta ao meio, transformada em cabaça sacramental, cheia de ingredientes diversos que atuam como oferenda.

Mas, o despacho pode consistir, também, numa grande cesta contendo bode, galinha preta ou animais diversos, bonecas de pano (*dagyde* ou *vulto*) crivadas de alfinetes, farofa de azeite-de-dendê, cachaça, tiras de pano vermelho e moedas. Na macumba carioca uma prenda de Exu consistirá numa vela acesa, cumba carioca de cachaça e charutos.

Conta-nos Oliveira Magno, citado por Edison Carneiro, que, na década de 1930, quando a umbanda se pôs em contato com o ocultismo, as oferendas a Exu se tornaram bastante sofisticadas: as garrafas de cachaça e as caixas de fósforos deviam estar abertas e certos despachos só podiam ser depositados nas encruzilhadas machos (em forma de cruz) ou em encruzilhadas fêmeas (em forma da letra T). Em qualquer caso, estariam excluídas aquelas trafegadas por bondes, uma vez que a influência do ferro ou do aço dos trilhos neutralizaria o efeito do ato mágico... Exu é vaidoso, gosta do luxo e de festas e não tem maiores preocupações com a moral tradicional. Dependendo do barracão, pode ser até pornográfico e luxurioso. No candomblé é chamado de *compadre*, *meu chapá* ou *doutor*. Consagram-se-lhe todas as segundas-feiras, mas, como sem ele nada se faz, atua todos os dias. Sendo, entretanto, louvado desde o primeiro dia da semana, supõe-se que os demais correrão sem maiores problemas causados pela travessa entidade.

A provável origem da consagração de Exu na segunda-feira talvez resida numa lenda que elucida, também, a origem do *homem das encruzilhadas*. Ei-la: um rei do Congo tinha três filhos, Xangô, Ogum e Exu. Este não era um mau-caráter propriamente dito; era, isto sim, pleno de vitalidade, brincalhão, aguerrido e amante de algazarras e maroteiras.

Quando as pessoas transitavam em frente ao palácio de seu pai, costumava pregar-lhes peças das mais significativas e, caso

protestassem, apanhavam. Um belo dia, Exu morreu. A partir de então, sempre que o povo pedia benesses aos deuses ou celebrava suas festas religiosas tradicionais, nada dava certo. Os rios começaram a secar, o gado a morrer, a peste a grassar no reino. Um babalaô consultou os *obis*; estes informaram que Exu, lá no outro mundo, tinha ciúmes dos deuses e também queria uma parte dos sacrifícios. Mais: queria ser venerado antes de todos. Daí por diante, nunca mais se fez nenhuma oferenda ou cerimônia sem que Exu fosse servido e despachado antes de qualquer outra divindade.

Exu pode se manifestar num fiel, mas, como não é orixá, tecnicamente não se poderia dizer que o crente é *filho de Exu*, e sim que ele tem um *carrego de Exu*, vale dizer, uma obrigação ainda não saldada com o *compadre*. Entretanto, Roger Bastide assinala a existência de *filhas de Exu* numa comunidade afro-baiana.

Detalhe curioso referente a Exu é a existência, na macumba carioca, da cerimônia dos cemitérios, onde Exu Caveira corre, ponde, em linhas gerais, ao Baron Samedi haitiano. Aliás, é de se frisar a semelhança existente entre os espíritos *guedé* haitianos, que celebram a morte, e o citado Exu Caveira ou Sete Caveiras.

Quanto à localização e organização do candomblé, é de se dizer que as danças são levadas a efeito em casas da periferia, dotadas de um barracão (*roça*) para as cerimônias. Tal ubicación, apartada dos centros nobres, tem suas razões: os rituais se prolongam, às vezes, por extensos períodos, que chegam quase a um mês; além disto, as festas, realizadas longe dos centros urbanos, não molestariam os cidadãos não filiados à crença.

O barracão de candomblé é retangular, e nele se vêem entes de papel colorido ou de palha, formando pontos riscados. Há um trono sacerdotal e em lugar reservado para os atabaques (estádio), bem como o indetectível altar com santos católicos. No centro do barracão acha-se enterrado o *exé* (força), ligado por uma coluna ao teto, ao redor da qual giram filhos e filhas-de-santo. Este pilar, que simboliza a vinculação dos homens aos orixás não encontra, porventura, substituição semelhante no *potau-mitan* do vodú haitiano?

Em torno do barracão, os *ilês* ou casas, consagradas aos

orixás (*ilé-ere* ou casa das imagens, na *santeria* cubana, também chamada *ileochá*, contração de *ilé-orichá*).

Estas casinhas, denominadas *assentos dos santos*, indiciam alguma similitude com os *peristilos* do *houmfort* haitiano. Estas compartimentos, dedicado a Exu, fica à entrada do santuário, pois ele é ciumento e poderia brigar com os orixás. Nos candomblés de caboclo, os espíritos também não residem no interior do santuário, pois gostam do ar livre, devendo ser venerados em pontos prefixados, sempre assinalados por uma árvore.

O *roncó* é o recinto onde se acham os *otás* (pedras sagradas) dos orixás, mas, a palavra pode designar, também, os atabaques, percutidos nos candomblés de caboclo.

O *pêji* é o local reservado para os *assentamentos* e *otás*, situando-se no próprio *roncó*. Neste, assentado no solo, está o *eró* ou *segredo* do babalaô.

A camarinha é o recinto onde se preparam *iaôs* para a *feitura do santo na cabeça*, e onde se levam a efeito os *assentamentos* ou preparação do corpo dos iniciados que servirão de moradia aos orixás. Na camarinha são efetuados, também, os sacrifícios de animais e os processos de cura.

As criadeiras são alojamentos onde os iniciados recebem do babalaô e da *mãe-criadeira* os ensinamentos típicos do candomblé.

No candomblé nagô, o pai-de-santo se chama *babalorixá* e a mãe-de-santo *ialorixá* (*iyalorixá*); no candomblé jeje, ambos são chamados *volunô*.

O *pêji-gã* é o responsável pela conservação e pelo aspecto festivo das cerimônias, ao passo que o *ogã* (*ogã*) seria uma espécie de *procurador* do candomblé, com a função de prestigiar financeiramente o barracão.

No plano espiritual, tanto o *pêji-gã* como a *ialaxé* (zeladora do altar) estão abaixo do pai-de-santo e da mãe-de-santo.

Axogum é o sacrificador de animais e depois dele vêm as filhas-de-santo (*iaôs*), seguidas por suas servas, as *ekêdi* ou *kedi*, encarregadas de acompanhar as filhas-de-santo durante as danças, e de enxugar seu suor com toalhas brancas.

Encerrando o quadro de figurantes do candomblé, surgem os

abias, que remanescem numa fase imediatamente anterior à iniciação propriamente dita.

A possessão dos fiéis pelos orixás chama-se *virar para o santo*; quando o fenômeno ocorre pela primeira vez com alguém, é denominado *bolar para o santo*. Quando isto ocorre com algum espectador do ritual, a pessoa é levada para o roncô, onde o babalaô revelará, através de seu poder de *mão-de-búzios*, qual o orixá manifestado. Posteriormente, o iniciando receberá orientação da mãe-criadeira e *virará para o santo*, com a raspagem total dos cabelos. A partir de então, permanecerá enclausurado em sua criadeira, exceção feita às cerimônias das saídas, que são três: a primeira, denominada *saída para Oxalá*, a segunda, chamada *saída de dijina* e a terceira, consistente na apresentação pública do santo.

Após a primeira saída, o iniciando recebe as *curas* no corpo e na cabeça e o sangue dos animais consagrados ao orixá. É relevante a importância que o sangue, líquido vital por excelência, tem no candomblé, atavismo, certamente, de antiquíssimos cultos africanos. O sangue "é um líquido muito especial", diria Meistófeles ao doutor Fausto, no célebre poema de Goethe. Realmente, em todos os povos de todas as épocas, os sacrifícios humanos ou de animais bem demonstram que o sangue, mesmo fora do corpo do ser sacrificado, continua vivo, palpitante. Ao oferecer sangue aos deuses, o sacerdote está oferecendo a própria seiva da vida. A imolação dos animais é feita pelo *axogum*, e o sangue é recolhido para várias finalidades sacras, entre as quais a preparação do *vinho do santo*.

A *saída de dijina* revelará o nome pelo qual o orixá deseja ser conhecido. O babalaô encoraja a entidade manifestada a enunciar o nome ou *dijina* através do próprio fiel.

Qualquer pessoa pode assistir às cerimônias do candomblé e se passar a freqüentar com a assiduidade o barracão será designado *abiã*, mesmo que prefira não ter nenhuma vinculação com a seita. Com a iniciação (*seitura do santo na cabeça*), o *abiã* passa a filho-de-santo e depois a iaô. Após sete anos de estágio, aos iaôs passam a *ebânni* e, em seguida, ao grau de *babalorixá* ou *ialorixá*.

Quando o *babalorixá* recebe de um *babalaô* (adivinho, *se* sacerdote de Ifá, divindade da clarividência) os poderes de fazer

cabeça e de *mão-de-búzios* (oráculo de Ifá), assume as funções de *babalaô*.

Entre as prerrogativas do *babalaô* incluem-se a permissão para diminuir o prazo de sete anos que leva o iaô para chegar a *ebânni*, e a indicação de fiéis para o exercício de certas funções religiosas, como a de sacrificador de animais, ogãs ou *alabês* (tocadores de atabaques).

Atingindo 21 anos de ministério religioso, o *babalaô* é elevado a *tata* ou *Grande Pai*, ocasião em que já pode ir escolhendo um substituto para atuar no barracão. Passará a *vodunô* (termo jeje) quando completar a bela faixa de cinquenta anos de atividades religiosas.

A consulta aos orixás (oráculos) também se faz presente no candomblé, sendo atividade privativa do *babalaô*. Ifá, orixá da adivinhação, oferece resposta, pelas mãos do *babalaô*, para todos os problemas materiais ou espirituais dos fiés. Tendo nas mãos o *olá* (pedra consagrada) o crente deve estar descontraído e concentrado, para poder transmitir ao *babalaô* suas vibrações. Estas transferir-se-ão para os *búzios* (pequenas conchas), cuja posição, ao serem lançados, revelará a atitude a ser tomada pelo consultante.

Quanto às guias, são colares coloridos que representam a vibração do orixá, atuando como eficaz proteção aos seus portadores, exatamente como se usam *ouangas* benéficos no Haiti. As guias indicam, também, o orixá protetor de quem as usa, bem como o cargo religioso que possivelmente exerça.

Do *xangô*, praticado na Paraíba, em Pernambuco, nas Alagoas e em Sergipe, podemos dizer que é uma criação de diversas etnias negras: iorubá, jeje, congo, mina. A influência muçulmana teria sido relevante no *xangô*, bem maior que na Bahia, onde, no ano de 1835, os maometanos foram literalmente exterminados por uma raia policial destinada a acabar, de uma vez por todas, com as freqüentes rebeliões promovidas por esta etnia.

Alguns autores afirmam que o *xangô* nada mais seria que uma derivação do candomblé, havendo mesmo, segundo o pesquisador Waldemar Valente, uma tendência de se substituir a própria denominação do culto pela de candomblé.

Além de designar o próprio sincretismo de que estamos a

cuidar, a palavra *xangô* nomina, também, o local dos rituais, cujos adeptos são chamados *xangozeiros*.

O terreiro de *xangô* apresenta inegáveis semelhanças com a barracão de *candomblé*. Aparecem, o péji, os santos cardeais com o de *xangô* é o *babalorixá*; mas, a mulher somente chega à posição no *xangô*, a denominação de *iabá*, e, à parte pequenas diferenças, pode-se dizer que neste *sincretismo* impera o mesmo *arcanjo* litúrgico do *candomblé*, sendo sua meta principal, também, a *descida do santo*. E por falar em santo, *Xangô* (ou *Changô*) é, por definição, a mais importante das divindades do *sincretismo* em epígrafe, embora encontre em *Ogum sério rival* da sua popularidade. *Orixá* das tempestades e dos relâmpagos, *Xangô* tem seu fetiche nas chamadas *pedras-de-raio*. Em Pernambuco, *Xangô* se bifurca em *Xangô-moço* (São João) e *Xangô-velho* (São Jerônimo).

Outra divindade de respeito é *Xapanã*, também conhecido por *Obaluaí* ou *Abaluaí*, correspondente ao *Omulu* do *candomblé*. Considerado o *médico dos pobres*, sempre avisa seus fiéis da iminência de alguma epidemia ou ajuda a curar através de *médiums* em que se manifesta. *Ogum*, que rivaliza com *Xangô* em popularidade, vem a ser o patrono dos soldados e dos ferreiros.

Exu, protetor da entrada do santuário, é também chamado, em Pernambuco, *Mojubá*, *Tiriri*, *Lonã*, *Maioral* e *Barabá*. Em alguns terreiros de *xangô*, *Exu* não tem nada de batizado, sendo tido como entidade especialmente *maléfica* e utilizado para des-pachos pouco simpáticos. Estes se compõem, geralmente, de esqueletos de animais, pipocas, galinha morta, mariscos, sal, moedas, velas e papel vermelho. Colocados nas encruzilhadas ou nos lugares transitados pelas vítimas, constituem *maléficos* de primeira ordem...

PETRÔNIO E O LOBISOMEM

“...et subito lupus factus est!”
(Petronio, Satiricon, Cap. LXII.)

No ano 54 da era cristã ascendeu ao trono romano, com apenas dezessete anos, o celeberrimo Nero Cláudio Augusto Germânico, que logo passou a ser adulado por despuddorados cortesãos, que não hesitavam em fazer os mais escabrosos mexericos e intrigas, para obter as boas graças de quem quer que se achasse no poder.

É nesse ambiente que começa a se fazer notado um certo Caio Petronio, o qual, por inteligência e vivacidade incommuns, elegância no trajar e gosto apurado, cai imediatamente nos favoritos do patia de imperador, para desgosto dos antigos favoritos do mesmo.

Dotado de veia satirica, nosso herói criticava, mordaz e elegantemente, a decadente sociedade de então, embora ele próprio fosse homem de costumes dissolutos. Boêmio inveterado, Petronio não tardaria a influir no ânimo do próprio Nero, em seu irregular modo de viver: assim, ambos dormiam durante o dia, encontravam-se furtivamente à noite, portando capuzes para não serem reconhecidos e saíam pelas ruas, fazendo toda sorte de safadezas, perturbando o sossego público e provocando transeuntes solitários. Quando encontravam uma mulher sozinha, fosse ou não honesta, não poupavam, os malandros, os mais indecentes gracejos à infeliz. Conta-se que certa vez Nero se engraçou com respeitável senhora, sem perceber que o marido vinha mais atrás; revolado com tamanha falta de respeito, o homem apli-

cuidar, a palavra *xangô* nomina, também, o local dos rituais, cujos adeptos são chamados *xangozeiros*.

O terreiro de *xangô* apresenta inegáveis semelhanças com o barracão de *candomblé*. Aparecem, o péji, os santos católicos e a casa das almas (*balé*). Como na Bahia, o chefe do terreiro de *xangô* é o *babalorixá*; mas, a mulher somente chega à posição de *mãe-de-santo* quando atinge a menopausa. As *ekêdi* recebem no *xangô*, a denominação de *ibáá*, e, à parte pequenas diferenças, pode-se dizer que neste sincretismo impera o mesmo *bouço litúrgico* do *candomblé*, sendo sua meta principal, também, a *descida do santo*. E por falar em santo, *Xangô* (*ou Changô*) é, por definição, a mais importante das divindades do sincretismo em epígrafe, embora encontre em *Ogum sério* rival da sua popularidade. *Orixá* das tempestades e dos relâmpagos, *Xangô* tem seu fetiche nas chamadas *pedras-de-raio*. Em Pernambuco, *Xangô* se bifurca em *Xangô-moço* (São João) e *Xangô-velho* (São Jerônimo).

Outra divindade de respeito é *Xapanã*, também conhecido por *Obaluaï* ou *Abaluaï*, correspondente ao *Omulu* do *candomblé*. Considerado o *médico dos pobres*, sempre avisa seus fiéis da iniciação de alguma epidemia ou ajuda a curar através de médiuns em que se manifesta. *Ogum*, que rivaliza com *Xangô* em popularidade, vem a ser o patrono dos soldados e dos ferreiros.

Exu, protetor da entrada do santuário, é também chamado, em Pernambuco, *Mojubá*, *Tiriti*, *Lonã*, *Maioral* e *Barabaô*. Em alguns terreiros de *xangô*, *Exu* não tem nada de batizado, sendo tido como entidade especialmente maléfica e utilizado para des-pachos pouco simpáticos. Estes se compõem, geralmente, de esqueletos de animais, pipocas, galinha morta, mariscos, sal, moedas, velas e papel vermelho. Colocados nas encruzilhadas ou nos lugares transitados pelas vítimas, constituem malefícios de primeira ordem...

PETRÔNIO E O LOBISOMEM

"...et subito lupus factus est!"
(Petronio, Satiricon, Cap. LXII.)

No ano 54 da era cristã ascendeu ao trono romano, com apenas dezessete anos, o celeberrimo Nero Cláudio Augusto Germânico, que logo passou a ser adulado por despuddorados cortesãos, que não hesitavam em fazer os mais escabrosos mexericos e intrigas, para obter as boas graças de quem quer que se achasse no poder.

É nesse ambiente que começa a se fazer notado um certo Caio Petronio, o qual, por inteligência e vivacidade incommuns, elegância no trajar e gosto apurado, cai imediatamente nos favoritos do patia de imperador, para desgosto dos antigos favoritos do mesmo.

Dotado de veia satírica, nosso herói criticava, mordaz e elegantemente, a decadente sociedade de então, embora ele próprio fosse homem de costumes dissolutos. Boêmio inveterado, Petronio não tardaria a influir no ânimo do próprio Nero, em seu irregular modo de viver: assim, ambos dormiam durante o dia, encontravam-se furtivamente à noite, portando capuzes para não serem reconhecidos e saíam pelas ruas, fazendo toda sorte de safadezas, perturbando o sossego público e provocando transeuntes solitários. Quando encontravam uma mulher sozinha, fosse ou não honesta, não poupavam, os malandros, os mais indecentes gracejos à infeliz. Contase que certa vez Nero se engraçou com respeitável senhora, sem perceber que o marido vinha mais atrás; revoltado com tamanha falta de respeito, o homem apli-

cou tremenda sova no engracadinho, sem saber, o infeliz, estava surrando o senhor de vida e morte na poderosa Roma...

Nero não deixou por menos: tão logo identificou o cônjuge da infeliz mulher que lhe despertara a lascívia, mandou receber-lhe uma tunda dez vezes mais severa do que aquela que Ofônio Tigelino, um dos favoritos do imperador, mordida-se de inveja de Petrónio, aguardando, com impaciência, uma oportunidade para livrar-se dele. Não a deixaria escapar, quando, no ano 65, foi descoberta uma conspiração para deturbar Nero; o astuto cortesão subornou um escravo para que este denunciasse, falsamente, Petrónio como um dos terroristas! Entre o amigo e o trono, Nero nem hesitou; Petrónio foi condenado à morte.

Sabedor do ocorrido, Petrónio mostrar-se-ia superior a tanta mediocridade; recolheu-se à sua casa, abriu as veias e morreu esvaindo-se em sangue, não sem antes balbuciar trovas zombeteiras e recomendar uma carta ao imperador, onde criticava, acrememente, seus inúmeros vícios.

PETRONIO E O FOLCLORE LATINO

Dentre os autores latinos, Petrónio foi o que mais sensível se mostrou aos encantos da poesia popular e suas deliciosas criações, sendo considerado, além de notável estilista, o único autor verdadeiramente folclorista de sua época. O folclore por ele divulgado seria transmitido aos portugueses e destes passaria praticamente inalterado para o Brasil.

O hábito de se fazer com que o falecido ficasse com os pés voltados para a porta durante o velório, já era religiosamente seguido na Roma petroniana e sair da cama com o pé direito era excelente meio de se evitar um dia aziago. Os romanos levavam de tal forma a sério esta crendice que muitas casas tinham um escravo à porta para lembrar a quem pretendesse adentrar o recinto, que o fizesse com o pé direito.

Saudar quem espirrasse era imprescindível já entre os gregos e romanos e colocar os cotovelos à mesa, durante as refeições era, como hoje, imperdoável falta de educação.

Também bruxas e assombrações tinham muito prestígio entre os romanos. Aquelas (*lamiae vel strigae*) eram monstros noturnos

que chupavam o sangue às crianças durante a noite; para evitá-las, dependuravam-se amuletos no pescoço dos bebês, hábito que sobrevive ainda hoje, nas conhecidíssimas "figuinhas", usadas por tanta gente em nosso país, menos para evitar bruxedos que em instintiva imitação de nossos antepassados latinos...

PETRONIO E O LOBISOMEM

O lobisomen, simpática figurinha do nosso folclore, já era velho conhecido da criançaada contemporânea de Petrónio, que torcia-se de medo ao ouvir a mãe invocá-lo, em caso de mara-

vilhosa metamorfose de um soldado que, numa noite enluarada, ficava inteiramente despido, transformando-se em lobo (*... et subitior lupus factus est!*) pondo-se a uivar desesperadamente, desatando-lhe a pele do animal escolhido para proteger o grupo.

Lembra Gustavo Barroso, em sua interessante obra sobre folclore *Ao Som da Viola*, à p. 571, que os antigos gregos já acreditavam que um homem pode se transformar em lobo após ter sacrificado uma criança no altar de Júpiter Lyceo. Esta divindade, lembra Gustavo Barroso, era *lupina*, de *lycos* (lobo, em grego). Também Plínio, famoso naturalista da Antiguidade, aludiu ao lobisomen, denominando-o *versipellis*, bem como Ovídio, em suas *Metamorfoses*, Livro I.

Santo Agostinho mencionou a lenda dos lobisomens em sua obra clássica, *A Cidade de Deus*, ao lembrar a citação de Varrão, de que alguns habitantes da região denominada Arcádia, localizada na Grécia antiga, na parte central do Peloponeso, tomavam a forma de lobo durante nove anos, voltando à forma humana no décimo.

Gustavo Barroso vai ainda mais longe, vendo a idéia de licantropia já no velho Egito, contida na representação de deuses com forma de animais, principalmente o deus Anúbis. Lembra, ademais, que na antigüíssima Caldéia já se acreditava que todo

homem privado de sepultura voltaria à terra para vingarse do desleixo de seus semelhantes, assumindo a forma de um lobo horrificante...

No Brasil, o lobisomem é um infeliz excomungado pelos pais ou por algum padrinho. Sua maldição é segregar-se da humanidade, até que numa sexta-feira, à meia-noite, movido pelo instinto, dirige-se a uma encruzilhada, lança ao solo cascas de caranguejo, tira a roupa e dá um nó em cada ponta. A seguir, estende-a no chão e começa a dar cambalhotas sobre ela, ruminando um estribilho ("Encoura mas não enchuxa diabo?") até que comece a transformação: o corpo começa a cobrir-se de pêlos, as orelhas crescem, o rosto alonga-se como o de um cão e as unhas tornam-se garras. Daí começa a correr sem destino, sugando o sangue de todo menino pagão que encontrar. Na falta deste, ataca qualquer pessoa...

Tem, contudo, um medo enorme do chugo; casa que tiver espeto, lobisomem não ronda. Às três da madrugada, quando o galo canta, o lobisomem volta à forma humana.

Note-se que, como Lycæon guardou os vestígios de sua primitiva forma humana, nosso lobisomem sertanejo também os guardará, mantendo alguns detalhes de sua conformação física original. E se o versipélio de Petrônio, obrigado pelo encantamento de que é vítima despe-se e urina em suas roupas para transformar-se em lobo, nosso lobisomem caboclo tem que vestir suas roupas pelo avesso e espojar-se em estercos. São pequenas similitudes que insinuam uma origem comum...

Se uma mulher dá à luz sete filhos homens, o primeiro ou o último será, fatalmente, lobisomem. Existem lobisomens brancos, amarelos e pretos, conforme a cor da vítima do encantamento. Para que este seja desfeito, existem vários processos: esperar o monstro em local onde se suspeite costume o mesmo frequentar, colocando nas proximidades o signo de Salomão, uma estrelinha feita com palhinhas bentas; se a fera aparece e olha para o símbolo, volta a ser gente no mesmo instante.

Outro processo é dar-lhe um tiro no dedo mindinho ou uma facada, devendo, em ambos os casos, perder apenas uma gota de sangue. Não há erro: o lobisomem volta a ser gente e não mais "corre o fado", como assevera a linguagem popular...

CHILE

O ENIGMA DE HOTU MATUA

Uma das maiores atrações arqueológicas do mundo está situada em pleno oceano Pacífico, a 3.760 km do continente sul-americano, mais especificamente, do litoral chileno. Trata-se da ilha de Páscoa, possessão chilena desde 1888. Local inóspito, quase deserto, não tem, num raio de 2.000 km, nenhuma porção de terra vizinha, e os navios que ali aportam são raríssimos, além de que nunca permanecem na ilha mais do que alguns dias.

Descoberta em 5 de abril de 1722, dia de Páscoa, pelo holandês Jacob Roggeven, a ilha tem uma superfície de 15 hectares, com a forma triangular e, em cada vértice, um vulcão: Ranorarako (parte oriental), Ranocaroi (parte sul) e Ranokao. A população não ultrapassa 1.400 pessoas, que denotam, em maioria, características polinésicas, secundadas por alguns brancos. O local é chamado *Vaihu Teapi* ou *Te Pito Ote Henua* (umbigo do mundo), ou ainda, *Matakierani* (olhos que fitam as estrelas). Até aqui, nada de excepcional. Qual, então, o motivo do crescente interesse pelo local, por parte de arqueólogos e historiadores? É que já se sabe que a ilha foi outrora, embora sem o prestígio alcançado por outros sítios arqueológicos das Américas, berço de misteriosa civilização pré-histórica, cujos exóticos vestígios ainda se encontram em abundância. Inicialmente, as majestosas edificações em pedra, algumas com forma antropomórfica, chamadas *moai*, com mais de 10 m de altura, outras formando plataformas (*ahu*), destinadas a cultos religiosos. A ereção de tais monumentos deve ter exigido marcante divisão de trabalho, poder centralizado e, claro, técnica avançada, tendo-se em vista seu enorme peso e o relevo acidentado do solo

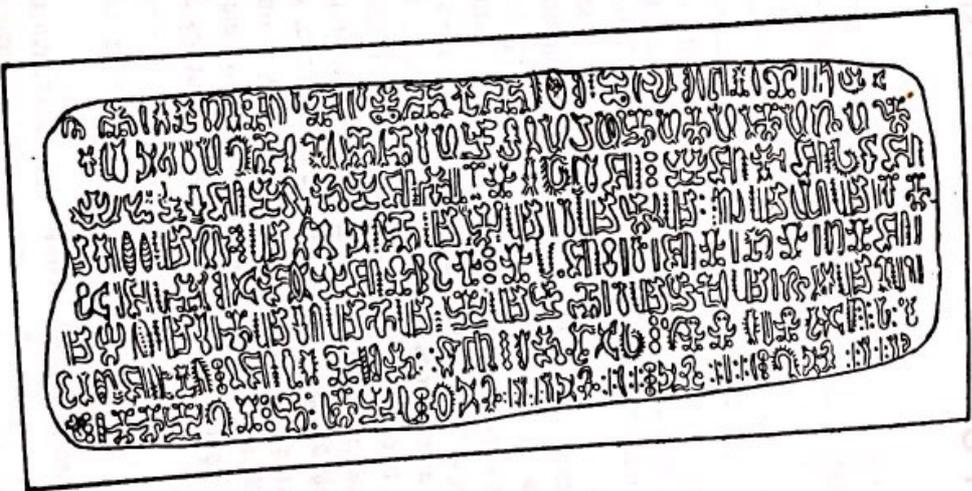
pascoano. Depois, a misteriosa espécie de escrita chamada *Kohau rongo-rongo* em idioma nativo, laborada na madeira duríssima de uma pequena árvore conhecida como *toro-miro*, sendo as incisos feitas com dentes de tubarão. Um acervo inestimável de tábuas gravadas foi perdido para sempre quando, em 1863, o padre Eugênio Eyraud, que aportara à ilha para evangelizar os gentios, fez destruir pelo fogo todas as tábuas escritas existentes, por serem obras do diabo. Salvaram-se apenas vinte exemplares...

Como a existência da escrita comprova um alto nível cultural para qualquer povo, já se percebe o quanto foi desastroso para a ciência a perda deste material ideográfico. Já se sabe, contudo, que a *kohau rongo-rongo* é inversa, isto é, os ideogramas devem ser lidos a partir da última linha da tábua, da direita para a esquerda e, ao chegar ao fim, o "leitor" deve girá-la num raio de 180 graus, para continuar a leitura da penúltima ou segunda linha, que já se percebe, tem seus caracteres lavrados "de cabeça para baixo". Assim sucessivamente.

Merecem citação, também, as estatuetas trabalhadas em *toro-miro*, denominadas *moai-miro*, comuns em toda a Polinésia, nas ilhas Marquesas e Tuamutu.

Somente a tradição oral poderia, no atual estágio de conhecimentos, esclarecer com alguma precisão as origens e os dados básicos da civilização pascoana. Por isso, todos ouvem com grande interesse a narrativa dos ilhéus que afirmam ter sido a ilha ocupada, há muitos séculos, por um monarca (*rapa nui*) chamado Hotu Matua e sua corte. Esta gente, de origem obscura, teria trazido para a região uma adiantada técnica de edificação e a escrita. Alguns pesquisadores, como Thomson, fundados na tradição oral, acreditam que 57 reis governaram a ilha, mas outros, como Jausen, afirmam que os *rapa nui* foram apenas 30. Quanto à origem dos *rapa nui*, acredita o pesquisador inenarrável Thor Heyerdahl que as origens de Hotu Matua devem ser procuradas junto ao lago Titicaca, no altiplano andino, pois haveria profundos laços culturais entre a cultura tiahuanacota — descrita neste livro — e a pascoana. É certo, por outro lado, que populações de origem polinésia chegaram à ilha em épocas remotas, e nunca mais puderam deixar o local, pois, como já foi visto,

a madeira para a confecção de barcos era absolutamente insuficiente. O enigma de Hotu Matua persiste. E como já se comenta que os Estados Unidos têm interesse em adquirir ou arrendar, por 25 anos, a ilha de Páscoa, para utilizá-la como pista de emergência de ônibus espaciais, o mistério poderá persistir por muito mais tempo do que se imagina, pois nada garante que o local continuará a ser visitado por cientistas e curiosos...



Exemplar da *kohau rongo-rongo*, ou antiga escrita da ilha de Páscoa.

FOLCLORE CHILENO

Como o folclore brasileiro, o folclore chileno é belo e riquíssimo. Tal criatividade tem origem em longínquos períodos históricos: por exemplo, o lobisomem, simpática personagem do nosso folclore, já era citado pelo poeta latino Caio Petrónio, que em sua obra *Satiricon*, descreve a maravilhosa transformação de um soldado numa noite enluarada, despindo suas roupas e transformando-se em lobo, pondo-se a urivar desesperadamente, e desaparecendo num bosque das vizinhanças. Com alguns pêlos a mais ou a menos, o lobisomem passou são e salvo, através dos portugueses, do folclore latino para o folclore brasileiro. O costume de se fazer com que o falecido fique com os pés voltados para a porta durante o velório, sair da cama com o pé direito para se evitar um dia aziago, evitar colocar os cotovelos à mesa durante as refeições (grande falta de educação ainda hoje), eram curiosos hábitos de nossos antepassados latinos que sobreviveram até nossos dias. Os espanhóis trouxeram muito das antigas crenças folclóricas para o Chile; por exemplo, o basilisco, figura importantíssima no folclore chileno e que é um horrendo lagarto cujo olhar terrífico mata as pessoas por ele avistadas, é incontestável legado espanhol às lendas e tradições do povo do Chile.

EL CALEUCHE

O *caleuche* é um maravilhoso navio que navegava misteriosamente através dos intrincados canais de Chauques, Chonos e Guaitecas, no sul do país. Suas aparições se davam principalmente à noite ou em dias nublados e sua tripulação era com-

posta de bruxos transformados em guapos marinheiros de roupas luxuosas. O *caleuche* não resiste, porém, às arremetidas das explicações científicas. Suas aspirações derivam de um fenômeno produzido pela refração dos raios luminosos ao atravessar as capas atmosféricas de diferentes densidades e temperaturas. Disto resulta que os raios que partem de um objeto determinado, de um navio, por exemplo, se curvam até voltar à superfície da terra ou do mar, onde refletem sua imagem em golfos ou canais e outras latitudes. E onde termina a ciência começa o sobrenatural...

A VIÚVA NEGRA

Este é um fantasma de mulher, alta e elegante, sempre vestida de negro, que ronda silenciosamente pelos campos e subúrbios das cidades chilenas, à procura de guapos rapazes para sua companhia. Não é de todo má; errante, sempre triste, macilenta, às vezes faz-se brincalhona, quando salta à garupa de um cavaleiro menos avisado, fazendo com que a montaria e o infeliz ginete disparem à louca, até caírem de cansaço e medo.

O "THRAUCO"

Este é um fantasma silvestre, pequenino e perverso. Conta a lenda que, quando Deus criou o Universo, estalou um terrível motim entre os anjos, vendo-se o Criador na contingência de expulsar do Paraíso o orgulhoso Lúcifer, principal instigador da rebelião. Porém o resultado foi contraproducente: todos os anjos, sem exceção, permaneceram fiéis a Lúcifer, seguindo o terrível caudilho em sua queda. Temeroso de ficar sozinho no Paraíso, Deus fechou as portas do céu e do inferno, fazendo com que numerosos espíritos celestes ficassem vagando no espaço, transformados em anões, gnomos e duendes. Muitos destes vieram ter à Terra, como por exemplo, o *thrauco* e o *machucho*. O primeiro é um horrível ser cuja estatura não ultrapassa 80 cm: só se pode vê-lo pelas costas, pois se ele perceber que alguém o observa, o curioso fica paralisado imediatamente. O *thrauco* costuma arruinar a saúde das crianças; a única solução para isto é a mudança imediata de residência, sendo que entre a nova moradia e a antiga deve existir um rio sem ponte, porque o *thrauco* só se detém diante da água...

O "MACHUCHO"

Este é um monstro que anda apoiando-se com as mãos no solo, pois tem uma das pernas quebradas. Sua cabeça é voltada para trás e seu corpo é completamente deformado. O *machucho* nada mais é que uma criança raptada por bruxos que lhe quebraram uma das pernas e obrigaram-no a servir de porteiro em sinistra caverna que lhe serve de moradia.

A "PINCOYA"

A *pincoya* é uma sercia que habita, além do mar, os rios e lagoas onde protege os peixes e mariscos, e cuida de sua fecundação. Dela dependem a abundância e a escassez destes animais.

A CIDADE ENCANTADA

Talvez a mais bela criação do folclore chileno seja a Cidade dos Césars, lendária metrópole construída em ouro e diamantes. Sua arquitetura seria de imponência indescritível: templos, arcadas, colônias, capitéis, tudo em ouro maciço. A notícia de sua existência foi muito difundida e aceita por todos, inclusive pelos cobicçosos europeus. Expedições militares e religiosas partiam em profusão à procura da metrópole encantada. A fértil imaginação dos nativos descrevia a Cidade dos Césars como sendo dotada de formosas e largas avenidas e opulentos edifícios; estaria cercada de profundos abismos e situada em local inacessível ao não iniciado naquele viver opulento. Alguns exploradores a situavam na Patagônia, outros nas províncias de Osorno, Valdivia e Cautín, ou, ainda, às margens dos rios Bodudahue ou Palena.

A origem do nome da cidade prende-se a um correligionário de Francisco Pizarro, Don César, que informou a seu capitão ter descoberto, ao fazer a travessia entre o Forte Espírito Santo, na Patagônia, e o Oceano Pacífico, uma desconhecida cidade indígena edificada nos píncaros andinos. A tradição manteve-se até 1871, quando tornou-se ainda mais reforçada graças a um relatório de alto funcionário do governo chileno, que descrevia "uma cidade rica e forte, situada num ponto entre os graus 45 e 56 de latitude". A fantástica metrópole, prosseguia a informação, estava protegida por muralhas e fossos, tendo uma única porta de entrada, permanentemente guardada por sentinelas. Os edifícios

eram de pedra lavrada e suntuosos, e as coberturas dos templos eram de prata, assim como os utensílios domésticos. Os habitantes da cidade tinham a tez clara e olhos azuis, e os homens traziam espessa barba. Trajavam roupas de seda nas cores azul e amarela, e falavam um idioma desconhecido para os índios e espanhóis. Embora possuindo inúmeros rebanhos, seu principal produto era a pimenta, que comercializavam com seus vizinhos, dos quais, contudo, viviam rigidamente apartados. (*La tierra de nadie*, de Fernán Felix de Amador, *apud* Estrellita Jr., *As minas do Sincora*).

AS FESTAS RELIGIOSAS

As paróquias rurais chilenas celebram, todos os anos, sob grande animação e respeito, as festas de seus santos padroeiros. As principais são a de São Francisco de Assis, a de São Judas Tadeu, a de Santo Antônio, a da Virgem Puríssima, a da Virgem da Candelária, etc. Um dia antes do onomástico do santo padroeiro, todo mundo celebra *las vísperas*, isto é, o prelúdio das festividades propriamente ditas. O fiscal da paróquia reúne o povo para escolher o *cabildo*, isto é, quem comandará as festividades, e, no dia seguinte, come-se, bebe-se e dança-se à farta. Também São João, São Pedro, São Francisco, Santa Rosa oferecem excelentes oportunidades para festas e comilanças. A *Noche Buena* é outra grande festividade chilena, celebrada na véspera da Páscoa, onde se comem iguarias típicas, principalmente certos tipos de queijo.

OS BRUXOS DE CHILOÉ

A crença na bruxaria, na província de Chiloé, é deveras incomum. Nada menos que 80% da população acredita em bruxos; o isolamento das regiões mais adiantadas do país, a vida monótona e despreocupada, as dificuldades dos meios de locomoção, o clima frio e chuvoso, o céu plúmbeo parecem um convite à permanência e à criação de lendas. A atividade dos bruxos em Chiloé constitui verdadeiro privilégio, uma tradição de pai para filho. Qualquer família se orgulha de ter um filho votado ao estudo da bruxaria, da mesma forma que enaltece as qualidades de outro que é médico ou professor...

Apesar do grande temor que os chamados bruxos ainda inspiram no pessoal, existe verdadeiro respeito por eles, e todos procuram servi-los da melhor forma possível, para obter suas boas graças... Os bruxos de Chiloé fazem inúmeras travessuras; suas principais vítimas são os viandantes noturnos, a quem desorientam, fazendo com que os infelizes que se achavam numa estrada deserta de repente se encontrem numa praia totalmente deserta, a milhares de quilômetros de distância. O iniciante à bruxaria tem que cumprir várias tarefas para ser admitido ao Conselho de Bruxaria: ficar quinze dias sem comer sal, andar com uma lagartixa presa ao corpo, e não falar com ninguém, esquivando-se de importunas visitas... Um bruxo de Chiloé, como qualquer bruxo que se preza, tem a faculdade de voar; mas, não pode, em hipótese alguma, pronunciar o nome de Deus ou da Virgem Maria, pois cairá ao solo imediatamente. Para descobrir se alguém é ou não bruxo, basta observar, numa noite fria, como essa pessoa aquece as mãos ao fogo da lareira: se, ao invés de aquecer a palma das mãos, ficar com a costa destas voltada para o lume, eis um bruxo. Outra maneira de apanhar um bruxo com a boca na botija é colocar duas agulhas cruzadas sobre a cadeira onde o suspeito está sentado ou sobre a porta de saída da casa. Se o infeliz não puder se levantar e começar a transpirar profundamente, ou não conseguir transpor a porta, será um bruxo. E assim transcorre a vidinha do pessoal de Chiloé, província que preserva, zelosamente, suas antigas crenças, símbolo vivo do simpático folclore chileno.

AS MÚMIAS DE ARICA

Ao norte do Chile, na região da cidade de Arica, existe uma colina onde acabam de ser descobertas nada menos do que 96 múmias humanas pré-históricas, intactas! Feito o teste com o Carbono 14, infalível na datação de material orgânico, sobre uma das múmias, esta apresentou a respeitável idade de 8.000 anos! Na opinião dos arqueólogos que efetuaram a pesquisa, tais múmias teriam pertencido à cultura indígena chinchorro, considerada primitiva.

Quando se sabe que a civilização egípcia, que dominou como nenhuma outra a técnica de mumificar cadáveres, tem, no máximo, 6.000 anos de existência, surge a indagação: como pôde um tribo considerada atrasada, ter dominado um processo de mumificação tão perfeito há nada menos que 8 milênios? Mais trabalho e sensação para os arqueólogos...

O REINO DO ELDORADO

Situada entre o Peru e a América Central, a Colômbia apresenta uma arqueologia das mais curiosas, em face do hibridismo das culturas que floresceram em seu solo. Não tendo, ao contrário dos outros países, despertado a atenção da pesquisa metódica, somente após a Segunda Grande Guerra a ciência arqueológica começou a se desenvolver, com destaque para as escavações feitas ao norte, no litoral do mar das Caraíbas. Talvez o mais antigo vestígio de uma cultura evoluída em terras colombianas seja o do sítio arqueológico de San Agustín, a 1.600 m de altitude, a pouca distância do alto curso do Magdalena, embora seu horizonte cultural alcance mesmo a vertente oriental da cordilheira dos Andes. San Agustín teria suas origens por volta do século VI antes de Cristo, tendo durado, segundo Henri Lehmann,¹ cerca de um milénio.

San Agustín destaca-se, antes de mais nada, por estátuas antropomorfas, de pedra, cujo principal atributo é a desproporção entre a cabeça e o corpo, aquela muito maior que este. É possível, segundo Henri Lehmann, que os escultores de San Agustín pretendessem retratar a superioridade do intelecto humano sobre a força bruta dos irracionais, pois, nestes, as proporções eram respeitadas.²

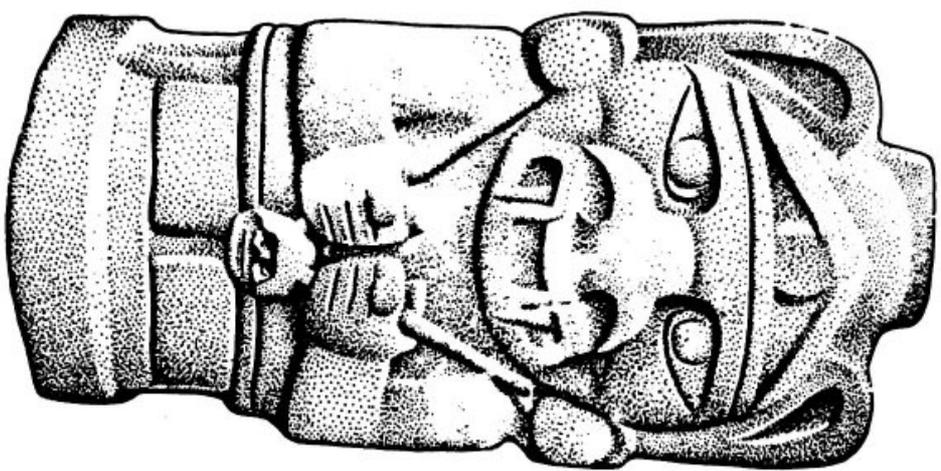
Outra cultura que merece destaque na arqueologia colombiana é a *tairona*, originária de uma cordilheira isolada e de eleva-

1. Henri Lehmann, *As Civilizações Pré-Colombianas*. 2.ª ed., São Paulo, Difel, 1979, p. 100.

2. Henri Lehmann, *op. cit.*, p. 101.

da altitude, denominada Sierra Nevada de Santa Marta. Ao que parece, tairona seria proveniente da América Central. Ao face das semelhanças culturais constatadas.³

A arquitetura tairona foi relativamente desenvolvida, pois produziu grandes aldeias, com plataformas de pedra para residências, pontes, caminhos viários e açudes. Os machados cerimoniais parecem ter origem nas Antilhas e sua ourivesaria é inspirada nas culturas do Panamá. Ao tempo da conquista espanhola, a sociedade tairona abrangia grande número de cidades que se dividiram em duas confederações rivais e seu grau de desenvolvimento já ensejava divisão do trabalho, estratificação social e sistema religioso evoluído. Constituíam a base econômica desta cultura o milho, os refinados tecidos e as belíssimas jóias de ouro, que trocavam com os muiscas por sal, pescado e esmeraldas.



Escultura antropomorfa da cultura San Agustín, Colômbia. Notar a cabeça-troféu ostentada pela personagem, peculiar a tribos amazônicas.

Uma terceira cultura colombiana que vem merecendo a atenção da ciência arqueológica é a dos muiscas, também denominada *chibchas*. Embora inferior, em alguns aspectos, à dos taironas, a cultura muisca primou pelo elevado senso de organização político-social, às vezes convulsionado por facções rivais. Sua religião era bem desenvolvida e o poder civil confundia-se com o religioso, sendo seus reis também sacerdotes (teocracia). Também nesta cultura se notam características mesoamericanas: heróis de divindades da mesma natureza (Iá, Quetzalcoatl, aqui, Bochica), sistema de numeração idêntico e realização de sacrifícios humanos por extirpação do coração (cardiotomia).

Os muiscas estavam predestinados, contudo, à vanguarda da fama pela associação de seu nome a um dos mais célebres mitos da humanidade, o do Eldorado. Reino legendário, riquíssimo, nele as cidades e os artefatos de uso comum seriam lavrados em ouro puro. Diziam-se, desde os primórdios da colonização espanhola, que Eldorado estaria situado em algum ponto perdido da América do Sul, considerado, durante algum tempo, o reino dos muiscas colombianos, embora mais tarde o mito fosse deslocado para regiões inóspitas, como a Amazônia, a planície boliviana ou as selvas de Mato Grosso.

Os espanhóis nunca renunciaram a acreditar na existência de um país cada vez mais fabuloso e mais rico; muitos deles se embrenharam nas traiçoeiras florestas amazônicas, rumo a tais descobertas, para nunca mais voltar...

A razão do prestígio dos muiscas, como sede do Eldorado, é devida, sem dúvida, à associação da lenda com as cerimônias, realmente existentes, da entronização de um novo monarca. Com efeito, nas cercanias da atual Bogotá, havia um lago chamado Guatavita, em homenagem ao rei do mesmo nome, no qual a ascensão ao poder de um novo monarca era festejada com luxo

3. João Frank da Costa, *Evolução da América Pré-Colombiana*. Conselho Federal de Cultura, 1978, p. 166.

incomparável. Aquelle que receberia a investidura era levado para o centro do lago numa balsa ricamente ornamentada, lançando na água pepitas de ouro e esmeraldas. Estranha e faustosa peculiaridade: seu corpo desnudo era coberto com ouro em pó, daí o nome lendário de Eldorado...

Dentre os exploradores que se lançaram com maior empenho na busca do "rei dourado", destaca-se Gonzalo Ximénez de Quesada que, entre 1536 e 1540, à frente de duzentos homens, conquistou grande parte do actual território da Colômbia, dando-lhe o nome de Novo Reino de Granada, submetendo os muiscas em 1538. Nesta ocasião, este povo se achava em crise política sem precedentes, pois o rei Guatavita havia sido deposto e morto pelo rival Nemequene, abatido este, por sua vez, na guerra civil entre duas facções, a dos bogotás e a dos junzas. O poder passou, então, a Tisquesusa, que, sabedor da chegadas dos espanhóis, passou a hostilizá-los por intermédio de seu sobrinho Saquesaxigua. Quesada e seus companheiros logo abateram os nativos, graças à superioridade de seu armamento, passando a pressionar o monarca para que este informasse a respeito do tesouro de Guatavita, o Eldorado. Nesse ínterim, faleceu Tisquesusa, sucedendo-lhe o próprio Saquesaxigua. Este, mantido sob "proteção" dos espanhóis, logo percebeu que se tornava cativo. Incessantemente pressionado por Quesada, o novo monarca procurava provelar, ao máximo, qualquer informação sobre o tesouro de Guatavita, até que foi obrigado a prometer que, dentro de vinte dias, daria aos espanhóis uma quantidade tal de ouro e esmeraldas que encheria um dos aposentos do palácio até o teto! Ao notar o olhar embevecido dos espanhóis, Saquesaxigua ri-se por dentro, porque sabia que, mesmo libertado, nunca mais voltaria a ser o monarca altivo que fora, agora humilhado pelos espanhóis! Pretendia, na verdade, dar uma lição exemplar aos seus algozes. Fez com que todos os dias, viesse à sua presença um nativo carregado de jóias e lâminas de ouro, embrulhados em fino tecido, sempre escoltado por 36 acompanhantes, cobertos de largos mantos de algodão branco. A numerosa comitiva passava livremente pela guarda espanhola de Saquesaxigua e, no aposento indicado pelo rei, deixavam cair, pesadamente, os fardos, de tal modo que os espanhóis ficavam assanhados com o tilintar do metal precioso. Imediatamente, porém, os astutos nativos reti-

ravam grandes sacolas debaixo das roupas e nelas colocavam o ouro trazido! Os vigilantes espanhóis não imaginariam, jamais, um truque tão simples e eficaz, de tal forma que o ouro que vinha, voltava! Ao cabo do prazo estipulado, os estrangeiros se acolovelaram na porta do aposento para ver as riquezas. Decepção! A cela estava vazia e o monarca música ria altivamente, da baixeza dos brancos! Encolerizado, Quesada perdeu a serenidade que sempre o caracterizara, fazendo torturar e executar Saquesaxigua, sem que este revelasse para onde o ouro fora levado. A título de consolo, os espanhóis ainda conseguiram, com o saque aos palácios, cerca de 270 mil pesos em ouro e 3 mil pesos em esmeraldas.

Aí estão, prezado leitor, as coordenadas da lenda do Eldorado colombiano. Que existiu um rei chamado Guatavita, que se banhava no ouro em pó e que lançava preciosidades num lago que tinha seu nome, não restam dúvidas. Aliás, um documento firmado por Filipe II autorizava um tal Antonio de Sepúlveda a explorar o lago de Guatavita durante seis anos, podendo ficar com tudo que encontrasse, desde que a quarta parte do achado fosse para a Coroa. Se o suposto tesouro do Eldorado ultrapassasse a importância de 50 mil pesos, metade iria para o rei. Sepúlveda achou apenas 6 mil pesos e a decepção geral fez com que o lago começasse a ser esquecido. Ora, se o ouro de Guatavita era pouco, a cobiça e a imaginação dos espanhóis eram ilimitadas. Guatavita não interessava mais, agora era o reino dos omáguas a região do verdadeiro Eldorado. Mandou a Colômbia, então, gente de Cusco, de Assunção, de Cochabamba, de Santa Cruz de la Sierra, todos na pista do "verdadeiro" Eldorado...

Um novo reino legendário, semelhante ao de Guatavita e de Saquesaxigua nunca mais foi encontrado, mas, graças à persistência da tradição, foi feito o desbravamento da Amazônia e da planície boliviana, na qual, segundo alguns sonhadores, o Eldorado seria o reino do Grande Patititi, incomparavelmente mais rico do que Guatavita. Desta lenda, aliás, partiu Nulfo de Chavez rumo à fundação de Santa Cruz de la Sierra, hoje próxima cidade boliviana.

NA TERRA DOS CAÇADORES DE CABEÇAS

Tempos atrás, um sertanista europeu residente na América do Sul, cercado da admiração e curiosidade dos nativos, principalmente, por ter vistosa e bem cuidada cabeleira ruiua, foi encarregado de levar a cabo importante missão científica: ir até a região habitada pelos ferozes jívaros, no Equador, em busca de dados mais concretos a respeito destes selvagens famosos por seu horripilante costume de degolar seus inimigos, dependurando suas cabeças à porta de suas choças...

Habitado às mais exóticas e perigosas empreitadas, o explorador não deu atenção às prudentes recomendações que lhe fizeram sobre a forma correta de tratar com os sinistros aborígenes. E lá se foi, rumo às florestas da parte oriental do território equatoriano.

Triste ironia do destino! Meses depois, apareceram, no local da partida do temerário aventureiro, alguns indígenas que procuravam vender umas famosas cabeças humanas mumificadas pelos jívaros; e esta apresentava curiosa particularidade: tinha cabelos muito ruivos...

COSTUMES

Tomando raríssimas vezes contato com o homem branco, os jívaros, ainda hoje, são um povo completamente selvagem e feroz. O próprio governo equatoriano exerce irrisória autoridade sobre estes índios, devido ao total isolamento do meio que habitam. Sua desconfiança para com os brancos justifica-se em parte, se levarmos em conta três séculos de atrocidades e humilhações impostas a estes nativos.

Embora atrasados e de hábitos cruéis, os jívaros apresentam belo tipo físico: estatura mediana, corpo bem formado e robusto, rosto redondo e brilhantes olhos negros. Sua indumentária consiste numa tanga suspensa à cintura por uma faixa; os homens trazem o cabelo comprido, como as mulheres, porém adotam penteados peculiares ao sexo, ornamentados com plumas de aves. Usam delgados estiletos de bambu atravessados nos lóbulos das orelhas; as mulheres trazem, freqüentemente, uma destas agulhas no lábio inferior, sendo este adorno denominado *bezote*, o qual parece ter sido legado por povos mais evoluídos do litoral, que o confeccionavam em ouro ou bronze.

Tanto nos homens como nas mulheres de idade avançada, os lábios e dentes são negros, em virtude do hábito de mascar folhas de uma erva denominada *yamamuco*. Os homens têm vergonha de aparecer barbudos perante as mulheres, pelo que se votam a uma contínua depilação. A mulher geralmente se casa entre os doze e catorze anos de idade, sendo o marido escolhido pelo pai. Quase todos os homens possuem mais de uma companheira, em virtude das constantes capturas de mulheres e crianças levadas a efeito nos agrupamentos vizinhos. Vale frisar que tais mulheres jamais serão consideradas escravas, fazendo parte integrante da família do captor.

As habitações dos jívaros são casas de forma ovalada, com duas entradas muito estreitas, estando localizadas umas distantes das outras, sobre elevações do terreno, formando grupamentos muitas vezes inimigos, embora pertencentes à mesma nação. Dentro de cada vivenda existem tantas camas (*peakas*) quantas forem as mulheres casadas, pois quem é solteiro dorme no chão...

Os homens cuidam da manutenção das embarcações, das armas e da caça, enquanto as mulheres confeccionam objetos de cerâmica, cestos, tecidos e cultivam várias plantas.

A noite elas velam pela preservação do fogo, pela manhã oferecem aos velhos e crianças uma infusão amarga de *guayusa*, para que todos lavem a boca e o estômago. A seguir, servem o desjejum em vasilhas de barro (*piningas*), composto de iguarias típicas, frutas e a famosa bebida *chicha*. Enquanto os homens comem e conversam animadamente, as mulheres guardam respeitoso silêncio. As relações entre aqueles e estas são,

invariavelmente, cercadas de um clima de profunda amabilidade e consideração, mesmo nos assuntos de pouca importância. As mulheres acreditam que terão sorte no amor se esfregarem no corpo uma erva denominada *shero*; os homens, por sua vez, utilizam — às ocultas — a *mayuca*, com idêntica finalidade...

Se a mulher é pilhada em flagrante adultério, sua cabeça é inteiramente riscada com uma fina agulha, perdendo todo o cabelo. Havendo reincidência, a adúltera é presa no chão por uma lança que lhe dilacera as carnes, de forma tão cruel que embora seja o sofrimento indescritível, não é suficiente para lhe causar a morte. A infeliz permanece neste estado deplorável durante três semanas, alimentada e vigiada. E, se chegar a cometer um terceiro adultério, será sumariamente executada. Entretanto, já se percebe, um caso destes deve ser raríssimo...

Os meninos são diligentemente educados pela mãe, até atingirem a idade de acompanhar o pai nas caçadas, principal ocupação masculina. Nelas, os jívaros utilizam uma espécie de curare, com que embebem suas flechas e pequenos dardos com cerca de 15 cm. O veneno é tão possante que o animal atingido cai, instantaneamente, em estado de torpor; então, o experiente caçador jívaro coloca na boca da caça uma curiosa variedade de sal que impede que seja envenenado quando consumir aquela carne.

Na pesca, os jívaros empregam uma droga extraída da erva denominada *barbasco*; apanham grande quantidade desta planta e a trituram sobre uma pedra, lançando-a, a seguir, à água; imediatamente os peixes começam a boiar, sendo apanhados rio abaixo.

Este veneno é tão violento que, afirmam os entendidos, seus efeitos chegam a atingir cerca de três milhas de distância.

A ESTIRPE DO DEMÔNIO

As crenças religiosas dos jívaros são muito pitorescas. Adoram um ser maligno, *Iuanchi*, denominado *el diablo* pelos espanhóis, e embora sejam ardorosos fiéis de *Yusa*, gênio do bem, esta fidelidade é sobrepujada pelo temor a *Iuanchi*. Um valoroso missionário chamado Enrique Vacas Galindo, que viveu quase toda sua vida entre os jívaros a estudar seus costumes, observou que estes selvagens elaboraram curiosa solução para o dualismo

religioso. Para eles, é muito mais prático cultivar Iuanchi, ao invés de Yusa, pois este, sendo bom, não fará dano a seus fiéis, ao passo que o primeiro, de má índole, não hesitaria em praticar malefícios, mesmo sem motivo, sendo imprescindível, já se vê, seu culto...

Nenhum projeto importante é posto em prática sem que antes se consulte Iuanchi. Quando algum jívaro tem problemas íntimos e não sabe como resolvê-los, retira-se para um local ermo, longe da presença dos demais componentes do grupo, e na solidão prepara o espírito para a entrevista com o diabo. Para tanto, ingere o suco de uma erva terrível, poderosíssimo tóxico que faz com que o infeliz veja, não apenas um, mas milhares de demônios e duendes, em terríveis alucinações. É claro que, sob os convincentes efeitos da droga, o fiel discute animadamente com Iuanchi a atitude a tomar e logo, em seus desordenados pensamentos, forma-se a inabalável convicção que será seguida até a morte, se preciso for...

Os jívaros vivem sob o terror permanente de Iuanchi e sua corte de feiticeiros, denominados *bishinios*. Adoram cortar a cabeça dos sacerdotes de outras tribos, acreditando que os poderes sobrenaturais da vítima passam para o possuidor do medonho troféu.

Quem tiver uma *tsantsa* ou *chancha* (assim eram chamadas as cabeças mumificadas pelos jívaros) estará livre de qualquer praga ou doença que ronde sua choça.

Os jívaros chegam a mumificar, às vezes não apenas a cabeça, mas todo o corpo do inimigo, colocando-o do lado de fora da habitação; acreditam que o asqueroso despojo atua como uma espécie de "pára-raios" de males que porventura espreitem seus moradores...

Vários agrupamentos formam a tribo jívaro, quais sejam, os antipas, os zaparos, os aguarunas, os huambisas e os patucas. São inimigos mortais e vivem isolados, em constantes migrações, ocultando-se nas mais recônditas paragens da sombria selva virgem. Buscam, com isto, dissimular aos seus perigosos vizinhos sua localização e número, a ponto de um jívaro nunca utilizar a mesma trilha para voltar à sua aldeia.

Quando Iuanchi aconselha o ataque a um agrupamento vizinho, os jívaros preparam-se animadamente para a guerra, e põem-

se, sorrateiramente, a caminho da habitação inimiga. Esta é cuidadosamente cercada e quando as vítimas saem, despreocupadas, são imediatamente traspassadas por setas envenenadas. As mulheres e crianças são poupadas e capturadas e, tão logo dão por concluída a traiçoeira investida, os atacantes voltam pressurosos para sua aldeola, pois temem, aliás com inepta razão, que cedo ou tarde os possíveis remanescentes do inimigo venham em busca de vingança...

ETSA IITSAI

O odioso costume de mumificar cabeças humanas, que tornaria os jívaros famosos, no mundo todo, parece ter sido legado por outros povos sul-americanos.

O valor mágico que os jívaros atribuem à *tsantsa* já era peculiar a certas culturas pré-colombianas mais adiantadas, por exemplo, a nazca ou mochica, no Peru e a diaguita, na Argentina, bem como a certas tribos da América do Norte.

Tão logo os jívaros dão cabo do inimigo, cortam a cabeça do mesmo e a colocam num extrato vegetal, que lhe dá uma coloração quase negra e a conserva contra a ação do tempo. A cabeça é enchida com areia e seixos quentes, substituídos periodicamente, até que o pavoroso troféu encolha, atingindo tamanho não maior que a mão de um homem fechada. O processo prolonga-se por vários dias e a contração da pele é tão bem regulada pelos experientes silvícolas que os traços fisionômicos mantêm-se quase inalterados.

As mulheres não podem participar diretamente da cerimônia de preparação das cabeças; apenas se consente ofereçam bebidas aos celebrantes. O ápice de tenebroso ritual se dá quando a *tsantsa* é dependurada na ponta de uma lança voltada para o poente, em sinal de vitória, enquanto as mulheres entoam, freneticamente, o estribilho: *Etsa Iitsai* (Olhai o Sol!). Dias depois, os jívaros celebram seu sucesso com uma dança alucinante, que logo se converte em orgia indescritível. Depois do festim, é possível comprar uma *tsantsa*, principalmente se o seu proprietário tiver o interesse despertado por algum objeto qualquer, por exemplo, um rifle.

Cientistas e colecionadores exóticos já gastaram fortunas imensas, quase sempre inutilmente, para conseguir uma *tsantsa* legítima.



Tsantisa ou cabeça reduzida pelos jívaros.

tima. A coisa chegou a tal ponto que inescrupulosos aventureiros brancos conseguiram captar a confiança dos jívaros, aprendendo o processo de mumificação de cabeças, com o fim de assaltar incautos viajantes, cortar-lhes a cabeça e vendê-la a preços inacreditáveis para desavisados colecionadores...

Por culpa destes ladinos malfieiros, os jívaros tornar-se-iam ainda mais temidos e odiados pelas populações vizinhas. Houve época em que ninguém mais se atrevia a transitar por estradas menos frequentadas do Equador ou do Peru, pois quem o fizesse estaria, na verdade, a namorar a morte, arriscando-se a ter sua cabeça dependurada na sala de algum colecionador maluco...

Alarmadas com tais barbaridades, as autoridades eclesiásticas equatorianas advertiram possíveis traficantes de cabeças que os mesmo poderiam considerar-se automaticamente excomungados se commerciassem ou, mesmo, possuissem um destes imundos amuletos. Tal medida parece ter surtido algum efeito, principalmente por ter sido tomada num país católico por excelência e, a partir daí, as tsantisas sumiriam do mercado negro por muito tempo...

ESTADOS UNIDOS

PUEBLO

Debaixo de um sol inclemente, numma região terrivelmente árida, um índio sobe pela ingreme escarpa na qual construiu sua casa. Seu olhar denota profundo desânimo, por saber que a luta que ainda sustenta contra a natureza hostil, de há muito está perdida. Mesmo assim, ele não desiste. Procura, desesperadamente, prover sua subsistência e da família, plantando uma variedade de milho própria das regiões secas, e abrindo canais de irrigação. Está exausto, mas não quer, não pode desistir da luta. Ele é um índio pueblo.

A parte Sudoeste dos Estados Unidos já foi palco do aparecimento de inúmeros grupamentos humanos.

Há milhares de anos, a região já era habitada. Mais recentemente, aparece, na mesma, um povo que tem o costume, à primeira vista curioso, de construir suas povoações sobre escarpas altíssimas. Entretanto, tal hábito tem uma importante finalidade, qual seja, a de uma proteção mais eficaz contra os constantes ataques das belicosas tribos do Norte. Quando atacados, aqueles índios escalam rapidamente as escarpas. Lá em cima, estarão bem protegidos; contam com várias nascentes, além de plantações suplementares de milho e feijão. Se o inimigo tentar subir até as povoações, não faltam aguçadas flechas para "acalmar" o mesmo. Esperam pacientemente que os invasores se retirem. Então, descem até seus campos, devastados pela barbárie do inimigo e iniciam tristemente o árduo trabalho de

semelhança com as chamadas *seitas vermelhas* do Haiti, que levam vida paralela ao vodú propriamente dito.

Também o riquíssimo folclore da Jamaica é fruto do sincretismo de velhas tradições inglesas do século XVIII e da cultura africana que aportou àquele país.

Por sua vez, as Bahamas apresentam um conjunto de crenças religiosas, bastante semelhantes àquelas da Jamaica, enquanto que a religião dos negros da Guiana Inglesa inclui várias entidades do tradicional panteão do Daomé: Massa Grand Gado é a divindade maior; Mama Fon Gran ou Gran Mama é a mãe-terra; Dagowe, a serpente; Legba ou Leba, o homem das encruzilhadas.

No Suriname ou Surinão (ex-Guiana Holandesa, tornado Estado autônomo em 1954 e completamente independente desde 1975), os negros reconhecem a magia branca (*obia*) e a magia negra (*wisi*). A primeira subdivide-se em outros dois tipos de magia: o *tapu* e o *opo*. O *tapu* é instrumento de defesa contra os malefícios; o *opo* busca, *ativamente*, a consecução do bem. O *bakra opo* é um amuleto consistente em um pedaço de papel, onde se inscrevem sinais cabalísticos e se juntam diversas substâncias tidas por mágicas, exatamente como se manipula um *ouanga* no Haiti.

As práticas de magia negra (*wisi*) são de responsabilidade do *wisiman* (correspondente ao *bocort* haitiano). O *wisiman* teria até o poder (como o tem seu parceiro haitiano) de fazer reviver os mortos e pô-los a trabalhar em seu benefício.

Puru wisi (remover o malefício) é atribuição do *lukuman* ou *obiaman*.

DEUSES E SANGUE NO MÉXICO PRÉ-COLOMBIANO

(*Novos aspectos da civilização e da religião dos astecas*)

Pouco antes da descoberta da América, existia no México uma exuberante civilização, a dos mexicas, que, por serem originários de Aztlan, região situada no norte do país, passaram a ser conhecidos, na americanística moderna, pela denominação de *astecas*.

Os fundadores de tal civilização teriam emigrado no ano de 1116 da era cristã, passando a levar vida nômade, sustentada pela caça abundante das planícies setentrionais do México. Buscavam a terra prometida; e sua divindade padroeira, o deus Huitzilopochtli, haveria — à semelhança do Moisés bíblico — de indicar o local da definitiva permanência de seus devotos.

Somente no ano de 1325, entretanto, os astecas encontrariam novo lar no vale do México, quando seus sacerdotes avistaram, pousada num rochedo, uma água de beleza e graça incomuns, sinal inequívoco de que aquele era o local escolhido pela divindade para o estabelecimento de seus fiéis. A região onde isto se passava estava sob o império do orgulhoso reino de Azcapotzalco, que, displicentemente aquiesceu no estabelecimento daqueles desprezíveis bárbaros...

Tamanho descuido seria fatal; hábil e paulatinamente os astecas foram expandindo sua influência política por todo o vale e quando Azcapotzalco, alarmada, pretendeu reír seu poder, já era tarde. Associados a outros indígenas da região, os astecas arrasaram os exércitos inimigos, reduzindo a capital de Azcapotzalco a escombros e seus habitantes a escravos.

Curiosamente, a região onde os astecas haviam se estabelecido, por determinação de Huitzilopochtli, era desolada, pantaneosa e insalubre, o que só fez estimular ainda mais os filhos de Aztlan, que passaram a construir, com férreo entusiasmo, magníficas ilhas artificiais de junco e galhos solidificados com barro, bem como a desenvolver ricas plantações de cereais. Isto não bastava para os novos senhores da região, que se lançaram à edificação de fantástica metrópole, dotada de enormes e lindos templos e residências, entremeados por jardins multicores irrigados através de canais. E não satisfeitos com os esplendores de sua capital, a que denominaram Tenochtitlan, voltaram suas vistas cheias de cobiça para povos e regiões vizinhas, confiantes, mais que nunca, no sucesso de suas futuras investidas militares, mais que se achavam sob a convincente proteção de Huitzilopochtli. Mal poderiam adivinhar que seu guia e protetor, após influir, decisivamente, nos sucessos iniciais do povo asteca, marcaria de forma dramática o trágico fim de sua civilização...

DEUSES E SANGUE

Os astecas adoravam uma infinidade de deuses; a exemplo dos antigos romanos cultuavam, também, as divindades dos povos conquistados, rapidamente incorporadas ao seu flexível pantheon. Acreditavam que vários mundos haviam precedido o nosso e que cada um deles ruína em meio a tenebrosos cataclismos, em que a humanidade sempre fora totalmente destruída. A última criação do homem havia sido obra de deus Quetzalcoatl (serpente emplumada), que, descendo ao mundo dos mortos, recolheria seus ossos e os esparçira com seu próprio sangue, dando-lhes nova vida e transformando-os na própria humanidade. Na criação do primeiro mundo, os deuses se sentiram em dificuldade para criar o Sol. Uma insignificante divindadezinha, desprezada por seus maiores, teve um gesto de inesperada grandeza, ao se lançar numa enorme fogueira, de onde resurgiu transformada no astro-rei. Este, no entanto, permanecia, sem vida, eis que para poder subsistir, necessitava da substância mágica denominada *chalchihualt*, somente encontrada no sangue humano. Para que as trevas eternas não apaguem a vida do Sol, portan-

to, são imprescindíveis sacrifícios humanos. Fugir a este dever significa traição aos deuses e à própria humanidade.

Assim, por terem sido criados à custa do próprio sacrifício do Sol, os astecas a ele deviam agradecer com o que tinham de mais precioso, ou seja, a própria vida.

A idéia de que o homem é colaborador indispensável dos deuses, já que estes não podem subsistir sem sangue humano, transpõe-se de forma chocante no sangrento culto de Huitzilopochtli, parece de forma chocante no sangrento culto de Huitzilopochtli, considerado a própria manifestação do sol a pino. Ele é o jovem guerreiro que nasce todas as manhãs do ventre da terra e morre todas as tardes, partindo para o mundo dos mortos a fim de iluminá-lo à noite. O povo asteca é o povo eleito pelo sol; é, portanto, responsável por sua sobrevivência! A guerra toma características singulares na civilização asteca; ela é inevitável, pois representa o único meio de obter, permanentemente, sangue para os deuses, permitindo ademais a expansão política. Como faz ver George C. Vaillant,¹ o sucesso militar só podia ser obtido pelo favor divino, e assim o sacrifício levava à guerra e esta, novamente, ao sacrifício humano, série infinita de círculos em expansão.

Acrescente-se, a tudo isto, a tendência que apresentavam os astecas para a realização de sacrifícios humanos, característica do Tamonahua do qual aqueles faziam parte, e teremos uma idéia aproximada das singulares conotações que apresentava a religião mexicana. Ninguém podia se considerar a salvo na época; qualquer deslize significava a própria condenação à morte, não importa de onde viessem as vítimas destinadas a saciar a sede de sangue dos deuses. Uns, pela própria condição de escravos — e qualquer pessoa estava sujeita a cair em desgraça —, outros, pela condição de prisioneiros de guerra, podiam, a qualquer momento ter a "honra" de conhecer, pessoalmente, Huitzilopochtli... E não era só; podiam ser sacrificadas, também, as crianças não nascidas num bom signo, bem como as mulheres que, num lapso de justificável vaidade feminina, acrescentassem à sua aparência um toque de elegância incabível na severa postura imposta pelo Estado! Diga-se o mesmo de funcionários públicos que

1. George C. Vaillant, *Os Astecas do México*. Lisboa, Ulisseia, 1978, p. 189.

comessem alguns insignificante engano no desempenho de suas funções, bem como daqueles comerciantes que ficassem demasiadamente ricos, mesmo licitamente. Um dançarino palaciegocorreria um passo na dança também não estava livre de fazer companhia aos deuses... Já se percebe, do exposto, o estado de tensão em que deveria viver o mexicano da época pré-colombiana.

Ao deus das chuvas, Tlaloc, os astecas sacrificavam crianças, mediante afogamento; a Huehuetotl, deus do fogo, lançavam infelizes num enorme braseiro, sendo as vítimas, curiosamente, anestesiadas com haxixe. Ao deus Xipe Totec esfolavam seres humanos cuja pele, imediatamente após o martírio, era vestida pelos sacerdotes. Hernâni Donato² anota que tão estranho ritual tem um significado bem determinado: simboliza a "mudança de pele" da terra no começo da estação das chuvas, quando as searas vicejam...

Curiosa é a posição da investigadora Alma Elizabeth Del Rio, que nos diz "A vítima humana, como o caso do jovem sacrificado ao deus Xipe Totec, é a encarnação da divindade e símbolo vivo do deus, que consegue, por meio do sacrifício, a renovação da vida e, por sua vez, propicia a renovação da vegetação no início da primavera; por isso o sacerdote que vestia a pele do jovem desolado acreditava nas propriedades mágicas de rejuvenescimento que os despojos lhe conferiam, por um mecanismo inconsciente de projeção-introjeção ligado à magia homeopática. Quando os sentimentos agressivos em relação ao pai e a culpa resultante, que deram origem ao totem e ao tabu, ficam ocultos no inconsciente, o sacrifício adquire o caráter de súplica ao pai-deus idealizado e muito mais temido do que quando estava vivo, para que seja favorável na agricultura, que dá sustento e vida. O sacrifício, seja em massa ou individual, é sempre a expiação de uma culpa consciente ou inconsciente, no qual a vítima substitui o pagador".³

2. Hernâni Donato, *Dicionário das Mitologias Americanas*. São Paulo, Cultrix, 19, p. 261.

3. Alma Elizabeth Del Rio, *Bases Psicológicas da Cultura Azteca*, México, 1973, p. 257.

APOTEOSE E MALDIÇÃO DE HUITZILPOCHTLI

Seja qual for a interpretação que se pretende dar à sinistra realidade asteca, o que podemos afirmar, com certeza, é que na época da conquista espanhola ela já atingira aspectos verdadeiramente tenebrosos e revoltantes, bem mais impressionantes que os de outros sistemas religiosos. Exemplo frisante disto é a deleteria influência promovida por grupamentos nahuas, portanto astecas, junto a comunidades maias. O célebre poço dos sacrifícios de Chichén Itzá não é criação genuinamente maia, e sim nahua. A degeneração religiosa dos astecas culminaria com a realização de um horrendo festival em louvor de Huitzilopochtli, levado a efeito em 1487, sob o reinado de Ahuizotl. Fanático religioso e de crueldade ímpar, este soberano faria com que os astecas se tornassem ainda mais temidos pelos povos vizinhos.

As festividades realizar-se-iam na inauguração do grande templo de Tenochtitlan, destinado a saciar a ininterrupta sede de sangue do sol e seu terrível séquito. Aguardando ansiosamente, o acontecimento correspondeu a mais sanguinária expectativa. Durante quatro dias e quatro noites foram imoladas 20 mil pessoas. Quatro filhas, formadas a partir dos pontos cardais, mostravam seres humanos assustados como ovelhas, a pressentirem seu fim, encaminhados brutalmente para o local do sacrifício, onde uma sinistra pedra sacrificial e quatro sacerdotes, fantasmagóricos em seus trajes negros e cabelos revoltos, perfidamente os aguardavam. Cada uma das vítimas era firmemente segura à pedra por sacerdotes coadjuvantes, enquanto aquele que presidia a cerimônia lhe abria o peito com aguçada faca de pedra, arrancando-lhe o coração palpitante. A todo instante, os horrendos ídolos eram aspergidos com o sangue dos sacrificados.

Tamanha insensibilidade marcou o ápice do desenvolvimento de complicadas crenças religiosas, nascidas em primitivas elucubrções de feiticeiros de humilde tribo nômade e concluídas na sôberba civilização de Tenochtitlan, sob a apavorante civilização de Huitzilopochtli. Crenças malditas pelas próprias divindades a que pateticamente se dirigiam, pois, na verdade, os espanhóis já se achavam às portas da civilização asteca, trazendo morte e servidão para os filhos de Aztlan servos de Huitzilopochtli...

O POÇO DOS MARTÍRIOS

"... a um sinal, a fragil donzela foi empurrada, pelos desapietados sacerdotes, para dentro do horrendo poço!"

Tertvel seca se abatera sobre a região de Chichén Itzá, um dos mais adiantados centros da civilização maia. Os sacerdotes mostravam-se preocupados com a situação, enquanto o povo, tomado por crescente desespero e espicacado pela sede, estava prestes a revoltar-se contra os deuses tradicionais.

As pessoas abastadas já haviam perdido quase todas as suas riquezas, atirando valiosíssimas jóias no poço sagrado, a sinistra morada de Chac, o cruel deus das chuvas, implorando, em vão, a benevolência da divindade.

Restava, não obstante, um fio de esperança: o sacrifício de uma donzela em honra do deus das tempestades talvez mudasse o angustioso estado de coisas.

A malfadada jovem seria levada, solenemente, às bordas do medonho poço e atirada nas escuras profundezas, o tenebroso reino de Chac...

LOCALIZAÇÃO E ORIGEM DOS MAIAS

Os maias habitavam a América Central, mais precisamente a Guatemala, Salvador, Honduras e a península do Yucatán, localizada entre o Golfo do México e o mar das Antilhas.

Sua história pode ser dividida em dois períodos: o Antigo Império, que se inicia por volta do sexto século antes de Cristo e o Novo Império, que remonta ao sexto século da era cristã, perdurando até a conquista espanhola. Ao Antigo Império corres-

ponde a cultura quíchua, ao passo que ao Novo Império corresponde a cultura maia propriamente dita.

Inúmeras hipóteses, mescladas com narrativas lendárias, multiplicam o esclarecimento da origem dos maias. Atualmente, muitos autores admitem serem eles um agrupamento oriundo do vale do Mississipi, e seu monumento mais antigo data do ano 292 le do Mississipi.

O clima quente e úmido da região, prejudicando a conservação de documentos, mais a devastação levada a efeito pelos espanhóis, dificultam enormemente um avanço maior nas pesquisas.

Da destruição levada a efeito pelos conquistadores, salvaram apenas três códices que tratam de alguns aspectos da vida cotidiana.

CIVILIZAÇÃO

Os maias formavam uma vasta confederação de cidades-estado, com artes, idioma e ciências comuns, além de ativo intercâmbio cultural e comercial.

Jamais formaram, entretanto, um verdadeiro império. Embora tivessem, em sua história, guerreiros de valor, não eram dotados de índole belicosa. As denominações Antigo Império e Novo Império têm aceção meramente geográfica.

Sua civilização foi simplesmente esplendorosa, nada ficando a dever às mais requintadas da Antiguidade. Edificavam cidades que eram verdadeiras jóias arquitetônicas, sendo Maiapán, Uxmal, Palenque, Tikal, Copán e Chichén Itzá as mais importantes.

Vale frisar que a palavra cidade, quando nos referimos aos maias, toma sentido todo especial, já que, contrariamente ao que ocorre em outras culturas, não eram elas, fundamentalmente, centros de habitação e sim centros religiosos, onde o povo, que vivia nas proximidades, se reunia para a celebração de rituais.

A pintura e a escultura eram do tipo convencional: seguia-se um estilo tradicional, que permanecia inalterado através das gerações.

A escrita era pictográfica: a idéia a ser representada era expressa por figuras desenhadas, vale dizer, se, por exemplo, um escriba desejasse escrever "vejo um jaguar" desenharia um olho e um jaguar.

O sol escaldante, a chuva, a ação deletéria da vegetação tropical, além de arruinarem quase que completamente os grandiosos edifícios maias, tornaram impossível a leitura de suas idéias, expressas nos vestígios de sua civilização.

Os maias desenvolveram um eficiente calendário, pelo qual era possível apontar qualquer dia num período de 30 mil anos e seus sábios determinaram o início do mundo por volta de 3300 a.C., época que se aproxima, de forma curiosa, à escolhida pelos sacerdotes cristãos, qual seja, 4004 a.C..

O clero maia, ao contrário do clero asteca, não era celibatário; as funções religiosas passavam de pai para filho.

As mulheres casavam-se muito jovens e, invariavelmente, tornavam-se excelentes donas-de-casa.

Ser vesgo era sinal da mais rara e exótica beleza, e as moças pintavam o rosto nas cores branca, preta e marrom, para se fazerem ainda mais atraentes...

RELIGIÃO

Os maias adoravam uma infinidade de deuses, espíritos e até duendes. Mam era o deus do mal, divindade perversa que habitava o centro da terra, representado por um velho disforme, constantemente vigiado em suas maroteiras por Tzulatac, deus do bem, jovem e formoso. Huahupach era um gigante malvado, invisível, que ao andar fazia um ruído semelhante ao do moinho de chocolate; quando apanhava algum viajante descuidado, dificilmente deixava escapá-lo ileso. Alux era um simpático duendinho brincalhão, que auxiliava os maias em suas tarefas; os nativos da atualidade ainda crêem na existência desta figurinha que, ao que se conta, chega a movimentar engenhos de açúcar. Chimasman — deusa que possuía uma tatuagem encantada que a fazia invisível —, Tzakil, Tepeu Gucumatz, Alom Cajalom, Bicol, Gotzbalán, Tucumbalán, são, apenas algumas das infíndas veis personagens do panteão maia.

Entretanto, os maias eram, de certa forma, um povo com características monoteístas, já que todas estas divindades estavam submetidas a um ser superior, criador do mundo e de seus habitantes. Esta característica da religião maia seria de grande utilidade na conversão dos nativos levada a efeito pelos missionários cristãos.

O POÇO DOS MARTÍRIOS

Localizada no centro-sul do estado de Yucatán, a região de Chichén Itzá é de formação calcárea, com reservas de água subterrâneas, que afloram à superfície sob a forma de poços tenebrosos, chamados *cenotes*. Aliás, dois enormes cenotes foram reconhecíveis pelo nome Chichén Itzá: *Chi* quer dizer bocas, e *chen* significa poços. Itzá, por sua vez, é o nome da primeira comunidade maia que aportou à região, fundando a cidade por volta de 530 da era cristã. Pois bem, a geografia regional contribuiria para que os sacerdotes de Chichén Itzá adotassem tão estranha para que os sacerdotes de Chichén Itzá adotassem tão estranha quanto cruel forma de sacrificar a Chac, o deus das tempestades, para obterem seus favores. Quando as chuvas escasseavam, e o para obterem seus favores. Quando as chuvas escasseavam, e o espectro da seca se abatia sobre a região, os habitantes das cercanias da cidade aitravam dentro de um horrendo poço situado nas proximidades, considerado a morada do deus das chuvas, to da sorte de bugigangas e objetos de valor, procurando, com isto, comover a divindade.

Quando Chac estava de mau humor e não socorria as plantações ressequidas, os maias não titubeavam em imolar seres humanos em seu louvor, aitrando-os dentro do poço sagrado.

Este odioso costume não pertencia à alma genuinamente maia, sendo fruto da união celebrada entre maias e nahuas, os quais mostravam certa inclinação para a prática de sacrifícios humanos em ritos religiosos. É por volta do ano 1000 da era cristã que tem início a imolação de seres humanos junto ao poço sagrado, medonho buraco de quase 60 m de largura, em cujas paredes ainhnam-se repulsivos lagartos; as águas paradas, esverdeadas pelas algas, apresentam aspecto verdadeiramente atemorizante.

Retrocedamos no tempo; imaginemo-nos em Chichén Itzá, durante cruel estiagem. Vemos toda a população dirigir-se ao alvo-defronte um altar montado nas proximidades. A seguir, todos formam uma longa fila, que vai dando a volta ao abismo, aitrando nas profundezas suas jóias mais valiosas e bolas de resina aromática. O burburinho dá multidão, o lãnguido arrastar das sandálias poeirentas vão se tornando monótonos...

Subitamente, pesado silêncio cai sobre os fiéis! Está próximo o momento culminante do ritual! Acabam de chegar dois sacer-



... a um sinal, a frágil donzela foi empurrada pelos desapiedados sacerdotes para dentro do horrendo poço!

dores, inteiramente pintados de negro, trazendo no rosto estranhas máscaras e, nos ombros, peles de jaguar. Entre eles, uma bellissima jovem muito pávida e delicada, parecendo hipnotizada, completamente alheia ao que se passa à sua volta.

A frágil donzela será sacrificada em honra de Chac, última e desesperada tentativa de convencê-lo a enviar as chuvas tão esperadas!

A moça, completamente envolta numa nuvem de incenso e estonteada pelos narcóticos que lhe deram de beber, começa a caminhar, a infeliz, em direção do poço! O silêncio é absoluto; ouve-se apenas o murmurar dos sacerdotes em enervante ladainha, suplicando a Chac alguma água para o povo. Quando a donzela se encontra à beira do abismo terrífico, é empurrada para as negras profundezas, desaparecendo nas águas borbulhantes. Está findo o cruel ritual!

A DESCOBERTA

Durante muito tempo, a existência deste poço sacrificatório pertenceu ao domínio da lenda. Quem o trouxe para a realidade foi um arqueólogo norte-americano, Edward Herbert Thompson,

que chegou a mergulhar várias vezes nas profundezas do reino dos deus das chuvas, trazendo para a luz do sol belíssimos e valiosos objetos de metal.

No início das pesquisas, acreditava-se que apenas lindas virgens eram imoladas em honra de Chac, mas um pesquisador — Hooton — desfez esta tirada romântica dos maias, provando, ao estudar nada menos que cinquenta esqueletos retirados do fundo do poço, que muitas vítimas eram, isto sim, adultos do sexo masculino e crianças, à parte alguns que parecem ter sido o arcabouço de respeitáveis matronas...

Atualmente, existem cerca de 850 mil maias, incluindo-se as tribos a eles aparentadas — todos evangelizados.

Muitos talvez nem sabiam, ao verem seus filhos olharem curiosos, para o fundo do poço sagrado, que aquele local foi, em passado não remoto, um lugar de sofrimento e tristeza, bem merecendo passar para a História com a cruel denominação de poço dos mártires...

OS MURAIS DE BONAMPAK

(Uma Pompéia pré-colombiana nas selvas tropicais do sul do México)

Ao se completarem, a arqueologia e a história da arte não se confundem. Cada uma destas disciplinas tem um raio de ação próprio. A arqueologia localiza e classifica os vestígios materiais da Antiguidade, situando-os no tempo e fixando suas semelhanças e diferenças. Na história da arte, o plano estético predomina: a ela interessam apenas os objetos dotados de valor artístico, abstraído o potencial científico que lhes venha a atribuir a arqueologia.

Bonampak, pequena localidade edificada pelos antigos maias no sul do México, nas selvas de Chiapas, junto ao rio Lacanhá (ou Lacanja), afluente do Usumacinta, quise na fronteira da Guatemala, constitui o mais significativo exemplo do que se acaba de afirmar. Dado a público em 1946, este posto arqueológico viria a ser um foco de atenção permanente para o arqueólogo e o amante da arte antiga.

Qual a razão de tamanho interesse, suscitado por humilde localidade desprovida de qualquer valor aparente, quando confrontada com as grandiosas realizações arquitetônicas dos astecas, dos incas ou dos próprios maias? Tal razão a encontraremos num pequeno templo de Bonampak: magníficas pinturas murais do maior valor científico e artístico, dignas do apogeu do Renascimento e sem rival em toda a América pré-colombiana.

Tais pinturas chegariam a ser consideradas sérias rivais dos célebres afrescos da Capela Sistina, realizados pelo grande Mi-

chelangelo, além do que vieram a revelar aspectos desconhecidos da vida cotidiana dos antigos maias.

A DESCOBERTA

Duas personagens se acham estreitamente ligadas a Bonampak: Carlos Frey e Gilles Healey. O primeiro foi um irreverente norte-americano que emigrou para as impenetráveis florestas do Petén, no norte da Guatemala, a fim de evitar sua incorporação ao Exército, durante a Segunda Guerra Mundial. Conviveu por dois anos com os lacandões — nativos típicos da região e descendentes dos antigos maias —, adaptando-se perfeitamente à vida cotidiana destes índios. Durante sua estadia, percebeu nossa herói que em determinadas ocasiões os homens da aldeia desapa- pareciam como por encanto, sem que nenhum deles se dispusesse a explicar tal fenômeno. Sua curiosidade, estimulada pela humilhação de se ver relegado a um segundo plano pelos companheiros, seria finalmente satisfeita, quando obteve de seu cunhado, graças à persistência de suas indagações, a verdadeira resposta para o enigma: rumavam os nativos para uma antiquíssima cidade de pedra, totalmente abandonada e oculta por uma sombra e espessa floresta das proximidades. Nesse local havia um templo, cujas paredes pintadas ainda seriam a morada de antigas divindades maias, louvadas periodicamente pelos lacandões, que faziam pleno segredo de tal sítio. Conseguindo persuadir o cunhado a levá-lo até as ruínas, Frey logo chegou a um lugar silencioso e solene. Ouviam-se apenas o grasnar dos papagaios e o farfalhar dos símios nas árvores imensas, ecoando nas distâncias sem fim daquele mundo perdido. Aqui e ali, pedras magnificamente lavradas, mostrando estranhos sinais e figuras humanas, robustos edifícios enegrecidos pelo tempo e sufocados pela luxuriante vegetação, através da qual o sol não penetrava há séculos. Logo percebeu o aventureiro branco que se achava numa cidade onde europeu algum estivera até então! Dirigiu-se, assombrado, para um minúsculo edifício que abrigaria, segundo seu acompanhamento, as divindades ancestrais dos antigos maias. Um humilde templo que, à primeira vista, nada prometia de especial. Adentrando o edifício, Frey viu-se envolvido pela mais negra escuridão e pela indefectível umidade daquelas terras. À medida que seus olhos foram se adaptando ao ambiente, percebeu, as-

sombrado, que as narrativas dos lacandões não andavam longe da realidade! Todas as paredes do templo estavam recobertas de estranhas personagens, de tamanho quase natural, em cenas de grande realismo! Embora os efeitos da umidade já tivessem danificado perante uma descoberta científica sem precedentes. Comunicador reconhecimento! Entretanto, pobres não têm parentes nem merecem crédito. Ninguém lhe dá ouvidos, e o infeliz inicia logo uma caminhada pelo México, em busca de apoio. Acossado pelo má sorte, morrera três anos após o início de sua desdita, afogado no rio Lacanhá, justamente quando chefiava sua ambiciosa expedição a Bonampak. Deixa o palco desta narrativa e cede seu lugar a alguém bem mais afortunado, o senhor Gilles Healey.

Considerado o verdadeiro descobridor de Bonampak, embora tal glória pertença, de fato, a Carlos Frey, Healey teve, entretanto, o mérito de tornar pública a existência da cidade perdida e seus afrescos.

Amante da aventura como Frey, porém mais culto, Healey era, antes de mais nada, muitíssimo bem relacionado, requisito inarademarks, verdadeira paixão pela arqueologia.

Excelente fotógrafo, na primavera de 1946, recebeu convite da *United Fruit Company* para realizar um documentário sobre os lacandões de Chiapas. Nada sabia, então, de Bonampak. Pouco depois de sua chegada é que veio a tomar conhecimento do caso Frey. Ruínas de antigas civilizações, estranhas divindades habitando um templo perdido, isto foi demais para a romântica sensibilidade de Healey! Utilizando sua influência pessoal obtive, de imediato, uma ajuda de custo para as primeiras explorações. Podemos imaginar sua alegria, ao divulgar a descoberta de uma cidade perdida que, a exemplo de Machu Picchu, nos Andes peruanos, passara despercebida pelos conquistadores espanhóis e, durante séculos, por europeus de todas as nacionalidades. Mais: os próprios John Lloyd Shepens e Frederick Catherwood, célebres iniciadores da arqueologia maia, que palmilharam os sítios mais inóspitos da América Central e do México, jamais suspeitaram da existência de Bonampak!

O SIGNIFICADO

Para estudar os afrescos de Bonampak, não se faz necessário viajar até a cidade perdida. Aliás, a camada de carbonato de cálcio que se formou durante séculos sobre as pinturas, em razão da infiltração de água e da conseqüente umidade, embora protegendo-as, tornou sua percepção bastante difícil. Após a comunicação de Healey, os pintores Agustín Villagra Caletti — mexicano — e Antonio Tejada — guatemalteco — levaram a efeito um trabalho árduo e paciente, copiando os murais durante meses, até os serviços arqueológicos do México reconstituírem, com requintada fidelidade, o templo e as pinturas dentro do próprio Museu Nacional!

Pouco se conhece, ainda hoje, da história de Bonampak, embora seja possível conjecturar a respeito. Embora saibamos que as pinturas foram elaboradas por volta do século VIII da era cristã, o próprio nome da cidade — atribuído pelo grande arqueólogo Silvanus G. Morley — é recentíssimo, significando "muros pintados"!

Antes da descoberta de Bonampak, as mais expressivas mostradas da arte maia se achavam em Tulum, no Yucatán, litoral do Caribe. Com Bonampak passamos a ter uma visão muito mais ampla do grau de perfeição que atingiu a pintura entre os ancestrais dos lacandões. À parte seu valor documental, os murais de Bonampak constituem uma incomparável mostra da técnica do pintor maia, seu bom gosto na aplicação das cores e sua segurança no retratar o realismo das cenas.

As pinturas de Bonampak constituem afrescos. Que são afrescos, afinal? O afresco é uma espécie de pintura realizada sobre o cimento ainda úmido. A cal vem a ser, simultaneamente, o aglutinante para os pigmentos e a cor branca. As tintas, de base mineral, após secas, se tornam mais claras e nítidas. Curiosamente, a quantidade de cimento colocada na área a ser pintada não deve ultrapassar a rapidez que o artista possa desenvolver num só dia, caso contrário formar-se-á uma película de cal sobre a pintura, estragando-a irremediavelmente. Isto ocorreu na Capela Sistina e em Bonampak. Villagra Caletti chega a afirmar que os afrescos de Bonampak foram iniciados e concluídos em apenas 48 horas; pedreiros e pintores eram obrigados a trabalhar simultaneamente, a fim de que as pinturas não fossem prejudicadas!

Nos murais de Bonampak, o colorido é intenso e variado: sépia, o corpo humano; verde, os penachos; amarelo, branco e vermelho, os ornamentos, tudo complementado pelo famoso e vermelho escuro das paredes. O traço delimitador das figuras foi executado diretamente, sem retoques.

Frise-se que os murais tratam as personagens equitativamente, independentemente do escalão social a que pertenciam. A todo foi votado o mesmo cuidado artístico; distinguem-se as classes sociais apenas pela maior ou menor riqueza da indumentária.

O templo onde se encontram as pinturas murais compreende três recintos, cujas paredes retratam uma narrativa um tanto confusa para os estudiosos, a tal ponto que J. Eric Thompson, conhecido arqueólogo, cultor da civilização maia, afirmou ser impossível, no atual estágio de informações sobre Bonampak, interpretar definitivamente as pinturas deste sítio arqueológico.

Seja como for, não se pode deixar de fazer suposições a respeito. Assim, no primeiro recinto estariam representados os preparativos para uma cerimônia propiciatória, às vésperas de uma batalha. Os participantes postam-se ao lado de seu comandante (*halach uinich*), sentado numa imensa cadeira. Numerosos escravos sustentam os magníficos penachos e mantos, confeccionados em peles de jaguar e adornados com jade e plumas. Enquanto uma vasta procissão, encabeçada por três nobres, aguarda o sinal para iniciar os ritos, músicos examinam seus instrumentos e bailarinos, portando máscaras, aguardam seu momento de atuar. Do outro lado, vários cortesãos conversam animadamente.

Já o segundo recinto mostra a batalha propriamente dita. Sobre um fundo estilizado, representando uma floresta, os guerreiros de Bonampak, vitoriosos, vão arrancando as unhas dos vencidos. Enquanto um destes infelizes, denotando intenso padecer, se arrasta sobre alguns degraus, um corpo decapitado e uma cabeça humana depositada em algumas folhas revelam toda a crueldade da campanha militar. Isto é bastante significativo, pois, até o momento da descoberta de Bonampak acreditava-se que os maias eram um povo invariavelmente pacífico, voltados apenas para a arte e o pensamento, tanto que são considerados os grandes do Novo Mundo. Acredita-se, atualmente, que sua belicoidade é originária da mescla com povos bárbaros do norte. É no

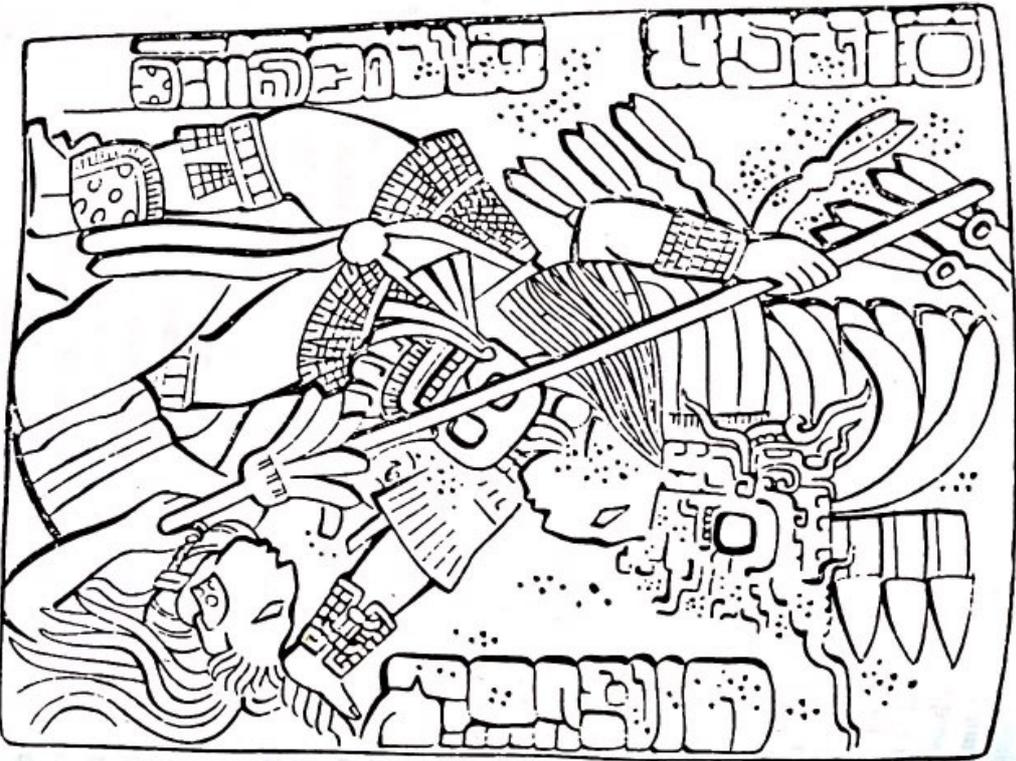
segundo recinto, sem dúvida, que os afrescos cobram uma inimigável sensação de movimento, como se o pintor captasse um instantâneo da cena chocante de uma guerra.

No terceiro compartimento é celebrada a vitória. Trajando ricas vestimentas, os bailarinos do primeiro recinto entram novamente em ação, ao ritmo de tambores, carapaças de tartarugas percutidas com chifres de cervos e longas trombetas. No meio de uma escadaria, dois escravos desamarram os braços do cadáver de um cativo que havia sido atirado do alto de um edifício, ao passo que o próprio *halach uinich* e várias cortesãs furam a língua com aguçados espinhos, em auto-sacrifício de agradecimento aos deuses pela vitória, atitude que, em última análise, seria fruto da influência dos mencionados bárbaros oriundos do norte, habituados aos sacrifícios de sangue.

Voltemos ao segundo recinto. Como já vimos, aqui temos uma cena de guerra. Soldados investem contra camponeses, representados estes com a tez mais escura, completamente desarmados e quase desnudos. Os guerreiros seguram-nos violentamente pelos cabelos, com o que se demonstra que são cativos. A repressão mostrada nas paredes deste recinto indicaria ser Bonampak cruel e vingativa por natureza, ou influências externas teriam levado seus governantes ao hábito de tais represálias?

Sabemos que, por volta do século IX da era cristã, ao norte do México a esplendorosa civilização de Teotihuacán começara a se desintegrar sob a ação destruidora de toltecas invasores, belicosos e praticantes de sacrifícios humanos. Já nessa época a influência tolteca estava a se fazer sentir em Chiapas. Bandos invasores ocupavam o istmo de Tehuantepec e a costa do Pacífico, passando a controlar as fronteiras setentrionais do mundo maia. A rápida implantação tolteca em território mexicano provocaria a diminuição de oferendas não sangrentas, como o caucho e o copal, substituídas por corações humanos ainda palpitantes. As regiões produtoras daquelas oferendas vendidas com enorme mandata a Teotihuacán, passariam a sofrer séria crise econômica. Como em todas as culturas agrícolas, a sociedade maia se assentava no trabalho dos lavradores, trabalho este que sustentava o povo e a nobreza, além dos sacerdotes, os filósofos e os artesãos. As classes dirigentes, encerradas em suas especulações filosóficas e matemáticas, alheias às necessidades concretas da mas-

sa operária, acabariam sendo as principais vítimas da crise econômica vinda do norte, acompanhada do conhecimento de novos povos e novos costumes. A formidável revolução camponesa, apoiada pelos comerciantes e pelos artesãos, não teve grandes dificuldades em aniquilar as classes governantes. Remanesceriam apenas as divindades da chuva e das colheitas, sempre simpáticas aos revoltosos. Em fins do século IX, o movimento estava



Dintel de Bonampak. Guerreiros em luta.

definitivamente vitorioso na maioria das cidades maias. Em todas as partes, cessara o trabalho nas imensas cantieiras; por isso, em nossos dias, tantos edifícios foram encontrados inacabados. Assim, ao contrário do que se pensa, as cidades maias não foram propriamente abandonadas. Somente as representações dos grandes sacerdotes nas estelas e nas pinturas se acham mutiladas em Piedras Negras, Palenque, Yaxchilán e também em Bonampak. Os edifícios, porém, não foram atingidos pelos revoltosos, pois foram por estes ocupados, o que se deduz do elevado número de almofarizes para milho encontrados em tais recintos. Daí podemos conjecturar que os murais de Bonampak descrevem um pequeno episódio da grande revolta camponesa, no qual os nobres levam a efeito uma terrível repressão, que como já vimos em nada resultaria.